

REVISTA DA SEMANA

Nº 20 - 18-5-46

NACIONAL ALFA ROMEO





JOCKEY CLUB MUNDANO

No final da noite, o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos seus frequentadores mais uma das suas muito animadas reuniões. Com sessenta e cinco mesas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade e mais uma vez as elegantes "turtwomen" cariocas concorreram com a sua graça para o grande espetáculo artístico. As fotos que aqui estampamos foram colhidas pela nossa objetiva, nos intervalos das corrações.



UM

N

Por
N C

N O

brasil
tifica
Cat
de he
e out
Natur
foi, s
bado
da sa
Este,
obra.

E é
rismo
é fru
a he
deu
de C
pura
canç
dade
a mo
sua

Na
dez
ilum
perr
danc
vive
ond
o ri
sob
que
reco
sob
inte
gen

N
o t
e i
xas
vag
vio
ao
o d
de
liri
ran
un
I
ser

ac
deNo
nã
po
tar

UM BOÊMIO NO CÉU

Por ADHEMAR
NOBREGA

NO dia 10 do corrente deixou de existir Catulo da Paixão Cearense, a mais vigorosa expressão da poesia popular brasileira, desde quando iniciou o seu pontificado de cantor do sertão.

Catulo foi o rapsodo das nossas tradições de heroísmo caboclo, dos dramas passionais e outros conflitos humanos encenados pela Natureza no agreste palco nordestino. Mas foi, sobretudo, o enamorado da boemia, bêbado incorrigível do luar, escravo irremovível da saudade, uma constante da sua poética. Este, sem dúvida, o aspecto marcante de sua obra.

E é interessante notar que o conteúdo de lirismo sertanejo existente nos seus versos não é fruto de uma convivência prolongada com a heroica e castigada região do país que lhe deu tantos motivos de beleza. Não. O lirismo de Catulo não é obra fotográfica, não é cópia, pura e simplesmente, mas antes, um eco da canção sertaneja, agoitada, tangida pela saudade que o poeta conservou de sua terra até a morte, sentimento que alimentou metade de sua obra.

Nascido no Maranhão, onde viveu até os dez anos de idade, o saudoso bardo de "Mata iluminada" transportou-se para o Ceará, aí permanecendo pelo espaço de sete anos, mudando-se depois para o Rio de Janeiro onde viveria o resto de sua longa existência e onde produziria toda a sua obra. Sendo assim, o riquíssimo manancial de emoções nascidas sob a sugestão tropical da vida nordestina que flui dos seus sentidos poemas é fruto de recordações guardadas desde a infância e sobretudo de uma poderosa capacidade de interpretar os problemas sentimentais da gente boa e simples de sua gleba.

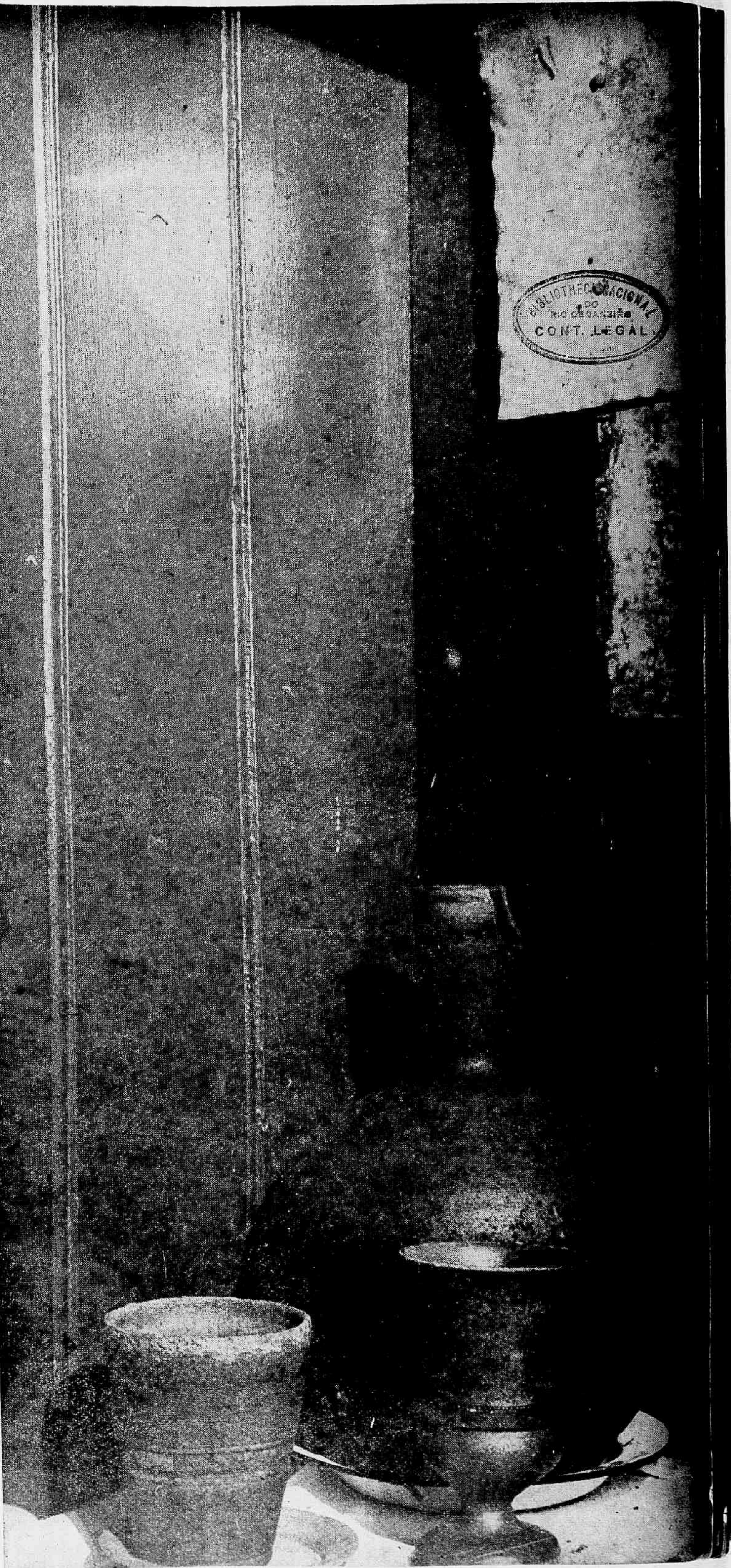
Nas suas três dezenas de livros perpassam o tropel de cavalgadas ruidosas, a distante e indecifrável melodia dos aboios, as queixas de amores incorrespondidos, o rugido selvagem de paixões e ciúmes cujo epílogo é violento como num conto de Maupassant, e ao lado dessas sugestões eminentemente viris, o doce enlevo de noites enluradas, o êxtase de admiração diante da mulher amada, o lirismo envolvente das serenatas que fizeram o encanto de meio mundo, neste Brasil, uns trinta anos atrás.

E assim é que na sua obra se encontram sentenças como esta:

Patrão! O nome de Deus,
seu santo nome sagrado,
êsse nome que é divino,
se foi um dia jurado,
deve sê arrepeitado
no bêjo dum namorado,
cumo no ferro espêiado
da faca dum assassino.

ao lado de versos como os do famoso "Luar do Sertão", em que se o poeta se perde no

Nesta bilha, o velho Catulo guardava água para beber. Já não podia ter aqui, num suburbio carioca, o requinte do pote de barro guardado a um canto da sala, sobre o classico tamborete. Mas se consolava com esta meringa e os dois copos de barro, dos quais ninguém mais se servia.





O cadaver
mais se tor
como morr

encantar
distante:

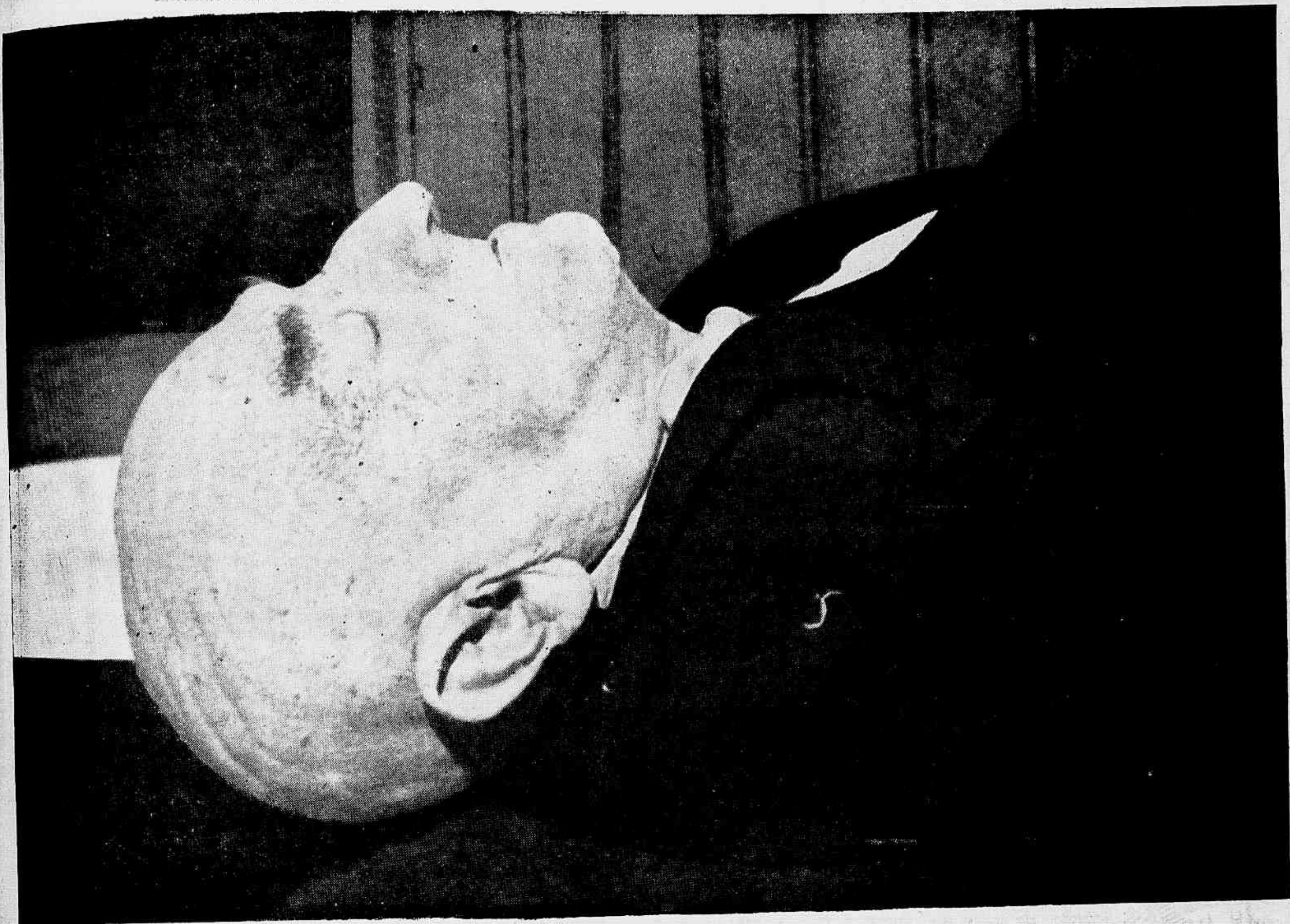
Embo
ciosos, p
quem co
de imag
poesia o
amadure
Assim s

As ve
forma n
Se Deu

Quando

Mas,
tos em

←
Eis o que
de valor o
pinho rep
mo escre
deira vaz



O cadáver de Catulo da Paixão Cearense, o último boêmio. Com a mesma expressão com que viveu durante mais de oitenta anos, Catulo repousa em seu leito de morte. O que mais se tornou admirável no poeta, foi a sua constância aos princípios da boemia lírica. Morreu serenamente numa casinha modestíssima de subúrbio, como havia vivido. Morreu como morrem os velhos marroeiros, levando para a morte apenas a sua lira, deixando aos vivos apenas a sua saudade. Assim desaparece o último vestígio da boemia do Rio de Janeiro. porque Catulo se foi "lá pros sertão do outro mundo, adonde ninguém num vorta, nem vortará, meu patrão".

encantamento das cenas bucólicas da terra distante:

Se a lua nasce
por detrás da verde mata,
mais parece um sol de prata
prateando a solidão!
A gente pega
na viola que ponteia
e a canção é a lua cheia
a nos nascer no coração!...

Embora sem se preocupar com achados preciosos, preferindo ver-se com a fluência de quem conversa, sem "queimar pestanas" atrás de imagens rebuscadas, há lances em sua poesia que se diriam pensados, ruminados, amadurecidos antes de passar para o papel. Assim são estes dois versos:

Não são os anos!... A dor
é que nossa alma envelhece!

As vezes, o encanto da natureza o transforma num místico e há imagens assim:

Se Deus me ouvisse com amor
e caridade
me faria esta vontade
que é meu único ideal!...
Quando a manhã do meu sertão
fosse nascendo
eu também fosse morrendo
como a Estrêla Matinal!...

Mas, se nem todos os seus versos são escritos em português correto, predominando em

várias obras, como em "Mata iluminada", "Alma do Sertão", "Sertão em Flor", "Poemas Bravios" e outros o dialeto do "hinterland" nordestino, é que

Nós fala cumo Deus qué!
A cantiga é brasileira
cumo a casa de sapé!

Entretanto, eram a saudade, os queixumes do coração e toda essa gama de sentimentos que compõem o substrato da lira seresteira que lhe serviram de motivo para os mais belos poemas que no gênero já se escreveram no Brasil. E esta faceta do poeta tanto melhor o identificava quanto levarmos em conta que foi como cantor e compositor de textos para modinhas que ele entrou no cenário das celebrações festivas da nossa média burguesia, no Rio de Janeiro de 1880. Bem características dêsses arpejos de sua lira são as modinhas "Talento e formosura" e "Rasga o coração".

Catulo é maranhense e sertanejo. De nascimento, espírito e coração. As suas obras aí estão para dizê-lo de maneira categórica. Mas, o boêmio é mais conhecido do que o cantor do sertão. Ele é, antes de tudo, e particularmente para o carioca, o seresteiro, o trovador romântico do subúrbio, membro de uma família consagrada pela nossa admiração: Ernesto Nazareth, Sinhô e Noel Rosa. E' uma legenda saudosa do Rio de Janeiro do



Um recanto da biblioteca de Catulo, pobre como todas as coisas da casa do poeta. Livros de versos, poucos livros. Nesta estante está guardado todo o nacionalismo barbaresco e sadio de Catulo: uma juiuti empalhada, a maquete de uma choupana, uma vela, uma santa.

Éis o que ficou de Catulo: o seu velho violão, único objeto de valor que se encontra em sua humilde casinha. O velho violão repousa sobre a cadeira de balanço onde o poeta boêmio escreveu as suas últimas produções líricas. Uma cadeira vazia e um violão saudosos, são todo o legado de Catulo ao mundo dos vivos.

A SEMANA EM REVISTA

"LIBERTÉ, LIBERTÉ CHERIE"!



Segunda-feira foi o dia 13 de maio. Houve nos salões do Instituto Nacional de Música uma sessão solene comemorativa da data promovida por negros, com a participação de muitos negros. Já era tempo. Até há poucos anos, o 13 de Maio era uma festa escolar, com recitativos de versinhos bonitos de Olavo Bilac e José do Patrocínio exaltando a Princesa Isabel e deixando apagadas, lá no fundo da História, as figuras de Silva Jardim, Castro Alves e outros mais. Os negros mesmo, eram apenas um motivo para essa bajulação postuma à filha de D. Pedro II. Nunca apareceu por exemplo, até o presente momento, em discurso ou conferência, a história de Zumbi, Zumbi dos palmares, cujos feitos encheram uma época, cujos heroísmos encheram um século. Até hoje não temos notícia de que um dos famosos e brilhantes oradores das festas de 13 de Maio tenha se lembrado de falar em Manoel Congo, mais próximo de nós cariocas no tempo como no espaço. Em geral, quando se exaltava o 13 de Maio, não se pretendia outra coisa que fazer o elogio da monarquia, dando ao ato da princesa o aura de um milagre de clemência, quando de fato ele não passou de uma manobra política banal, feita no sentido de salvar uma dinastia agonizante. E assim, a libertação dos escravos, longe de passar

como uma revolução social, era lembrada como um ato de caridade. Os negros não tinham a fazer, naquele dia histórico, nada além de agradecer a esmola recebida, com um humilde "Deus lhe pague, sinhozinha", tão ao gosto das damas caridosas de 1888.

Mas não. Os negros brasileiros reagiram a tempo. O seu 13 de Maio foi um princípio, não um fim. Hoje, unidos a Artur Ramos, Gilberto Freyre e outros Silvas Jardins da época, eles aproveitam o dia da libertação para discutir os seus problemas e pedir novas leis aureas, que lhes venham dar os mesmos direitos dos brancos e evitar que a reação, que já faz esboçar entre nós uma campanha racial contra os homens de cor, possa lograr os seus intentos macabros, levantando sobre a Nação as sombras redivivas das senzalas.

Sem pretensão de redentores, os homens dignos de hoje estão dispostos a colaborar com os negros, em prol de sua libertação total. A lei da abolição foi uma obra dos negros. Tudo que eles pretenderem, terão que fazer por suas próprias mãos. Nós, os brancos decentes os auxiliaremos. Mas a glória será de todos, pois os negros são homens como nós e não precisarão de vir buscar entre os caras pálidas conselhos ou direções.

Por isto, nada mais justo que eles mesmos comemorem o seu dia. Mas, esse dia não é só um dia do negro. É um dia de todos os homens dignos, pois todos os homens dignos são irmãos.

OUTRO MAIS



Entre os reis, o rei mais típico, mais característico, mais rei mesmo era o Vittorio Emanuele, a quem iríamos chamar de "O Grande de Saboia", não pudesse esse cognome ser considerado com uma ironia irreverente de nossa parte. Correu mundo, é fato, aquela anedota do lenço, passada entre o pequeno soberano e o carrancudo Mussolini. Apesar do lenço porém, apesar de tudo, era o velho Vittorio o único monarca sobre a terra que ainda se fazia lembrado. Era um rei que cumpria as suas obrigações, um rei anacrônico e ridículo como todos. Ainda outro dia, segundo uma estatística publicada em todo o mundo, ficamos sabendo que Vittorio foi o rei da Idade Contemporânea que bateu o record de declarações de guerra. A relação esclarecia que ele, durante o seu governo, havia rompido hostilidades contra nada menos de 14 países diferentes. Pudemos também adiantar que o pequeno rei da Itália foi o governante monárquico que mais vezes abdicou da coroa. Durante a última guerra, cento e trinta telegramas passados em ocasiões diferentes nos davam conta de que ele havia abandonado o poder, em favor do Príncipe Humberto.

Agora porém é verdade. Há dias o velho Vittorio abriu mão do trono, que está ocupado pelo seu sucessor. A Itália convulsa se divide em dezenas de partidos, todos lutando pela supremacia, apresentando todos programas de salvação nacional, na ansia de solver a angustiosa crise que atravessa o país e que ameaça levar ao caos a terra de Dante. Enquanto isto, um rei é substituído por outro. Vittorio Emanuele abdicou. Já abdicou tarde. Mas em seu lugar não foi colocada, como era de esperar, a República Italiana. Outro rei veio substituí-lo.

Parece aliás que ainda existem monarquistas no mundo, pois fala-se também em implantação de governos dinásticos na Grécia e em outros países. A monarquia está sendo mesmo apresentada como uma táboa de salvação aos que, impossibilitados pela marcha dos acontecimentos de falar alto em fascismo e ditadura militarista, querem a todo custo impedir a arrancada vitoriosa das evoluções sociais. Na própria Espanha, quando o mundo inteiro se volta contra Franco, o "caudillo" tenta entrar em conversações com D. Juan, no intuito de, com um príncipe no poder, continuar o regime de terror falangista, que trouxe de novo à Península Ibérica as camaras de pavor da Idade Média e as torturas dos tempos da invasão moura.

Vittorio Emanuele abdicou. Mas subiu outro rei ao trono da Itália. Mudou o artista. Continua a pantomima.

O RATO DE LONDRES



Era uma vez... um rei? Não. Era uma vez um rato. O rato de Londres. Em Londres há muitos ratos, milhões de ratos. Sem contar o Rio de Janeiro e Hamburgo, talvez seja Londres a cidade de maior população mulgêra do mundo. Mas, de todos os ratos de Londres, houve um destinado a passar às páginas da história judiciária da Inglaterra. Que fez o bichinho? Vejamos:

O rato vivia como vivem todos os animais de sua estirpe, ocupado em roer os pertences de um inglês fleugmático, que lhe dava hospitalidade num buraco da cozinha de sua residência. O rato ranhento roia rapaduras, rasgava as roupas, raspava os ralos. Não deixava nada inteiro. O inglês era fleugmático, mas lá consigo, no silêncio das noites frias de Londres, ouvindo na sua insonia terrível o ruído arreliante do rato a roer rapaduras e restos de comidas, devia dizer muitas coisas feias em voz baixa. Depois saía, procurava o bichinho, mas nada. O patife do rato parece que havia aprendido com o Camondongo Mickey todos os golpes de defesa contra a ofensiva dos homens. Foi por isso que o fleugmático inglês estudou planos, preparou armadilhas, consumiu horas e horas estabelecendo um golpe estratégico para pegar em flagrante o perigoso indivíduo. E tanto se esforçou, que terminou

por pegar. Um avez de posse do rato, matou-o muito naturalmente, como qualquer de nós o faria.

Aí entra em cena a Sociedade Protetora dos Animais, processa o "assassino" acusando-o de requinte de perversidade, consegue do tribunal a sua condenação a um mês de trabalhos forçados. Vai agora o caso à Câmara dos Comuns. Um deputado trabalhista defenderá o raticida, alegando que as razões da Sociedade Protetora dos Animais são contra a propaganda higiênica da Saúde Pública, que incrementa o combate aos terríveis roedores.

Foi assim que o rato de Londres conseguiu entrar no Parlamento. O seu caso será discutido, os trabalhistas estarão contra ele, os conservadores naturalmente serão a seu favor. Os debates prometem ser acalorados; talvez os deputados percam, no aceso das controvérsias, a sua habitual educação e, esquecidos do cavalheirismo britânico, venham a trocar insultos e palavrões.

O caso passará para as ruas, haverá adeptos e opositores do rato de Londres. O Rei estudará o caso, os lords darão o seu palpite. Pode ser que de tudo surja para a Inglaterra o perigo de uma convulsão interna maior que a revolta de Cromwell, maior que a "Guerra das Duas Rosas" — "A Guerra do Rato".

Esperamos porém, para bem da paz e da prosperidade do mundo, que o governo de S. Majestade resolva tudo a contento. "God Save the King".

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 20 :: 18-5-46

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decena das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2642 — Gerência: 22-2680 — Redação: 22-4447
Publicidade: 22-8884 — Fotografia: 22-1812 — Retarda: 22-8888

Sucursal em S. Paulo: — Rua D. José de Barros, 323 — Tel. 4-7808
Corresp. na Bahia: — J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 140
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Te. 33 Avenida 9100 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

NESTE NUMERO

N.º 20
18-5-46

REPORTAGENS

Um boêmio no céu (Adhemar Nobrega) ..	3/5 e 44/46
O pão nosso de cada dia	8/15
17 horas no Mexico (Celestino Silveira) ..	16/17
Figuras e Fatos	37
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	42/43

LITERARIAS

Constituições e Constituintes (Escragnolle Doria)	18
O amor é um caso de policia (Faitle Baldwin)	19
Yang Dente Grande (Pearl Buck)	23
Um gladiador do riso (Mario Cordeiro)	26
Test para moças (Hilda Macedo)	33
Livros Novos (João Luso)	35

CURIOSIDADES

Os velhos tambem vivem	20/21
Um farol-monumento a Colombo	38/39

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Artes Plasticas	34

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Novas bolsas	28/29
Para todas as horas	30/31
Manhãs frias	32
Para mocinhas	40/41
Seu Crochet	50/51

HUMORISMO

De Bom Humor	48
"Charge" de Raul	52

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
---------------------------------	-------

NA CAPA:

Jane Harker, uma nova e elegante "estrela" da Warner

Os Concursos Literários da REVISTA DA SEMANA

ENCERRAR-SE-A DIA 31 O 4.º CONCURSO DE CONTOS

Estamos recebendo até dia 31, os originais de contos para o 4.º Concurso dessa modalidade literária, promovido por esta revista. A exemplo das provas anteriores, serão selecionados os dozes melhores

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e sangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**



contos recebidos, para publicação posterior, concedendo-se aos respectivos autores, o prêmio de Cr\$ 100,00 por original publicado. Em uma de nossas edições de junho publicaremos a relação dos contos recebidos e, destacadamente, os premiados.

CONTINUAM EM JULGAMENTO OS ORIGINAIS DAS PEÇAS DE TEATRO

Ainda em poder do representante do Clube Ginastico Português, na comissão julgadora do nosso Concurso Apolônia Pinto, o escritor Daniel Rocha prossegue o exame das dezenas de peças de teatro recebidas dentro do prazo estipulado pelo regulamento. Trata-se de uma delicada tarefa, que carece de tempo e a devida atenção para um desempenho fiel. Em seguida, esses originais serão entregues aos outros membros da comissão: Joracy Camargo, pela S. B. A. T.; Bandeira Duarte, pela Associação Brasileira de Criticos Teatrais, e Floriano Faissal pela Casa dos Artistas. O autor da peça colocada em 1.º lugar, receberá de prêmio a quantia de Cr\$ 10.000,00, oferta do Clube Ginástico Português, cujo elenco de amadores se incumbirá ainda de representá-la.

CONCURSO DE ROMANCES

Tambem os trabalhos de julgamento continuam de par com o de peças de teatro, devendo conhecer-se o resultado muito breve.

O PINCE-NEZ DE OURO

ORÇAMA DE 1.ª ORDEM
AVIANSE RECEITAS ME-
DIDAS COM EXATIDÃO

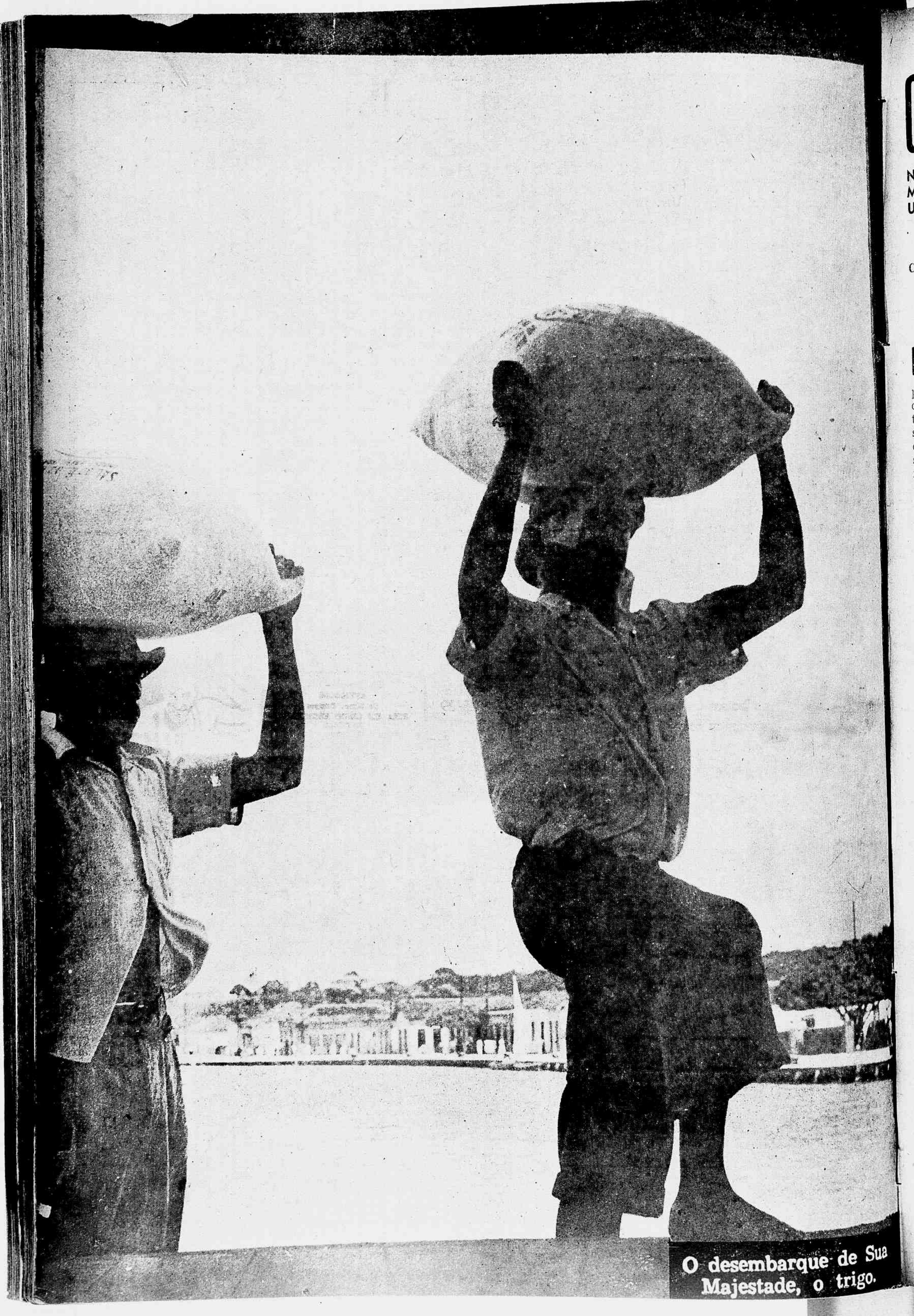
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 23

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4000 - RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



O desembarque de Sua
Majestade, o trigo.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

NUMA PADARIA, ECOA UM HINO AO TRABALHO — DOS TRIGAIS À MESA DE REFEIÇÃO — ATÉ OS PÃES FAZEM FILA PARA ARRANJAR UM LUGAR NO FORNO — UM CICLISTA BRINCA COM A MORTE PARA SUSTENTAR A VIDA — OS DESTINOS DOS PÃES

Escreveu
CELIUS AULICUS

"Um pedaço de pão
E uma garrafa de vinho"...

(Omar Kayhan)

NAQUELES tempos, reunidos todos os apóstolos em torno da mesa, disse Jesus aos seus discípulos, tomando um pedaço de pão: "Este é o meu sangue". E o doce Nazareno mandou também que se distribuíssem as tunicas e os pães. E a sua voz serena ecoou por vales e serras bendizendo os que plantavam as searas e os que amassavam o pão que iria alimentar a humanidade faminta.

As searas floresceram por toda a planície de Galileia, os trigais agitaram ao vento os seus leques louros. Agora, muito longe estamos dessa época em que um padeiro humilde da Palestina amassou numa bacia de barro o pão que seria servido na Ceia do Senhor.

A industrialização fez do pão um alimento prosaico e obrigatório, que já não cabe numa estrofe de Omar Kayhan. O pão passou a ser uma necessidade, não um símbolo.

Hoje, quando encontramos em nossa mesa escassa o pão magro destes tempos negros de racionamento, o que fazemos é comê-lo logo, rápida e vorazmente, sem atentar no símbo-

Fotografou
ARNALDO VIEIRA

lismo heroico deste pedaço do corpo de Jesus, que guarda sua forma o suor, as lágrimas e o sangue de milhares de milhões de seres humanos, que durante séculos e séculos se bateram de lança em riste e baioneta em punho, pela conquista das searas fartas.

Mas, a par da glória desses heróis cantados e famosos, o pão nos conta também a história dos heróis anônimos dos trigais e dos soldados desconhecidos das salas dos fornos, cujo trabalho nos alimenta, fazendo chegar à nossa mesa, todos os dias e à hora certa, o pão nosso branco e puro, que nos anima e nos consola.

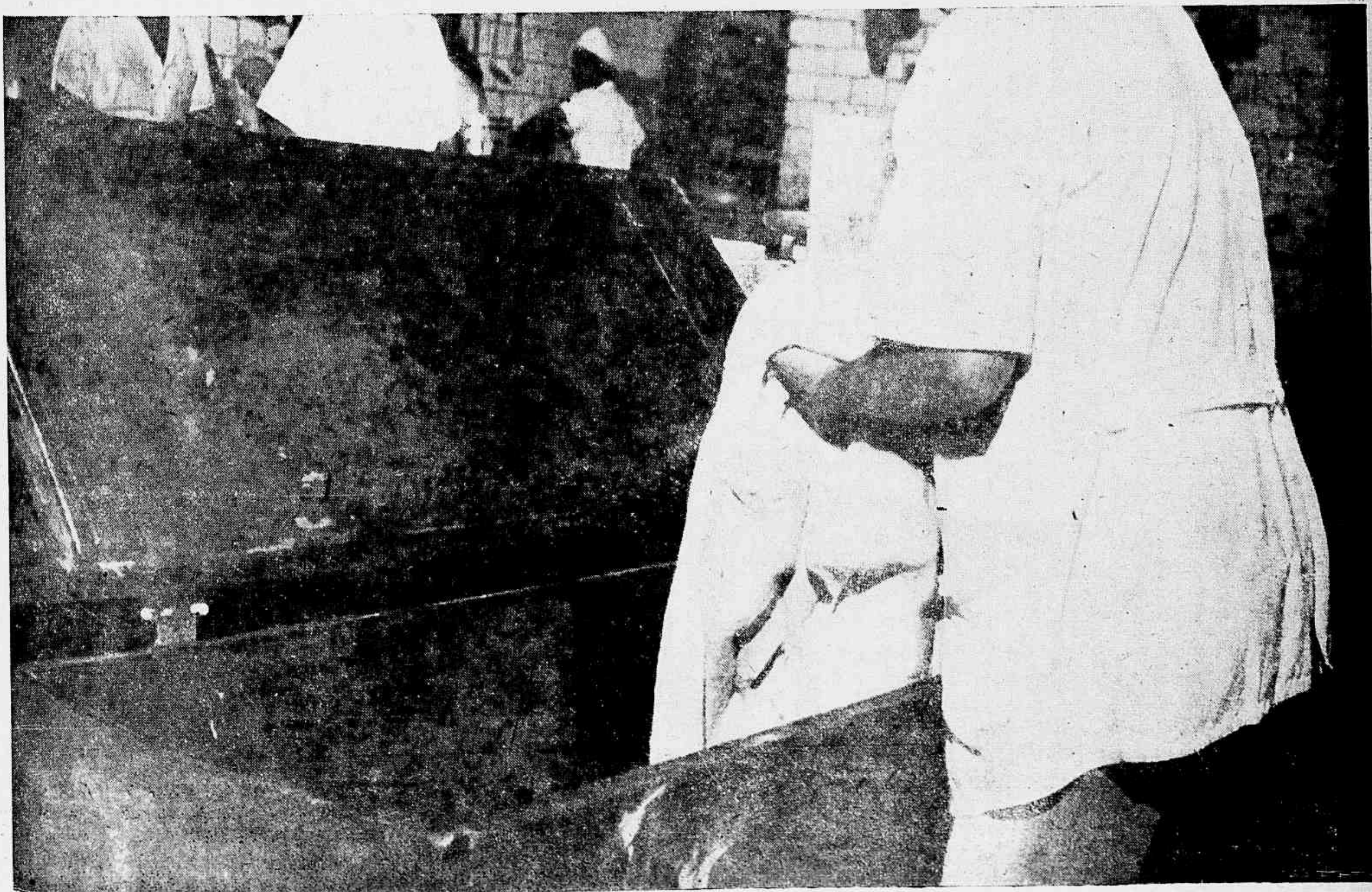
DOS TRIGAIS AOS MOINHOS

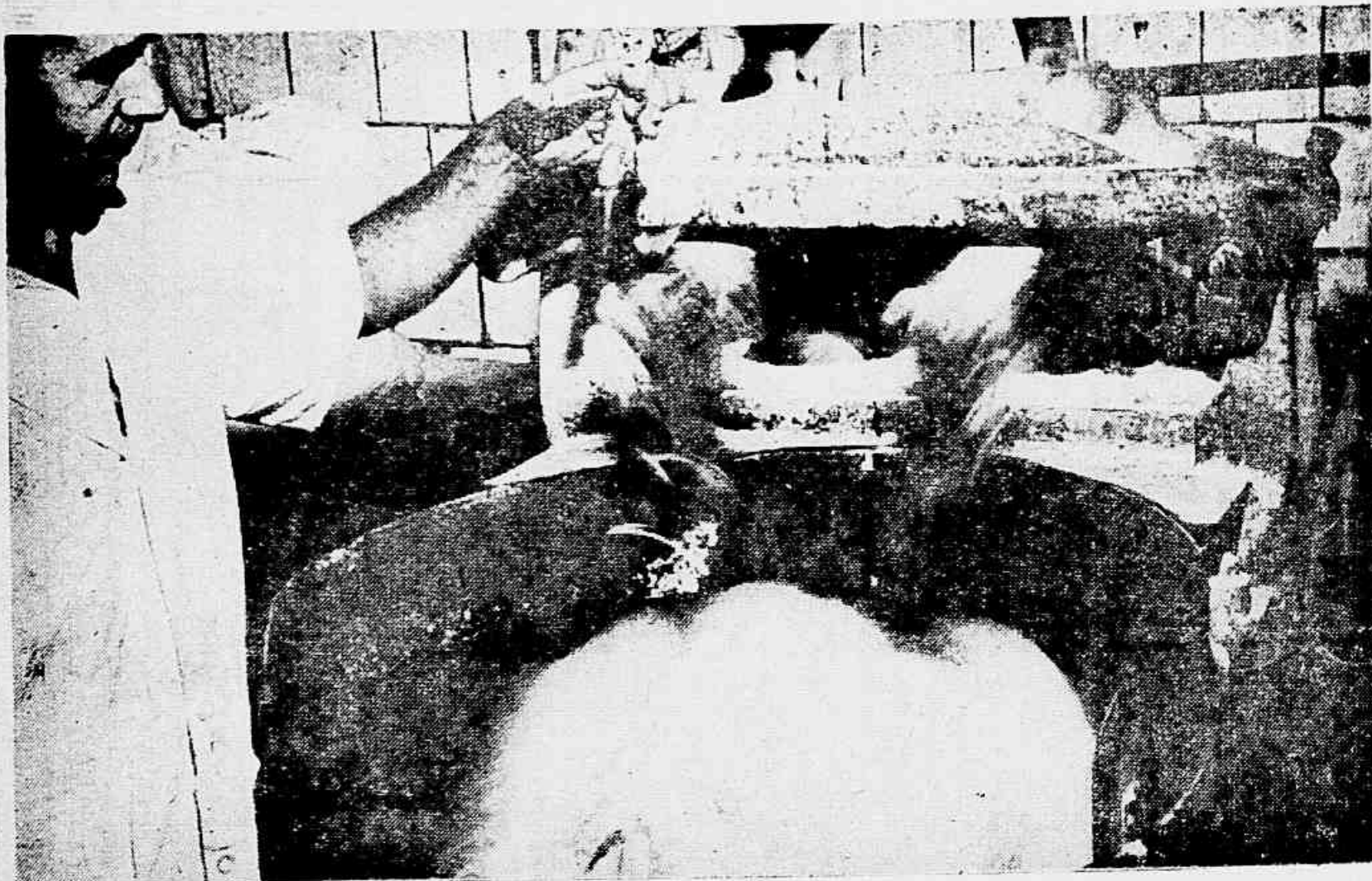
E' muito natural, e isto acontece também conosco, como qualquer mortal, que o homem não se lembre ao comer um pedaço de pão, no que representa este alimento, de trabalho e de sacrifício de camponeses e operários que, sob a chuva e o sol aram os campos, semeiam os grãos, ou se expõem ao calor dos fornos escaldantes, de pé em punho, o torso seminú, o olhar atento.

Antes que o trigo chegue a uma padaria, em forma de farinha, milhares de pessoas já coo-

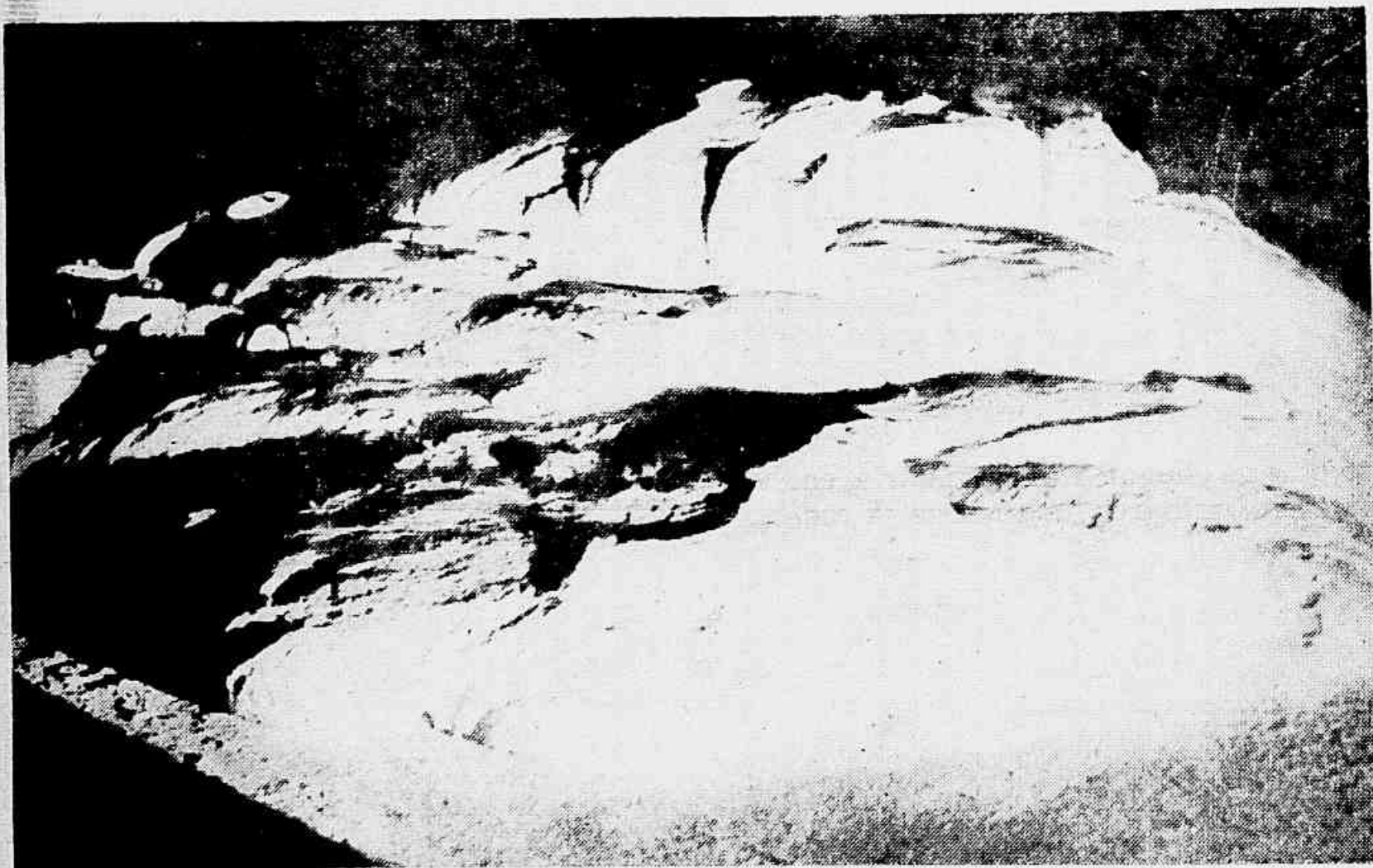
No depósito de uma padaria acumulam-se os sacos de farinha, dispostos em pilhas pesadas. Apesar da quantidade que aqui aparece, a farinha está sendo distribuída em rações às casas fornecedoras de pão, que se vêem obrigadas a restringir a fabricação do produto.

Na amassadeira mecânica coloca-se a farinha, o sal, uma pequena quantidade de açúcar e o fermento. Uma vez revolvida a massa e verificada a sua consistência, está pronto o "fermento". Este é colocado em grandes caixões untados com gordura e permanece abafado dentro do mesmo durante um período de tempo que varia de acordo com as condições de temperatura e humidade do dia. Retirada a massa da caixa, está a mesma pronta a ser empregada no fabrico do pão.





O "fermento" está sendo amassado. A operação é feita com a ajuda da amassadeira mecânica, composta de um grande recipiente metálico, em cujo interior giram os ingredientes. Dois braços de ferro, em movimentos conjugados, revolvem a massa até dar-lhe a consistência desejada. Da amassadeira a massa vai para grandes caixões, onde é guardada até que atinja o crescimento necessário.



Uma vez retirada do caixão, a massa é colocada numa mesa de mármore, onde os amassadores a tornam ainda mais leve, batendo-a repetidamente contra a pedra. Depois, com auxílio de máquinas apropriadas, ou cilindros, divide-se o bloco em pedaços uniformes em peso e tamanho, para que seja afinal colocado o pão no forno. Ali está um grande bloco de mármore posto sobre a mesa de pedra.



Para se fazer o pão de dois tostões, corta-se a massa em pedaços iguais, que dêem, cada um, trinta unidades. A divisão é feita por uma máquina manual, mas os blocos de trinta pães são separados à mão, com a utilização de lâminas metálicas. Antes de entrar na máquina, cada bloco de massa é rigorosamente coberto, para que os pãezinhos não fiquem secos.

peraram na confecção do alimento, semeando, preparando o terreno, colhendo, debulhando, ensacando. Saído das fazendas e dos trigais, o grão foi transportado em trens, carregado por estivadores, colocados em navios, recebido no cais, triturado nos moinhos, recebendo assim os benefícios da mão de obra de legiões de trabalhadores anônimos.

Tomemos porém o pão, para descrever a sua história, no momento em que a farinha é empilhada nos depósitos, quase sempre localizados no fundo das casas de panificação.

NOS FUNDOS DA PADARIA

Nove horas da manhã. Começa-se a preparar a primeira fornada do dia. O mestre da oficina recebe das mãos de seus auxiliares os sacos de farinha a desmanchar. O conteúdo é jogado na amassadeira mecânica, uma máquina elétrica composta de um recipiente fundo e semi-esférico. Uma torneira faz jorrar sobre o pó branco um jacto de água fria. A máquina começa a rodar. Os dois braços de ferro colocados dentro da bacia, movem-se como membros humanos, misturando os ingredientes.

— Estou preparando o fermento, declara o mestre.

É um técnico e gosta de dar explicações sobre o seu trabalho. Desde pequeno trabalha no ofício, criou-se dentro de uma padaria. O seu elemento é esta sala, os seus ouvidos estão acostumados à música estridente da amassadeira e das portas dos fornos. O fabrico do pão não tem segredos para ele.

Está agora com os olhos fixos na massa que os braços mecânicos da amassadeira misturam. Sabe quantos minutos são necessários para que aquela pasta informe ganhe a necessária consistência, tem consciência do tempo exato que deve permanecer na caixa o fermento. O pão deve sair perfeito, pois uma fornada mal feita significa um prejuízo enorme. Mestre Manuel não perde um minuto. Enquanto os seus braços descansam, a sua atenção trabalha. Quando ele começou a trabalhar, trabalhavam simultaneamente os braços e a atenção. Não havia ainda sido inventada a amassadeira mecânica. Punha-se a massa dentro de uma bacia enorme de ferro e revolia-se a mistura com uma pá. Hoje, o cérebro do homem trabalha. Comanda os movimentos dos braços de ferro da máquina, que trabalham também para ele, para ele.

Mestre Manuel retira a massa da bacia.

— Boa consistência — explica. — Aposto que os senhores nem viram quando eu misturei o fermento com a massa. Agora, guarda-se isto durante três horas naquela caixa.

E o operário, juntando os atos às palavras, fecha num grande caixão untado de gordura o grande bloco de "fermento", assim se chama a mistura do levedo com a massa de trigo. O padeiro explica-nos que dali a três horas, aquela pasta será retirada da caixa. O seu volume estará então triplicado pela ação do fermento.

UM HINO AO TRABALHO

Tirando de outra caixa um enorme bloco de massa já preparada, o mestre o coloca sobre uma longa mesa de mármore. Os padeiros começam então o seu trabalho.

Como que dirigidos pela batuta de um maestro invisível, invade a sala uma sinfonia surda, um hino ao trabalho. Ao som de uma canção popular, os padeiros batem a massa, acompanhando o compasso da música com movimentos rápidos de braços. O baque conjunto dos blocos sobre a pedra da mesa forma o fundo da sinfonia do trabalho.



Saída das caixas, a massa é novamente revolvida, desta vez á mão. Na foto acima vemos de que maneira se procede a esta cuidadosa operação, da qual muitas vezes depende a boa ou má qualidade do produto. Daí, o pão irá para a cortadeira mecânica, ou para o cilindro.



A cortadeira mecânica é esta máquina, muito simples tanto em sua estrutura, quanto em seu manejo. O operário coloca a massa no recipiente de alumínio, põe o mesmo sob as lâminas e puxa a alavanca com força para baixo. As lâminas descem dividindo o bloco em trinta pedaços.

Continua a massa a cantar sobre o mar-more o canto de labor: Um, dois, três, um baque surdo. E a voz de tenor de um trovador improvisado canta um samba choroso, cuja letra não condiz muito com a sua condição de trabalhador. E' uma poesia céptica, os versos falam da inutilidade do esforço laborioso. Mas as palavras da canção popular se perdem no meio do hino de labor que canta a massa sobre a mesa. E' um coro ruidoso e forte, que abafa as vozes dos fregueses na sala da frente e chega até a rua como uma mensagem de coragem aos que passam e que irão pouco depois se alimentar com o pão que fabricam aqueles homens. As palavras do cantor são quase imperceptíveis, mas conseguimos adivinhá-las apesar do ruído da grande colmeia:

"Quem quiser suba o morro

E venha apreciar a nossa união."

E mais adiante, num grito de revolta:

"Trabalhar?

— Eu não! Eu não!"

MEDIDO PELA LEI

Num "stacato" imprevisto, terminou o coro. Calou-se de subito a propria voz do cantor. O pão estava amassado. Restava apenas dividir a massa e mandá-la para o forno.

O pão é hoje medido e pesado de acordo com a lei que estipula, para as diversas unidades, preços padrões. Justamente por isto foram adotadas nas padarias máquinas que permitem a divisão mecânica e rápida do produto, evitando o risco de serem vendidos

ou expostos pães que não estejam rigorosamente de acordo com os dispositivos legais.

Tivemos ocasião de ver um dos auxiliares de mestre Manuel fazer funcionar uma destas máquinas. Tomando determinada quantidade de massa, o padeiro colocou-a num recipiente de alumínio, encaixando-o na parte inferior do mecanismo. Puxada uma alavanca de ferro para baixo, desceram sobre a massa trinta lâminas colocadas em círculo, cindindo a massa em igual numero de unidades.

Com uma rapidez espantosa, outro padeiro ia tomando os pequenos pedaços já cortados e dispondo-os um por um na boca de um cilindro, que lhes dava a forma e as proporções com que os pães aparecem nas vitrines.

Uma vez atingido esse ponto da fabricação, em grandes taboleiros forrados de panos grossos, os pedaços de massa eram dispostos em fileiras de quatro.

E sempre a pressa, a agitação, a regularidade vertiginosa dos movimentos a presidir o trabalho. Enquanto um homem cilindrava os pães, outros os acondicionavam nos taboleiros, que iam sendo levados á boca do forno, á espera de uma vaga no interior das fornalhas ardentes. A ultima fase do trabalho é esta. A ultima etapa da massa informe é o forno a vapor, de onde ela já sai em forma e consistência de pão, pronto para ser vendido.

NA FILA

A boca do forno estão dispostos milhares de pães, de todos os tamanhos e formatos. E' uma longa fila que se estende por metros e

metros, como a bicha dos passageiros á espera do onibus moroso que tarda. Mal se dá um lugar com a retirada de certa quantidade de pão já pronto, entra uma nova fornada. A boca enorme da fornalha engole com rapidez a massa, para devolvê-la pouco tempo depois completamente assada e pronta para ser servida á mesa do consumidor.

E a longa fila espera. Vêm os forneiros, colocam os pães sobre taboas compridas e estreitas. Um homem empurra estas pás para dentro do forno e, com um movimento rápido de torsão, põe os pães em seus devidos lugares, separados entre si por um espaço mínimo, que lhes permita o crescimento provocado pela fermentação á alta temperatura.

O forno escalda, os torsos nus dos operários parecem incandescer quando se abre a bocarra de ferro batido. Mas o trabalho prossegue, pois o calor custa dinheiro e o dinheiro não se pode desperdiçar. O suor desce em bagas grossas pelas costas escaldantes, ensopa as calças de algodão, molha os sapatos e muitas vezes chega a correr pelo proprio ladrilho do pavimento. Em nenhum lugar, como dentro desta sala de forno se pode ter compreensão mais exata da frase bíblica: "Comerás o pão amassado com o proprio suor do teu rosto". E nunca pudemos calcular que fosse preciso tanto suor para amassar o nosso pão.

Agora terminou o ciclo de fabricação do precioso alimento. Está pronta a fornada que vimos ser feita desde a entrada para a amassadeira, ainda em forma de farinha, água, sal, fermento e açúcar.

Agora o pão está pronto. Pão gostoso, quentinho, macio e corado. Pão amigo, hostia do pobre, prato obrigatório em todos os menus, alimento universal e democrático indispensável tanto nos palacetes do Leblon quanto nos barracos da Favela. Agora, pensamos que só resta comê-lo, pois as grandes pás de aço já o retiraram do forno e ei-lo empilhado em grandes taboleiros pronto a ser levado à sala de vendas da padaria. Mas o pão ainda dará trabalho a muita gente. Senão, vejamos:

"GANHANDO O MEU PÃO"

O homem da caixa nos conta sua história: — Hoje tenho uma posição mais ou menos elevada aqui dentro. Sou "interessado" na casa. Não pense porém o senhor que eu comecei assim. Não! Comecei por baixo, fui me elevando até atingir este posto. Entrei para uma padaria com quinze anos de idade, como servente. Varria as salas de mesas e de fornos. Depois passei a trabalhar como aprendiz. Fui aos poucos tomando conhecimento dos intricados segredos da arte de fazer bom pão. Consegui fazer-me oficial. Trabalhei em todos os serviços.

O homem da caixa nunca leu Gorki, mas conheceu por certo um pouco da biografia do grande russo, pela experiência própria. É o que deduzimos de sua explanação retrospectiva:

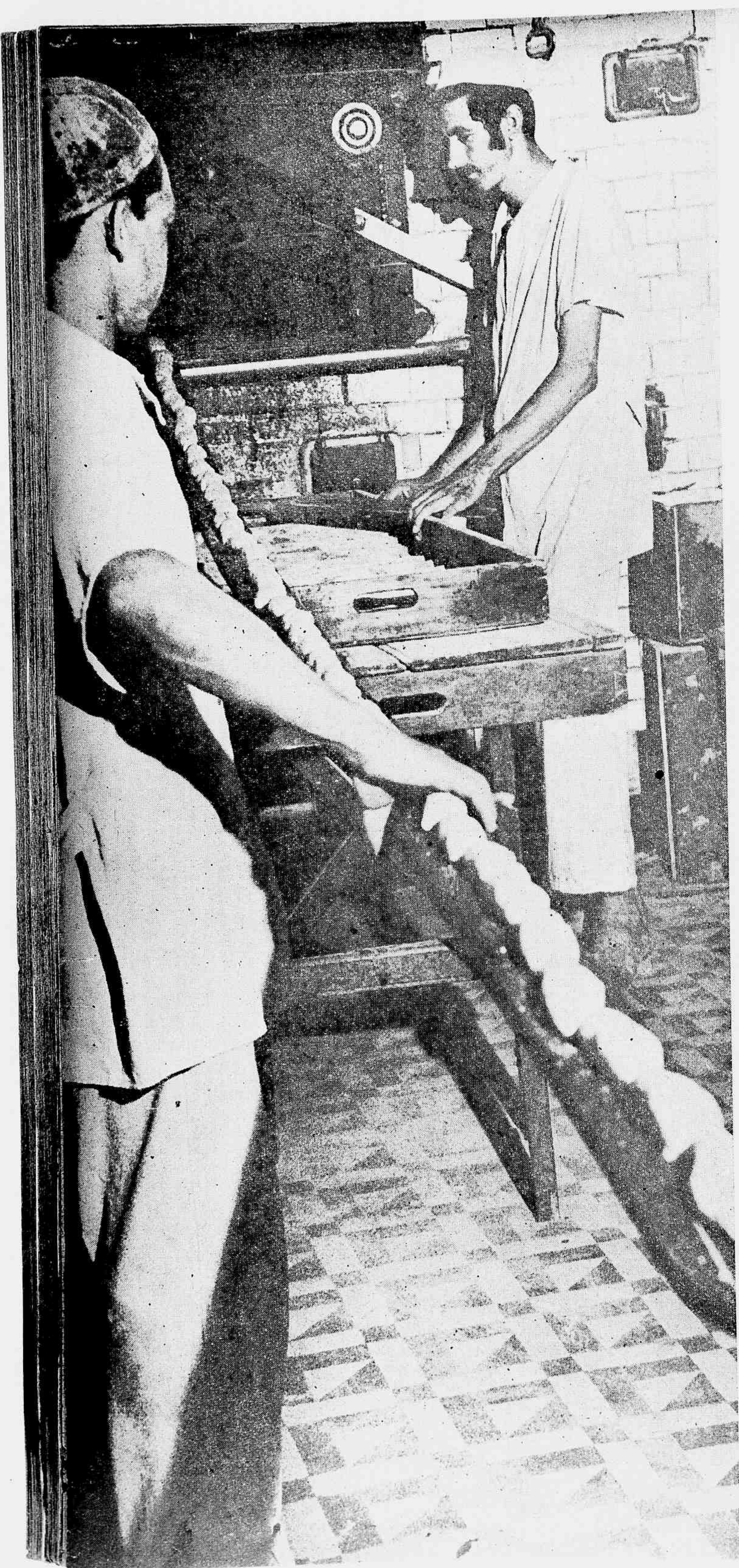
— Posso dizer-lhe, moço, que não há nada mais duro de se conseguir que o pão de cada dia. Para quem isto se apresenta mais difícil e para o próprio padeiro. Fique sabendo disto: á custa de muitos sacrifícios. Durante noites a fio, quando o vento frio gemia lá fora, eu suava bagas de dor, á beira do forno infernal, tendo sempre á minha frente o fantasma da pneumonia. Eram duras as noites passadas assim, eram tristes as noites de trabalho ingrato, com um sono picado furtado ao trabalho, e os sonhos sempre embalados pela musica constante e monótona da massa que batia sobre o marmore. Foram duras as madrugadas de frio e de tempestade, quando eu, depois de amassar o meu pão com o suor de meu rosto, corria as ruas molhadas e perigosas, arrastando a carroça pesada, levando o pão a cada lar, para poder almoçar às nove horas a minha refeição magra: pão com banana. Naqueles tempos não havia leis trabalhistas. O empregado fazia o que mandava o patrão. E se não fizesse, ai dele! Foi assim que aprendi a trabalhar. Aprender a ganhar foi mais difícil. Mas aprendi. Juntei algum dinheiro, fiz-me "interessado". De tudo o que passei, restou-me apenas memória ingrata e uma absoluta idiosincrasia pelo pão. O pão me amarga, o pão me faz mal. Sou alérgico a ele. Há três anos que não como um pedaço de pão. Mas sou obrigado, por força do ofício e por força das circunstâncias, ao contacto diário com o pão, este pão que o senhor vê aí, pão que foi a folhinha e o relógio de minha trabalhosa existência. Quando puder, deixo isto aqui. E nunca mais passarei pela porta de uma padaria. E nunca mais também entrará pão em minha casa.

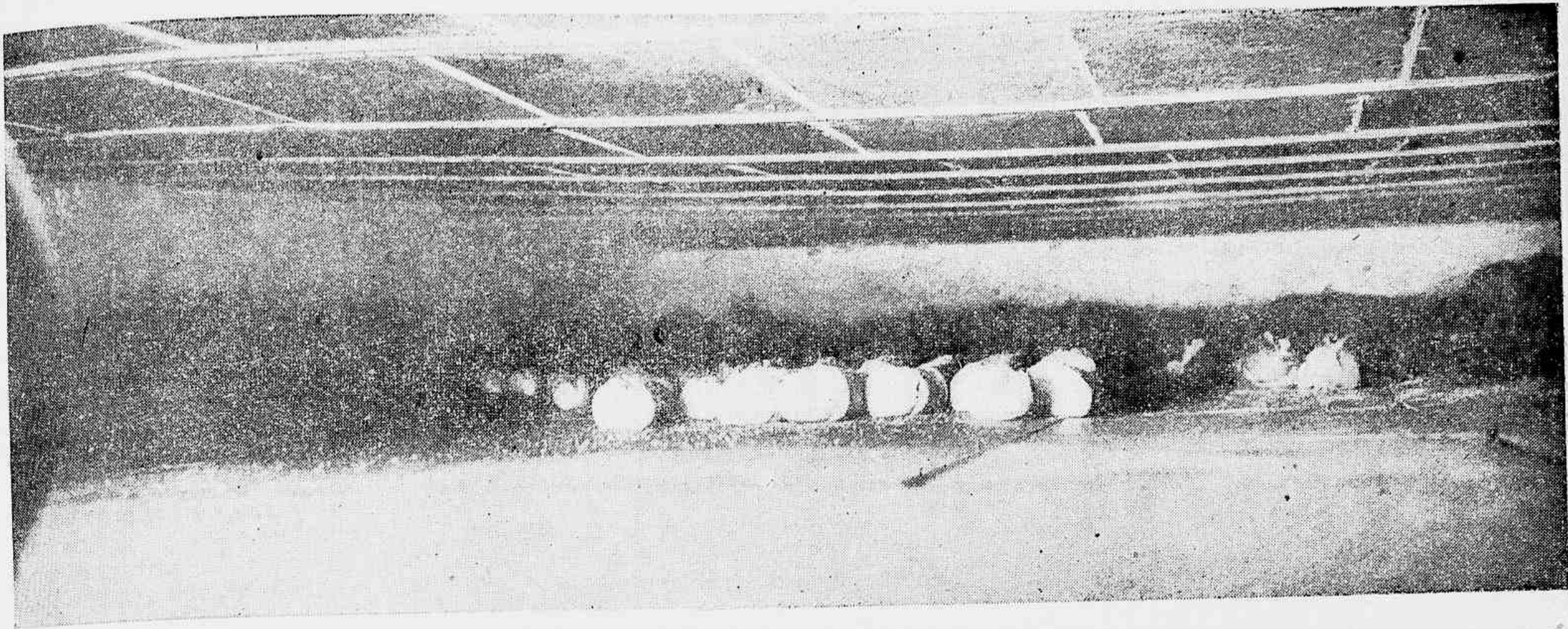
O ENTREGADOR DE PÃES

Chegou um taboleiro cheio de pães, prontos para a entrega a domicilio.

Esta entrega, em cada cidade do Brasil é feita de um modo diferente e quase sempre pitoresco. No Recife há os balaios com as cornetas roucas; em Belo Horizonte há as buzinas fanhosas das carroças verdes; no Rio, em geral, a entrega se fez em bicicleta. Os distribuidores montam sobre o selim da ma-

Entram os pães para o forno. Cada pedaço destes, ao passo que o calor aumenta, vai aumentando de tamanho, até atingir as proporções de um pão de cinquenta centavos. Essa operação é realizada com uma velocidade incrível, para que o forno não fique aberto por muito tempo.





Os pães começaram a crescer dentro do forno. Numa padaria, o trabalho é quase contínuo, com ligeiras paradas para o descanso ou revezamento dos homens. Como se vê pela foto acima, os pães que foram retirados do forno cederam imediatamente o lugar a outros. Os da direita, já estão quase no ponto de serem substituídos. A fornada da esquerda ainda não está completa. Quando esta sair, já estarão no lugar da primeira outros pães. Apesar do racionamento da farinha, quase nunca se encontra vazio um forno de padaria.

quina, com os sacos de pães quentinhos colocados sobre o largo porta-bagagem dianteiro, e lá vão, em curvas perigosas, zigzagando pelas ruas estreitas, assoviando alto para prevenir os pedestres.

Uma fornada de pão fresco vai ser agora distribuída pela freguesia. O entregador se acomoda na bicicleta, os sacos de papel pardo quase lhe tomam por completo a visibilidade. O trabalho é duro, mas o rapaz não perde nunca o seu bom humor habitual.

Com um impulso rápido imprimido ao pedal, desprende-se do meio-fio e começa a correr ao longo do passeio em velocidade cada vez mais acelerada. A rua é movimentada

e perigosa. Mas o moço está habituado a todas as manobras difíceis desse esporte arriscado. Lá se vai ele, em movimentos de malabarista, correndo entre os onibus e caminhões, desviando-se a custo dos pesados bondes da Light, arriscando a vida a cada minuto, no afã de chegar a tempo e hora à casa de cada um de seus fregueses.

Quando um pedestre menos prevenido lhe cruza pela frente, o rapaz grita-lhe ao ouvido, como um aviso sinistro:

— Olha a morte!

Muitas vezes, a morte abraça um destes moços, à traição, sem ser pressentida. Não faz muito tempo que um deles teve a cabeça

esmagada por um caminhão de lenha, ao atravessar o largo da Lapa.

Mas, antes que a morte chegue, eles fazem dela um motivo para brincadeiras, gritando aos ouvidos dos que passam:

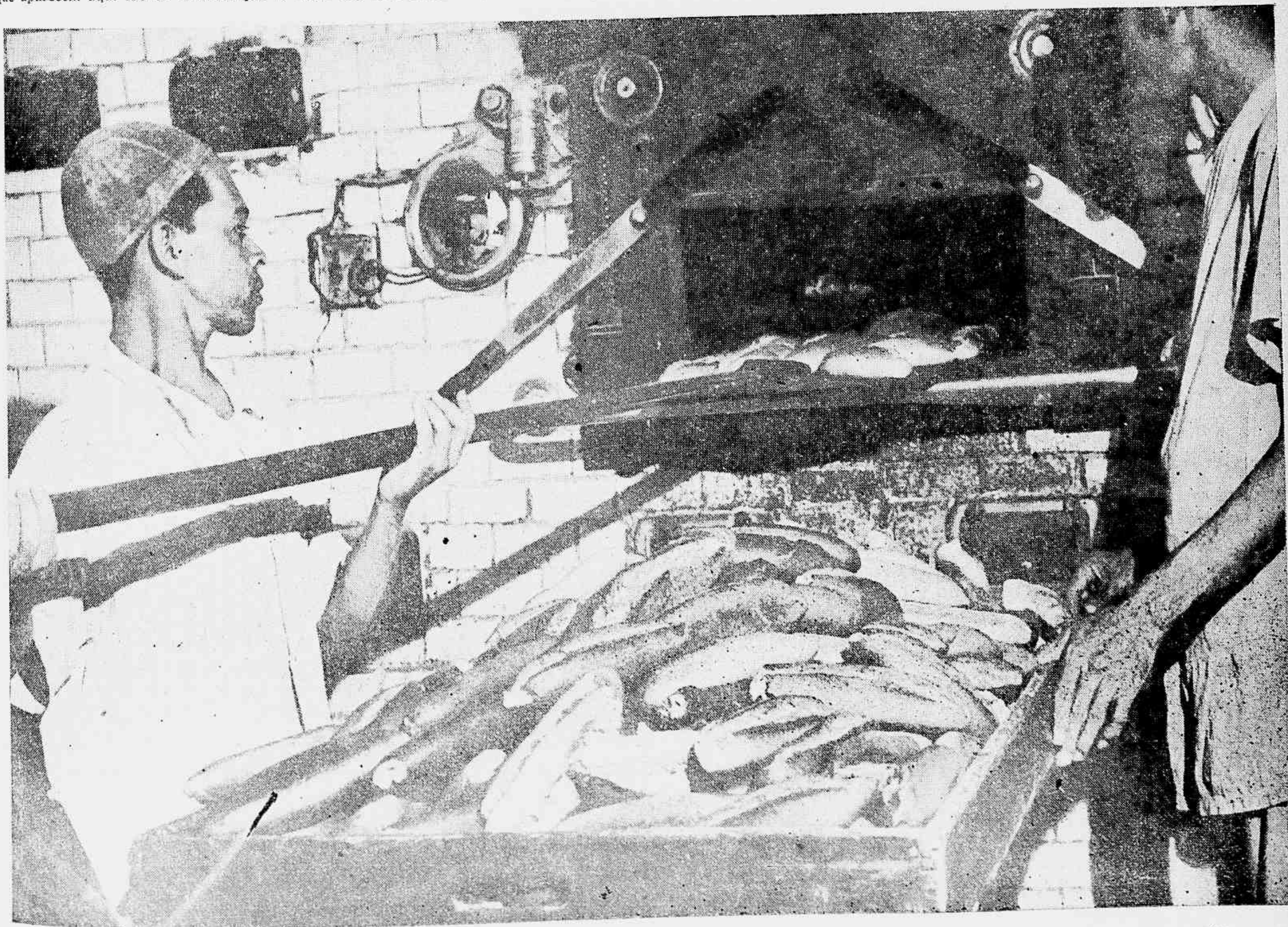
— Olha a morte!

E, conquanto a morte viaje com eles nas bicicleta fragueis, lá se vão os padeiros levar a cada casa o alimento barato e universal, que é a própria base da vida.

UM PEDAÇO DE PÃO

Saimos da padaria junto com a fornada que viramos nascer. Na rua turbulenta, os homens se esfalfavam em trabalhos pesados

Os pães estão prontos. Debaixo de um calor escaldante, os forneiros retiram o alimento já assado, utilizando para tal uma pá enorme cujo cabo mede mais de seis metros. Na foto abaixo reproduzimos um flagrante dessa fase dos trabalhos, que nos mostra dois operários quando completavam a tarefa de fabricação de mais uma fornada. Os pães que aparecem aqui são os mesmos que se vêem nas fotos anteriores, de maneira que se torna fácil fazer uma idéia de como o fermento faz aumentar o tamanho da massa.





Pronto o pão, o entregador sai a distribuí-lo pelas ruas. Hoje não se fabrica no Rio a metade do pão que se fazia o ano passado. A farinha está racionada. Mesmo assim, não é difícil encontrar na rua um destes vendedores.

Média e pão com manteiga. Dobraram o preço da refeição do pobre. Mesmo assim, esse prato de fome, que a carestia tornou obrigatório em todos os cafés, ainda serve de almoço a muita gente boa. Nestes tempos duros, em que uma refeição de restaurante chinês custa Cr\$ 3,50, é um consolo almoçar por Cr\$ 0,80. Considere-se feliz este moço, pois muitos nem o pãozinho têm para molhar no café com... água.

e continuos, no dever de lutar a todo transe pela conquista difícil do pão de cada dia.

A um canto, num portal, um mendigo andrajoso mastigava um pedaço de pão duro e velho, sobra de algum lar abastado, que a caridade humilhante dos prosperos lhe havia deitado na mão. Aquilo é pouco, mas é no momento o que lhe basta. Para conquistar um pedaço de pão velho, este homem anda por vezes leguas e leguas, com o estomago marcando em rancos alarmantes, a quilometragem da fome e da miseria.

E quando consegue uma codea dura, o mendigo e recolhe ao portal para comer escondido a sua refeição humilhante, procurando ocultar dos transeuntes o rosto enrugado, onde a vida ainda deixou um laivo esmaecido de dignidade, que o obriga a afatar-se dos que passam.

Assim foi o destino de um pobre pedaço de pão, que terminou matando a fome de um infeliz, transformado em simbolo da degradação humana e alimentando ao mesmo tempo o habitante do sub-solo da escala social.

"QUE EU NÃO COMA SOSINHO"...

E como Jesus, que havia mandado distribuir as tunicas e os pães, o poeta disse um dia:

"Que eu não coma sosinho o pão que possa ser partido por mim em dois pedaços."

Raros são os que seguem este conceito. Se o proprio autor destes versos, perdido na vastidão do deserto com um companheiro de viagem visse o seu farnel reduzido a um pedaço de pão, estaríamos certos de que ele

saberia estrangular o camarada para comer também o seu quinhão. E não seria de admirar que as carnes do amigo ainda servissem para um succulento "cachorro-quente".

Mas, dentro das comunidades vastas, a solidariedade humana ainda se dá ao luxo de transparecer, enquanto a crise não atingiu o cume da carestia.

Tivemos ocasião de observar o destino de um pão que saiu da padaria de madrugada. Às nove horas, a freguesa colocou o alimento na sacola de seu filho, juntando-lhe um pouco de goiabada. Era uma merenda gostosa, que o garoto mastigou mentalmente durante todo o tempo de aula.

Tocou a sineta para o recreio. Lá se foi o menino, perdido num bando de colegas, para o patio, gozando antecipadamente o "sandwich" doce. Mas, quando trincava o primeiro pedaço, viu que outro garoto, preto e mal vestido, o olhava com inveja. Era um menino do morro e os meninos do morro, quando vão á escola, não podem levar goiabada nem pão para comer.

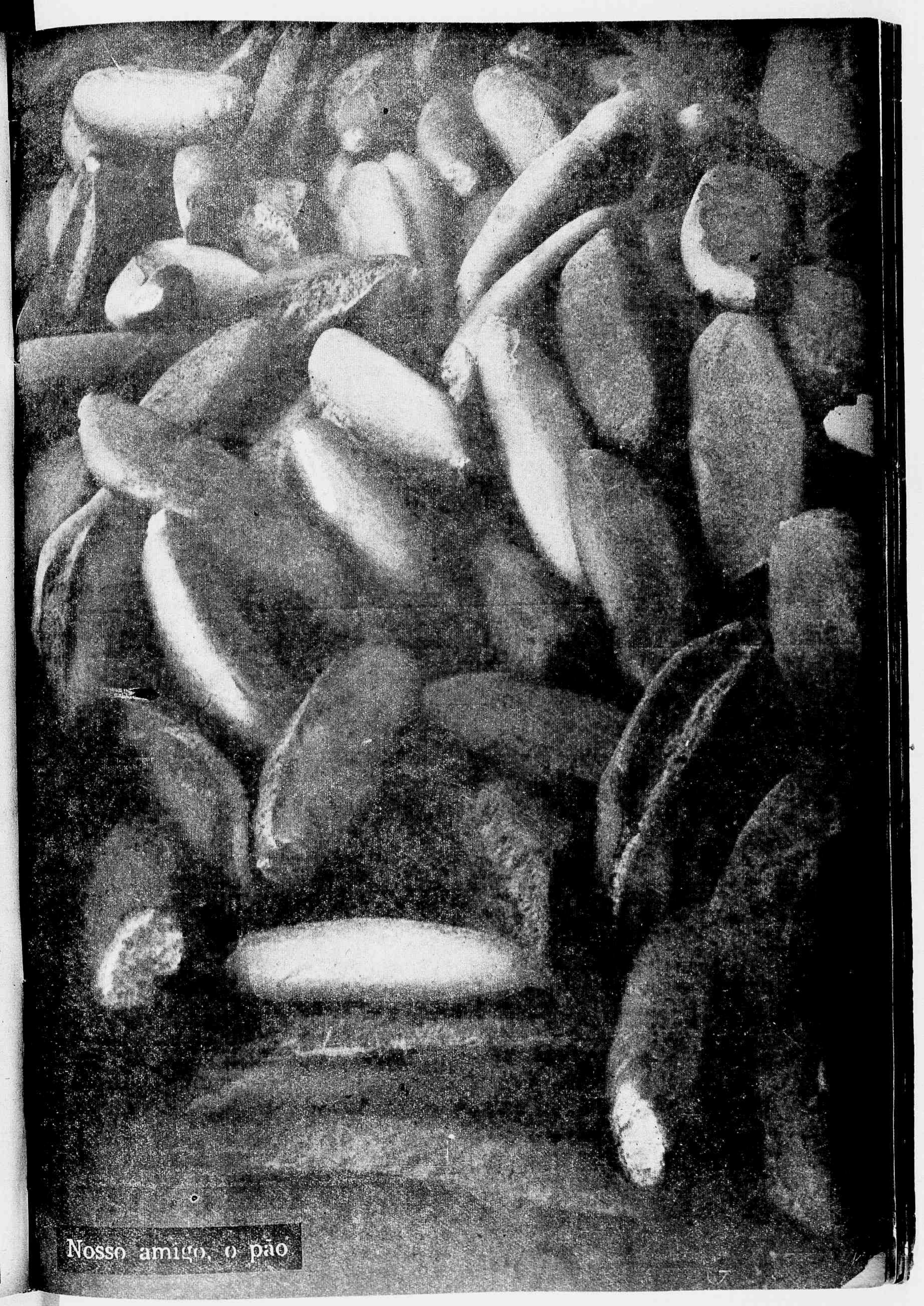
O garoto, num gesto impulsivo, partiu pelo meio a sua merenda e estendendo ao outro um pedaço perguntou com um sorriso:

— Quer?

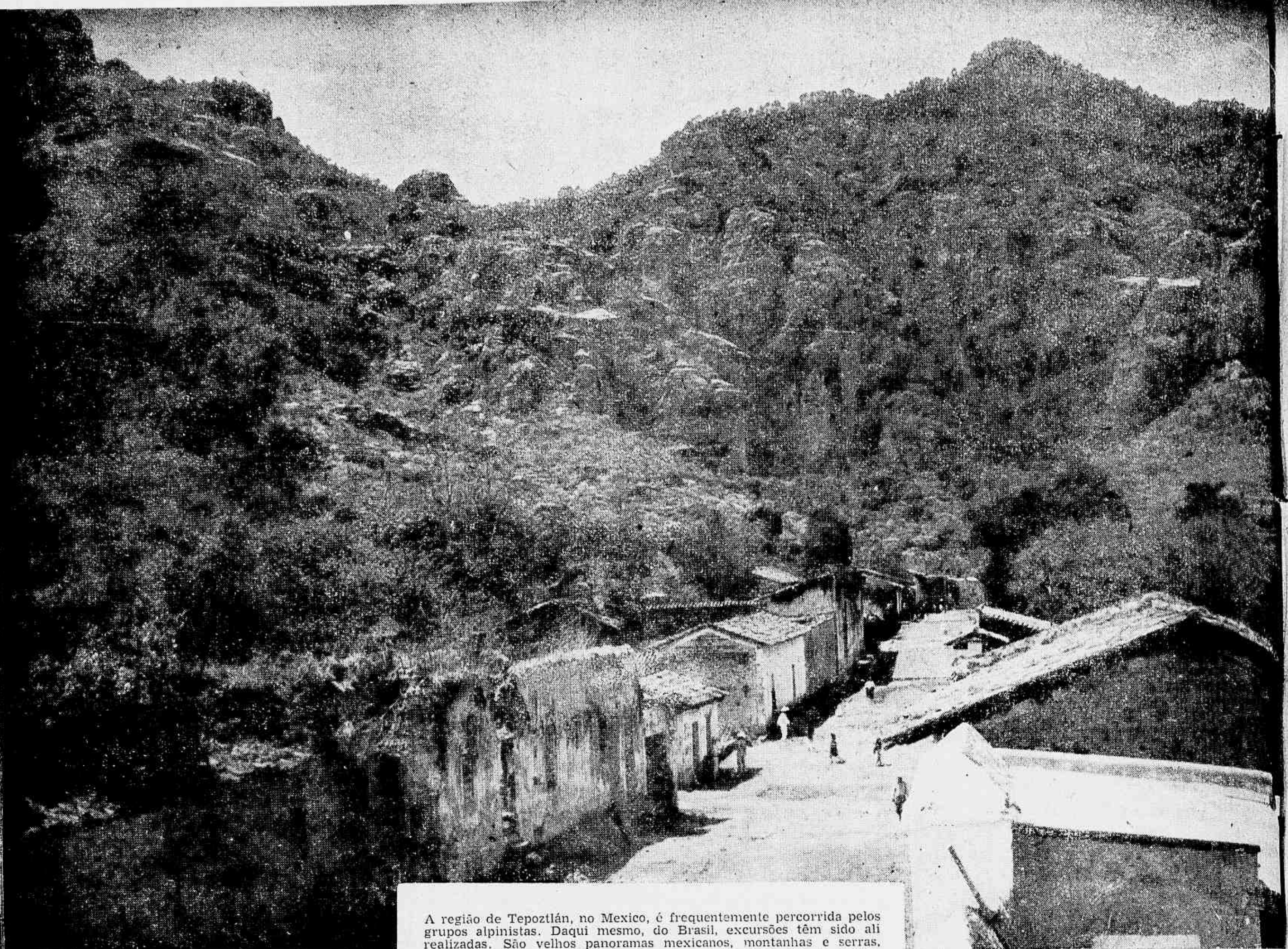
O negrinho não deu resposta. Avançou contra o pão, o pão que era o produto do trabalho de sua gente, o pão que talvez tivesse sido amassado por seu proprio pai. E os dois meninos se sentaram no chão, mastigando em silencio o pãozinho, na confraternização bronca da inocencia. Assim são os destinos dos pães. Até entre eles existem diferenças de classe.

O moço pobre parou na esquina pouco movimentada, tirou do boiso o seu almoço proletario pão com banana. Há já dois anos que esta é a sua primeira refeição. Antigamente, este menu de guerra custava um tostão e meio. A média passou a oito tostões e o pobre operario almoça hoje por quarenta centavos. Amanhã, estará comendo pão com pão...

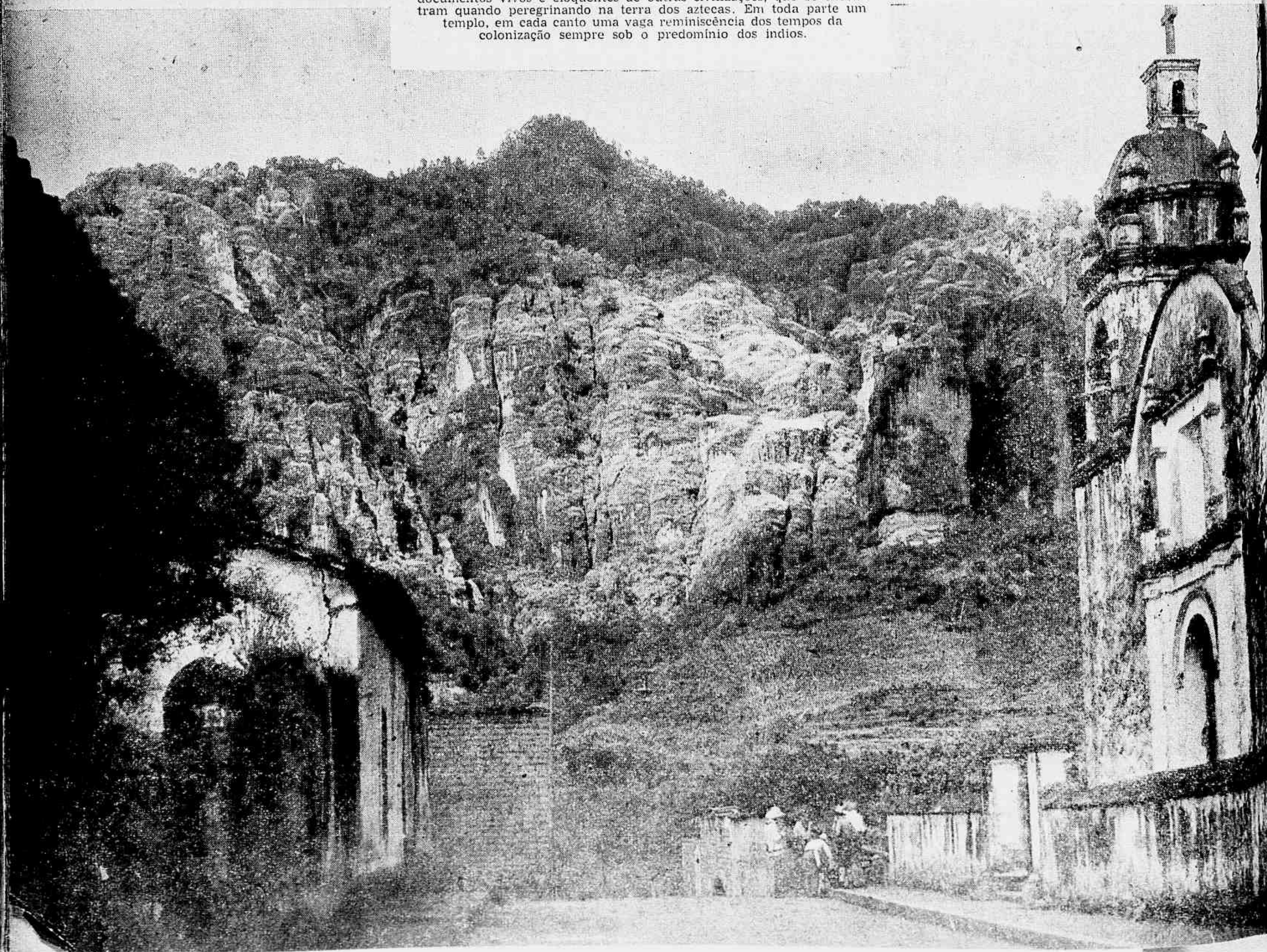




Nosso amigo, o pão



A região de Tepoztlán, no México, é frequentemente percorrida pelos grupos alpinistas. Daqui mesmo, do Brasil, excursões têm sido ali realizadas. São velhos panoramas mexicanos, montanhas e serras, documentos vivos e eloquentes de outras civilizações, que se encontram quando peregrinando na terra dos aztecas. Em toda parte um templo, em cada canto uma vaga reminiscência dos tempos da colonização sempre sob o predomínio dos índios.



17 HORAS NO MÉXICO

O avião sai de Los Angeles pouco antes da meia-noite e desce na capital mexicana pouco antes do meio-dia seguinte, mas consome treze horas na viagem. A décima-terceira corre por conta da diferença de tempo entre a Califórnia e o México. Tem assim o itinerante via-Pacífico, uma tarde inteira e parte da noite para conhecer a cidade do México. A primeira impressão, saltando no aeroporto e servindo-se do automóvel com destino ao perímetro central, não é talvez das melhores. Deveriam os aeroportos ficar sempre situados estrategicamente nos pontos mais aprazíveis, modernos e elegantes de cada cidade, coisa que poucas vezes acontece. Aqui mesmo, no Brasil, quantas vezes saltando em capitais do Norte e do Sul, nossa primeira impressão tem sido também desfavorável e enfadonha, embora se modifique sensivelmente a um contacto mais penetrante com a cidade! E' o Rio uma grande excepção, com a situação privilegiada do Aeroporto Santos Dumont, localizado no coração da nova metrópole carioca.

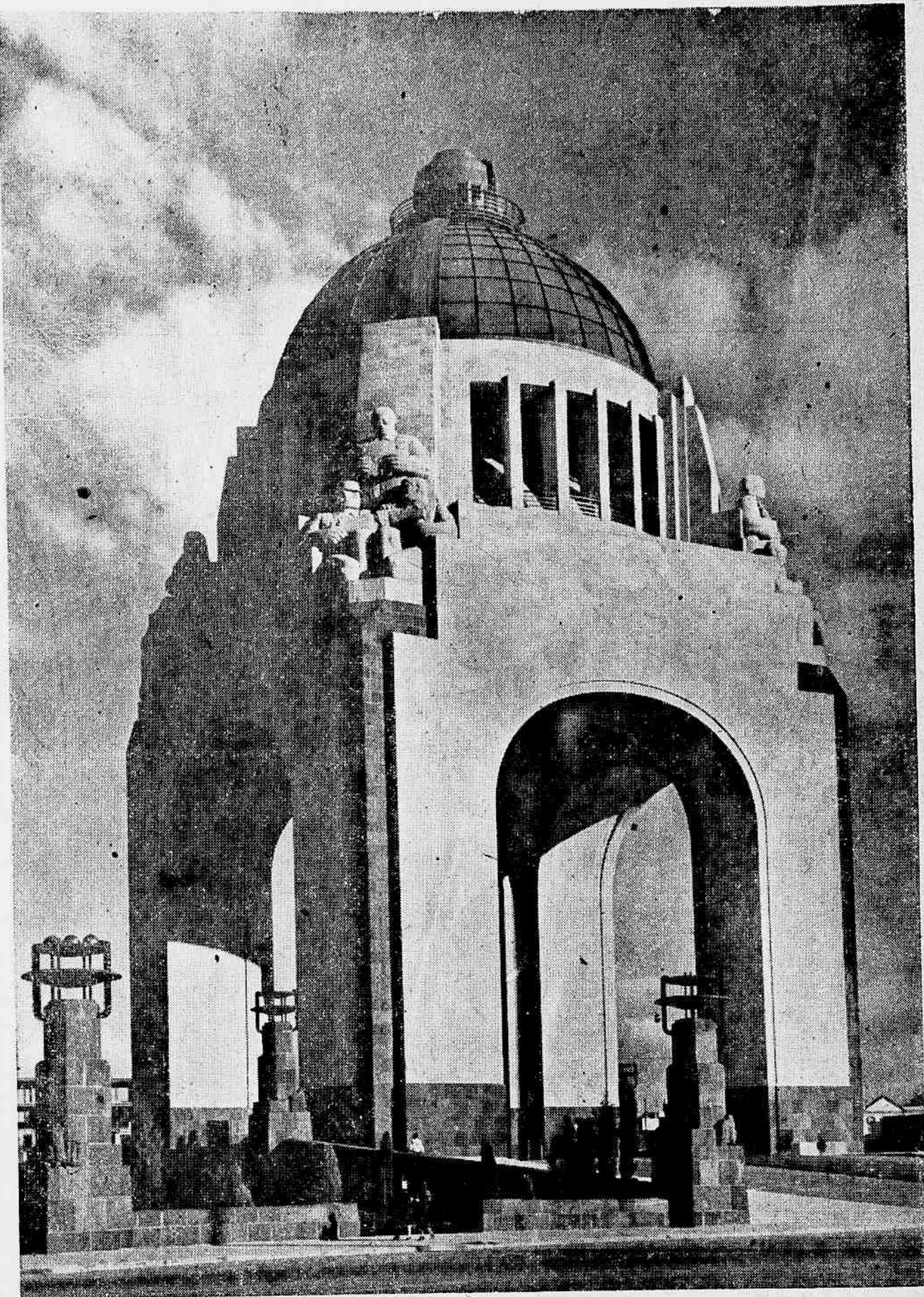
Pois também o aeroporto da cidade do México existe afastado do perímetro central, obrigando o visitante a um percurso de auto pelos bairros mais humildes, transitando em algumas ruas estreitas, nas quais, pelo menos no dia do nosso desembarque, se instalavam feiras ambulantes. Mas sob outro aspecto essa primeira impressão é definitiva, porque nos aproxima rapidamente do povo azteca, na sua expressão mais legítima. Aos olhos ávidos de emoções do recém-vindo, mal refeitos de quantos deslumbrantes espetáculos lhe proporcionara a terra de Roosevelt até poucas horas antes, mostrava-se agora o índio mexicano, com suas roupas muito sombrias ou muito aparatosas, os panos e os chales pelo ombro, os sombreros de altas copas e fitas de tons vivos na cabeça, as mulheres e os homens de olhos amendoados e a pele bronzeada, de lábios grossos e a alma romântica em flor.

Mas a cidade do México não é apenas, como se pensa à distancia, uma cidade típica, escancarando suas reminiscências de civilização multi-secular aos olhos do turista, porque se alguns desses aspectos ali são vistos, também outros, modernos, muito dos nossos dias, vamos encontrar. Alguns maravilhosos teatros e cinemas, quase tão confortáveis e luxuosos quanto os melhores de Nova-York, em cujas construções prevalece o mármore em larga escala, sem dúvida cinemas superiores aos de São Paulo — hoje por sua vez bastante melhores que os do Rio — funcionam à tarde e à noite, com admirável frequência. E desde que cludimos ao cinema, índice do desenvolvimento de um povo, é oportuno adiantar que na cidade do México depáramos, em plena vitalidade, com uma soberba industria de filmes. Nela se invertem milhões de dolares, competindo em regular escala com a produção norte-americana. Há cinemas a dois passos da Broadway, em Nova-York, onde assistimos a alguns filmes acima do estalão comum, levando o selo de origem mexicana, e agora, na cidade do México, davam-nos ensaio de visitar os estúdios da Clasa Filmes, maiores que os de muitos produtores independentes de Los Angeles. Embora nesse dia todas as atividades estivessem paralisadas por motivo de uma súbita greve sindical dos operários nas fabricas de filmes, percorremos varios "sets" nos quais preparava-se a instalação completa de um grande transatlântico, em cujo interior iria desenrolar-se uma parte da ação do filme em rodagem.

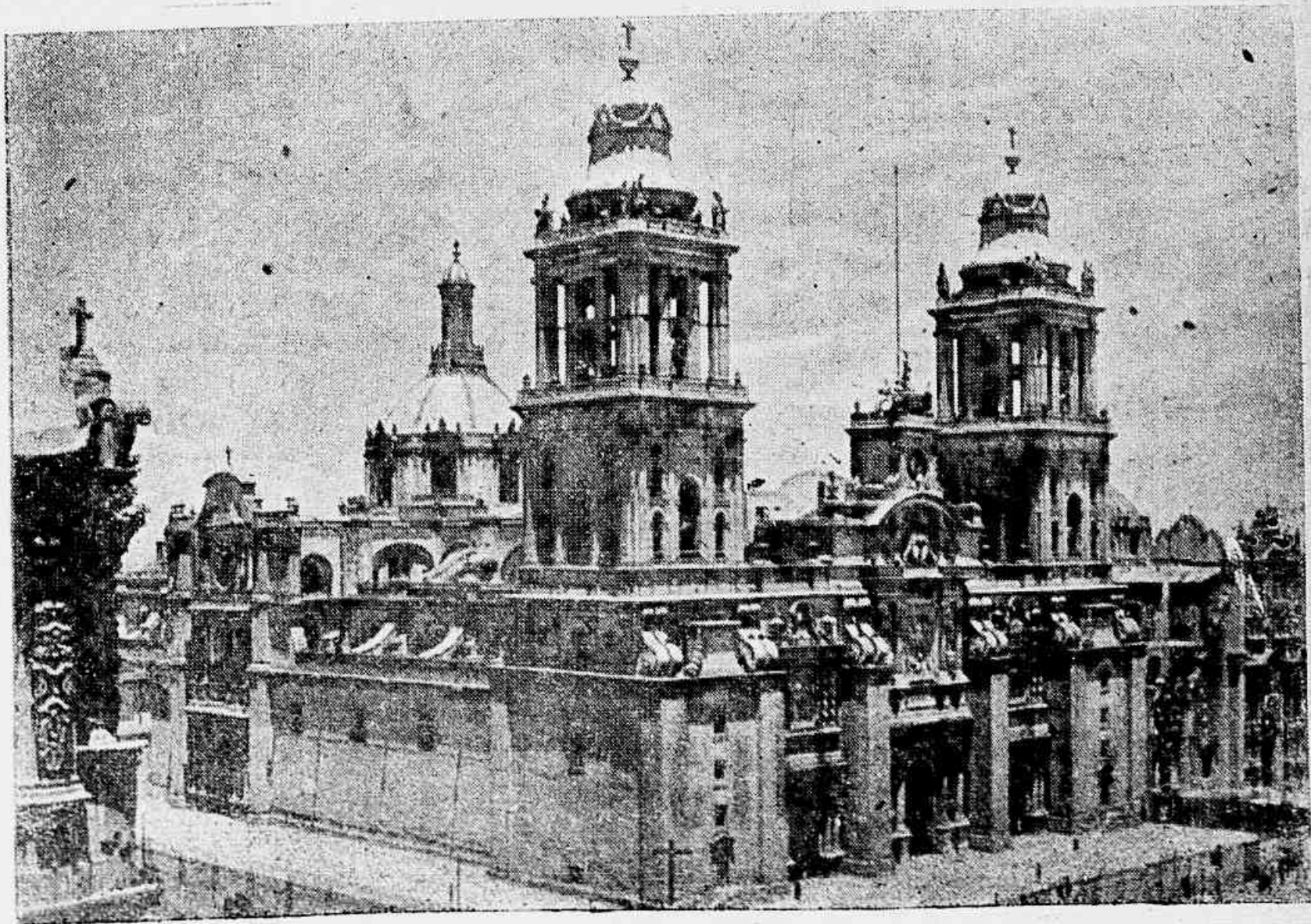
Mas as impressões da capital mexicana, apesar de tão escasso o tempo de nossa permanencia ali, foram sobejamente gratas. Dias antes de embarcar aqui no Rio, quando obtínhamos o "visto" da embaixada do México no passaporte, era o proprio Embaixador quem nos advertia da necessidade de permanecer no México não apenas horas, mas bastantes dias ou semanas, se realmente quisessemos conhecer a sua patria. Não podia ser em dezessete horas que dali sairíamos com uma impressão fixada. Nem temos, agora, a pretensão de afirmar o contrario. Dezessete horas na cidade do México foram bastantes, todavia, para recolher uma impressão muito por alto, mas nem por isso menos agradável. E até bastante romântica — como tudo que se prende á terra dos cantadores e bailarinos típicos mexicanos.

De qualquer modo, aqui estamos cumprindo um dever assumido mesmo conosco: o dever de fixar, nestas páginas, os nossos agradecimentos a quantos, naquelas inesquecíveis dezessete horas, tão velozes mas tão gratas ao nosso espirito, souberam dispensar-nos a hospitalidade característica do seu povo e prender-nos a um compromisso formal do qual nos desobrigaremos a qualquer instante: o compromisso de voltar. E voltar, não com as dezessete horas contadas, intransferíveis, mas com dezessete dias, pelo menos.

CELESTINO SILVEIRA



O visitante da cidade do México surpreende-se quando á sua frente aparece aquele imponente e original monumento, situado no centro da metrópole. E' o Monumento da Revolução, erguido em homenagem áqueles que morreram pela liberdade mexicana. Na gravura inferior, outro flagrante classico e grandioso da mesma cidade: a catedral, realmente impressionante. Mas os encantos da capital mexicana são multiplicados pelos passos do visitante, e, para onde quer que se voltem os olhos, ali há sempre um agradável imprevisto, um novo espetáculo acusando índice cultural e historico de um grande povo nosso amigo.





PRUDENTE JOSÉ DE MORAES BARROS
Presidente da 1.^a Constituinte Republicana
(Iti 1841 — Piracicaba 1902)

COMEÇOS do século XIX ou Era Constitucionalista. Monarquias, Republicas, Estados Federados, pacífica ou revolucionariamente, a reclamarem Constituições mundo afóra.

Em tal Era, o Brasil, mal independente, entrou no côro constitucionalista. As nações seguem modas políticas.

No fim do governo luso-brasileiro de D. João VI, uma revolução liberal no Porto produziu efeitos no Rio de Janeiro, não tardando as Côrtes de Lisboa a receberem deputados brasileiros, representantes de bem desunido Reino Unido.

Em Abril de 1821 embarcava D. João VI para Portugal, onde teria pouca vida, que lhe restaria ainda para ter noticia do *Fico* e da sua consequencia, o *Ipiranga*.

Logo após o Brasil reunio Constituinte em breve dissolvida a mão militar. Varios ex-constituintes foram chamados a participar de comissão incumbida de constituincionalisar um Imperio imenso proclamado às margens de um regato.

Dez constituintes bastaram para obra de vulto às rapidas, aproveitado esboço de projeto da extinta Constituinte, colaboradora postuma. Morrerá em Novembro de 1823 e já no seguinte De embro comissão decemnnal apresentava projeto de Constituição.

Sobre ele ouviram-se Camaras Municipais, de tanta vóz popular, recolheram-se-lhes observações e a Constituição, obra de poucos em poucos dias, era jurada na capital do Imperio a 25 de Março de 1824.

Os autores da Constituição, todos brasileiros natos, todos pessoas notorias, merecem alguns traços de pena; a principiar por Maciel da Costa, ex-presidente da Constituinte extinta á relampago quando mais empenhada em discussões de ordem menor e torneios oratorios do que no desempenho de exclusiva missão modeladora.

Maciel da Costa era declaradamente francofilo, amando a França ao governar-lhe a sua Guiana, em nome de D. João VI. Conheceu Paris sem desdenhar Londres, orientando-se pelas teorias constitucionalistas de Benjamin Constant.

Apezar de formado em Coimbra, Carvalho e Mello mostrava-se tão lusofobo quanto Maciel francofilo. Homem culto, com pratica de negocios publicos, durante treze anos fôra juiz da Alfandega, adquirindo no cargo conceito honroso para sua probidade.

Villela Barbosa, em certo tempo mais lusofilo do que convinha a um brasileiro nato, no exercicio do professorado de matematica habituára-se á disciplina dada ao espirito pelo cultivo das ciencias exatas, o que não privava Villela de umas escapulas na poesia lirica.

Militar como Villela Barbosa era Silveira Mendonça bom administrador dirigindo estabelecimentos de natureza e fins contrarios, uma Fabrica de Polvora visinha de um Jardim Botânico, tudo á Gavea. Polvorista-botânico, Mendonça tanto podia ocupar-se de enxofre e salitre como de flôra, em Silveira Mendonça sobrando outras capacidades.

A Ferreira França, magistrado, na elaboração constitucionalista, coube a importantissima parte da organização judiciaria. Entendia do assunto, não é dizer pouco.

Pessoa de saber, Mariano da Fonseca conhecia a vida até pelo seu lado amargo, no tempo colonial injustamente mantido a medita-la à sombra de carcere. Mais tarde, ao sombrear da velhice, reduziria a maximas a experiencia aprendida nas lições de bons e maos quartos de hora.

Pereira da Cunha, magistrado, fôra Intendente de Policia, tal intendencia excelente observatório de semelhantes dispostos ao mal. Pereira da Cunha ficou incumbido de estudar a possivel applicação da Constituição Portuguesa à Brasileira.

Carneiro de Campos era figura sobresaída na vida nacional já em 1823. Atribue-se-lhe grande parte da redação, senão toda, do projeto a transformar em Constituição do Imperio.

Em valia de serviços e importancia social e politica, Nogueira da Gama e Alvares de Almeida não destoavam dos colegas constituintes.

Quatro deles — Carvalho e Mello, França, Carneiro de Campos e Pereira da Cunha — eram bahianos tres mineiros — Nogueira da Gama, Maciel da Costa e Silveira Mendonça — tres fluminenses — Mariano da Fonseca, Villela Barbosa, Alvares de Almeida.

Em 1826 varios redatores da da Constituição de 1824 seriam marquêses, e o Mariano da Fonseca e Carvalho e Mello. A morte não deixaria este ser senão visconde da Cachoeira, título grato a bahiano e o era Carvalho e Mello.

Unico a subscrever à Constituição de 1824 com título nobiliarquico foi Alvares de Almeida, assinando-se barão de Santo Amaro.

Todos os redatores da Constituição haviam de encontrar-se no Senado ao ser este composto em 1826. Enfermo porem, e muito, Carvalho e Mello pouco sobreviveu à sua senatoria pela Bahia natal.

A morte não consentio que alem da Regencia passasse a maioria dos redatores da Constituição, gente do século XVIII, século que na História bastante enflorou o viver humano cuja doçura a Revolução Francesa suprimio, no testemunho celebre de Talleyrand.

Apenas tres dos dez redatores da Constituição de 1824 conheceriam o Segundo Reinado, Nogueira da Gama, Mariano da Fonseca, marquês de Maria em 1848, e Villela Barbosa, este presidente do Senado no momento do arranco da Minoridade incompleta para a Maioridade antecipada. Está marcado 1810.

Os governos são ferteis na expedição de atos officiaes às vezes em catadupa. Os originaes das leis magnas requerem porem serviços e cuidados caligraficos especiais, haja vista a Lei Aurea ornamentada em original por Leopoldo Heck.

A Constituição de 1824 não podia ser autografa de pena qualquer atirada a gatafunhos.

No fim do autografo da carta de lei mandando cumprir e guardar inteiramente a Constituição de 1824, lê-se a seguinte assinatura: Luiz Joaquim dos Santos Marrocos.

Este Marrocos, de tão arabisado nome luso, é o mesmo individuo que à sua familia em Lisboa, endereçou uma serie de informativas cartas ora publicadas, mas por muito ineditas na Real Biblioteca da Ajuda onde à guarda de bibliotecario de pôrte, Alexandre Herculano.

Santos Marrocos o transmigrado, o aniografador da Constituição do Imperio, morreria no Rio de Janeiro de cujo clima tanto se queixava epistolarmente aos seus de alem-mar.

Nem se deixe de mostrar quanto Marrocos serve nossa história. As suas cartas espelham na vida do autor a vida carioca comprehendida na estadia do Principe Regente o Rio de Janeiro de onde o principe regente à força sa o rei e remigrado sem vontade.

A de Abril de 1824, no Ministerio da Justiça, um emegado desta, Antonio de Alvarenga Pimentel, dava registro à Constituição do Imperio jurada não só no Brasil como onde tivessem séde no estrangeiro legações nos

Oito dias depois do registro de Alvarenga Pimentel a 30 de Abril de 1826, era registrada no Rio de Janeiro outra Constituição, a da Nação Portuguesa.

Subscreve-a um El Rei, prestes a abdicar a corôa lusitana. El-Rei em Portugal era S. M. o Imperador do Brasil, D. Pedro de um lado do oceano Pedro IV, do outro lado Pedro I, em dupla individualidade régia. Tudo por motivo a morte de D. João VI, que tanta questão fizera de ser imperador honorario nosso.

Disputando afinal a corôa de Portugal a irmão, a D. Miguel D. Pedro acabaria entronisando à filha brasileira, Maria da Gloria, dando-lhe manto e cetro a ponta de espada.

Quem no Rio de Janeiro registrou a Constituição Portuguesa? Um official-maior do Gabinete Imperial e amado Francisco Gomes da Silva. A seriedade do registro dispensa menção da alcunha chocarreira do official maior.

A Constituição do Imperio regeu o Brasil durante 65 anos com o adminiculo do Ato Adicional. Em 57 anos a Republica conheceu 3 Constituições, a 4.^a ora em elaboração, aquelas em tudo diferentes no molde presidencial. Locais de nascimento tambem diversos o da Constituição de 1891 no palacio de São Cristovão e da de 1934 no palacio Tiradentes, o da de 1937 no palacio Guanabara, à de 1946 parecendo prometido novo berço no palacio Tiradentes, as suas antecessoras já de tres tumulos. As Constituições não escapam ao requie

**CONSTITUIÇÕES E
CONSTITUINTES**
ESCRAGNOLLE DORIA

O AMOR É UM CASO DE POLÍCIA!

Conto de FAITH BALDWIN

QUANDO ela o contratou para seu advogado, ele não tinha a menor ideia do que significava estar à disposição de Sally Benton, para o que desse e viesse. Depois de uma semana ele foi forçado a abandonar todos os seus outros negócios afim de tratar somente dos casos que ela criava por toda parte, à menor provocação.

A primeira vez que ela lhe telefonou, ele pensou:

— Já? Hoje mesmo ela confiou seus assuntos legais a mim e já está precisando de auxílio!

Mas ela mandara um recado pelo telefone: — É urgente, dissera o criado.

Ele colocara na pasta os principais documentos que ela lhe confiara na manhã do mesmo dia e partira para o apartamento da milionária. Lá chegando, contudo, ele teve uma das maiores surpresas de sua vida. Em vez de encontrar uma reunião para tratar de negócios, surgiu numa festa elegantíssima, tanto mais elegante — critério infalível — porque metade dos convidados já tinham bebido mais do que deviam e estavam a dizer gracinhas uns para os outros.

— A senhorita mandou me chamar?

Fay levantou-se da cadeira em que estava instalada, cercada de uma roda de mocinhos bem vestidos e sorriu:

— Mandei, sim.

— Nesse caso, podemos passar ao gabinete para tratar dos negócios...

— Não foi negócios, bobo, foi para apresentar você às minhas amigas.

— Mas...

Porém, antes que ele tivesse tempo de protestar, Fay se levantara e gritava:

— Estão vendo? Eu não disse que arranjava um advogado mais alinhado do que Percy Rue? Eis aí a minha descoberta. Ele pode não saber nada de direito, mas tem um perfil que é uma coisa louca!

Ele percebeu que ela, também, se excedera, nos drinks. Muito digno, sem perder a compostura, aproximou-se dela e disse:

— Já que exibiu o seu novo advogado à alegre companhia, posso retirar-me.

No dia seguinte mandou-lhe seu pedido de demissão. Mas, antes do almoço, ela lhe telefonava, com voz contrita, pedindo desculpas, com ar de garota que fez travessura.

— Eu sou assim mesmo, impulsiva. Depois, quando tomo mais de um highball, não respondo por nada.

— Mas a senhorita disse que eu não sabia nada de direito e afirmou que queria um advogado simplesmente... decorativo.

Ela riu, no telefone. Depois consentou:

— Eu não disse isso. Foi uma aposta que fiz com minha amiga Kay. Ela me disse que eu não arranjava um advogado bonito e inteligente. Eu disse que arranjava. Você pode até saber muito de direito. Terá uma chance de provar isso.

E ele resolveu aceitar a chance. Mas, na realidade, se bem que já tivesse amarga experiência da leviandade dela, não fazia a menor ideia do que estava aceitando. O verdadeiro caos em que estavam seus negócios tirou-lhe o sono. Ela dava festas sensacionais. Mandava as contas para ele. O advogado que resolvesse. Uma tarde, ele recebeu uma telefonada urgente.

— Jack! Venha depressa! Eles me prenderam!

Quando ele chegou na delegacia encon-

trou-a impaciente, zangada, insultando um guarda pavoroso.

— Excesso de velocidade. Ela não tinha licença nem cartão de identidade.

— Ele me identifica. Ele é meu advogado. Jack levou-a para casa.

— Quer entrar, perguntou ela.

Ele aceitou:

De repente ela olhou para Jack e disse: — Eu suspeito muito que você me tenha deixado gastar tudo só para me ver pobre!

Ele riu:

— Confesso que é verdade.

Depois, subitamente sério, disse:

— Fay, você não podia continuar a viver assim. Você é moça e estava estragando sua mocidade. Você precisa de um interesse na vida, de alguma coisa pela qual trabalhe e lute. Nenhum de nós pode viver no ocio sem correr o perigo da... da desintegração.

— Mas... mas, como é que eu vou fazer agora?

Ele admirou a coragem com que ela acei-

(Continua na pág. 56)



— Preciso falar com você.

Sentaram-se no sofá.

— Alguma novidade? Eu saquei mais do que tinha no banco, novamente?

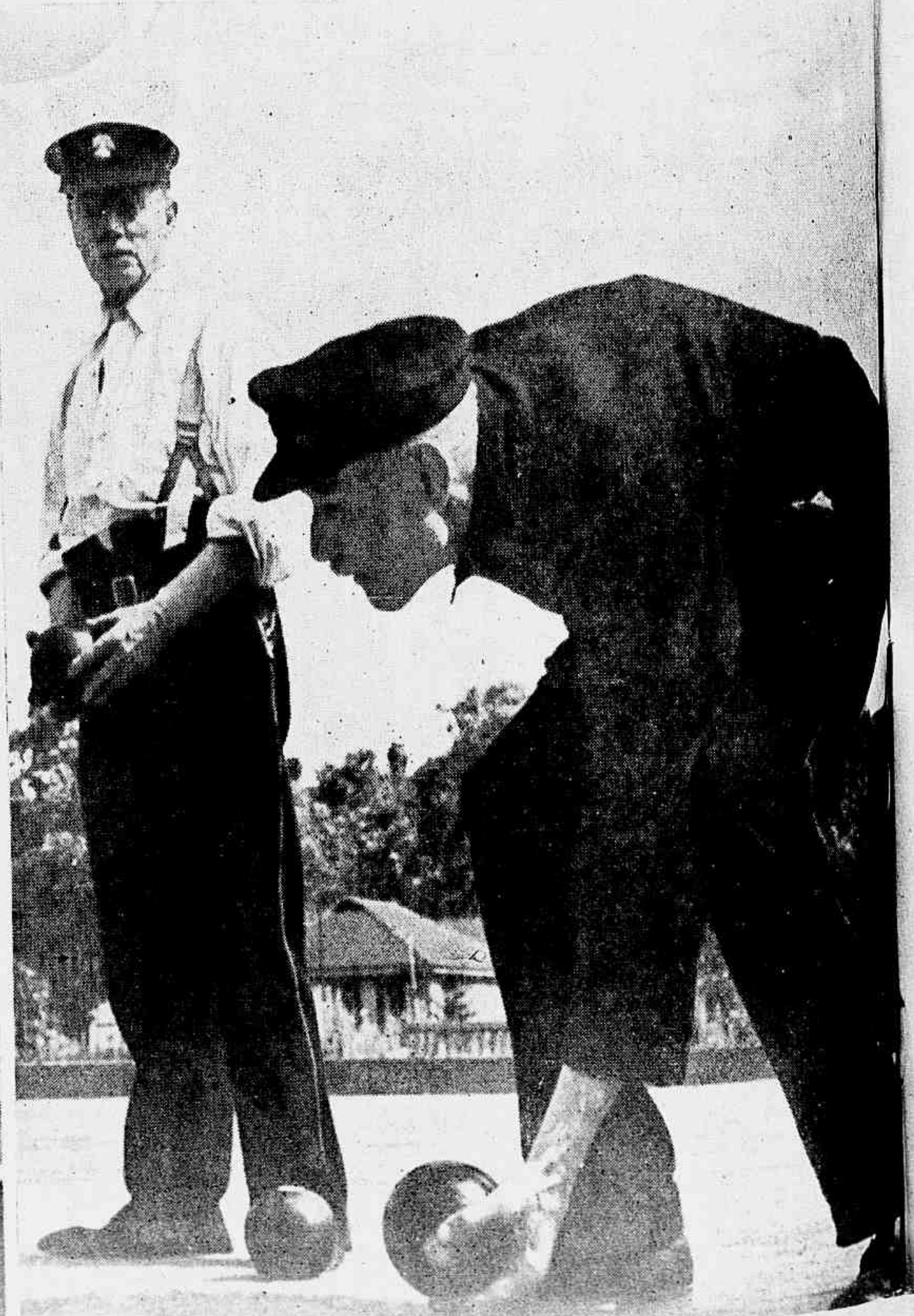
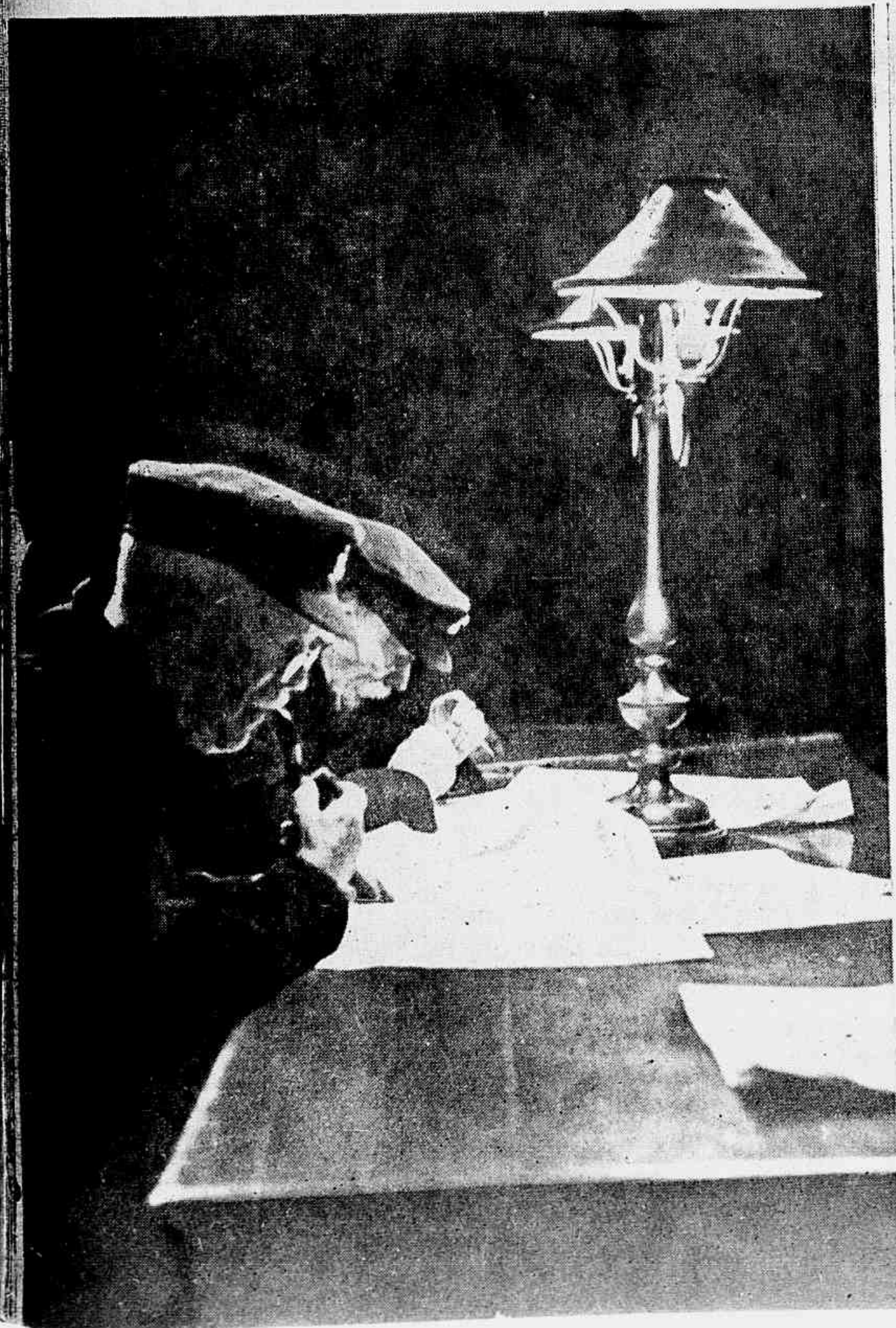
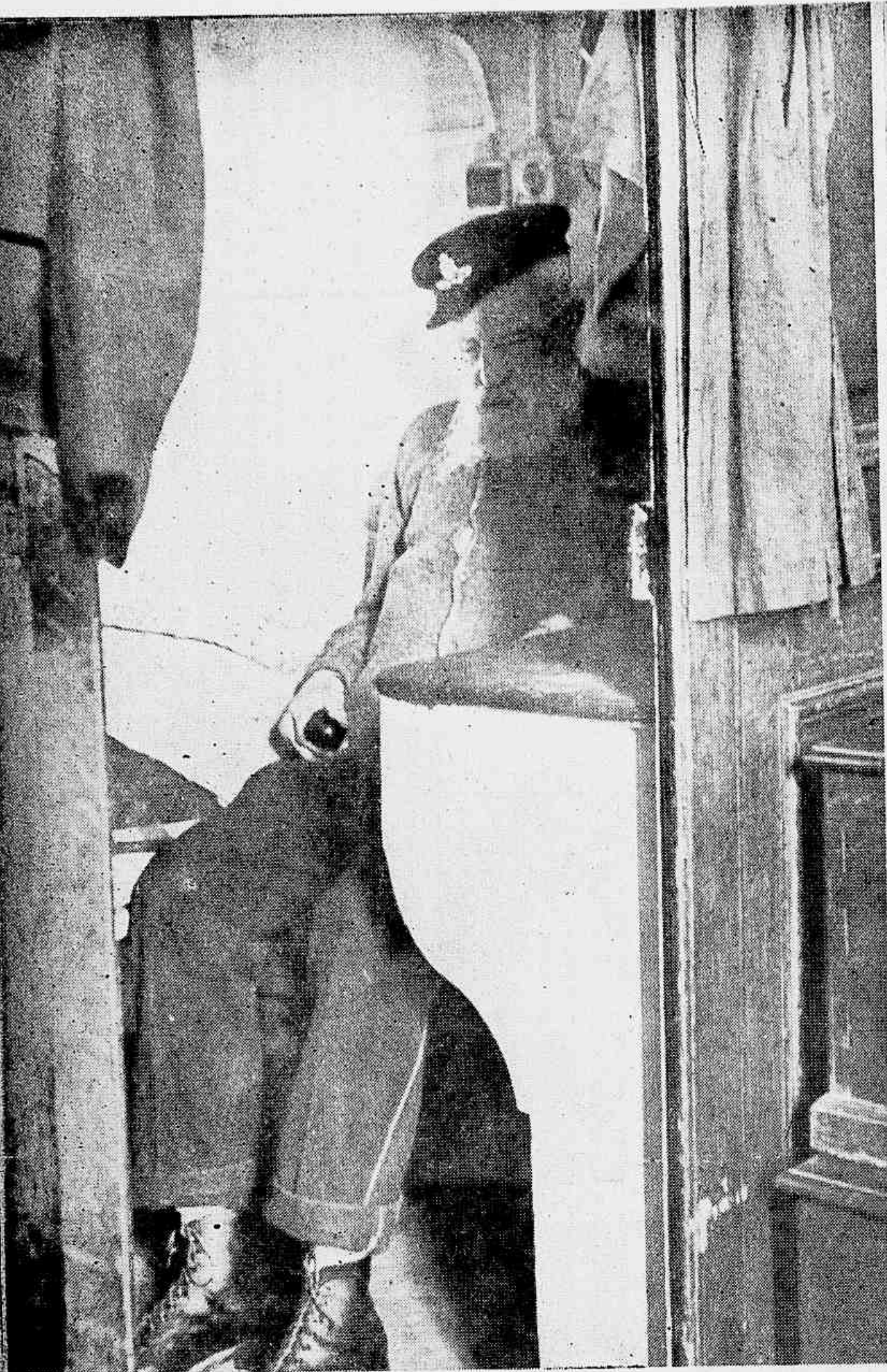
— Pior.

— Hum?!

— Você sabe de uma coisa? Tudo isso aqui, esse apartamento, está empenhado até o último cent. Você não pode mais fugir à realidade dos fatos, que é inescapável. Todas as vezes que eu quis falar-lhe, você me disse que não se interessava pelos negócios... Mas a verdade é que, com sua extravagância, você deu cabo de sua fortuna.

— Mas... mas papai me deixou milhões e milhões.

— E você deu cabo deles...





CONSULTA MEDICA — Uma das piores doenças que afligem a humanidade, são os setenta anos de idade. Por isto, uma das dependências mais movimentadas de um asilo para a velhice sempre o consultório medico. Na foto acima vemos a sala de espera do medico do asilo, onde varios veteranos esperam a sua vez de ser atendidos. Uma enfermeira solicita zela pela paciência dos anciãos, e enco raja-os com palavras carinhosas e de estímulo.

OS VELHOS TAMBEM VIVEM

Do B. N. S., especial para
a "REVISTA DA SEMANA"

A idéia dum sistema nacional de seguros em favor da velhice, fundada sobre o principio da economia, surgiu na Inglaterra em fins do século 17. Homens tais como Tom Paine, Pitt of Jovem e Daniel Defoe, o autor de "Robinson Crusoe", interessam-se de um modo especial por essa questão. Foi no entanto somente dois séculos mais tarde que se chegou a uma primeira realização positiva.

Em 1908 Lloyd George fez votar uma lei prevendo o pagamento, pelo Estado, de uma pensão de cerca de 20 cruzeiros por semana a todo cidadão britânico, de 70 ou mais anos de idade, cuja renda anual não passasse de 1.680 cruzeiros. A pensão nacional foi elevada a 40 cruzeiros por semana em 1919. Logo se percebeu, porém, que esse sistema de pensões inteiramente financiado pelo Estado ameaçava tornar-se catastrófico para a nação. Foi preciso achar outra solução. Em 1925 o Parlamento aprovou uma lei chamada "Lei das Pensões Contributivas em Favor das Viúvas, dos Orfãos e dos Velhos", que com muito poucas exceções, se aplica a todas as pessoas habilitadas a se segurarem segundo os termos da lei nacional de seguros em prol da saúde, de 1911. O segurado contribui, ao mesmo tempo que o Estado e o empregador, para a constituição de uma pensão a qual ele terá direito, não mais aos 70 e sim aos 65 anos. Em 31 de Dezembro de 1942, 1.412.465 segurados se achavam nesse caso.

Em 1940, o custo de vida tendo aumentado, a pensão do Estado se mostrava insuficiente. Dez por cento dos pensionistas foram obrigados a apelar á caridade pública ao passo que outros, que a isso se recusaram, eram forçados a viver miseravelmente. Uma lei foi então votada criando pensões suplementares em favor de todos os velhos pensionados em necessidade. As mulheres asseguradas de pleno direito e as viúvas dos pensionados contribuintes passaram a receber uma pensão aos 60 em vez de aos 65 anos.

O alcance dessa lei é considerável. Dessa época em diante os velhos não precisam mais recorrer á caridade pública, a pensão devendo lhes fornecer o suficiente para viver. Em março de 1943 o Chanceler do Erário anunciou á Camara dos Comuns que em fins de 1942 o total de pes-

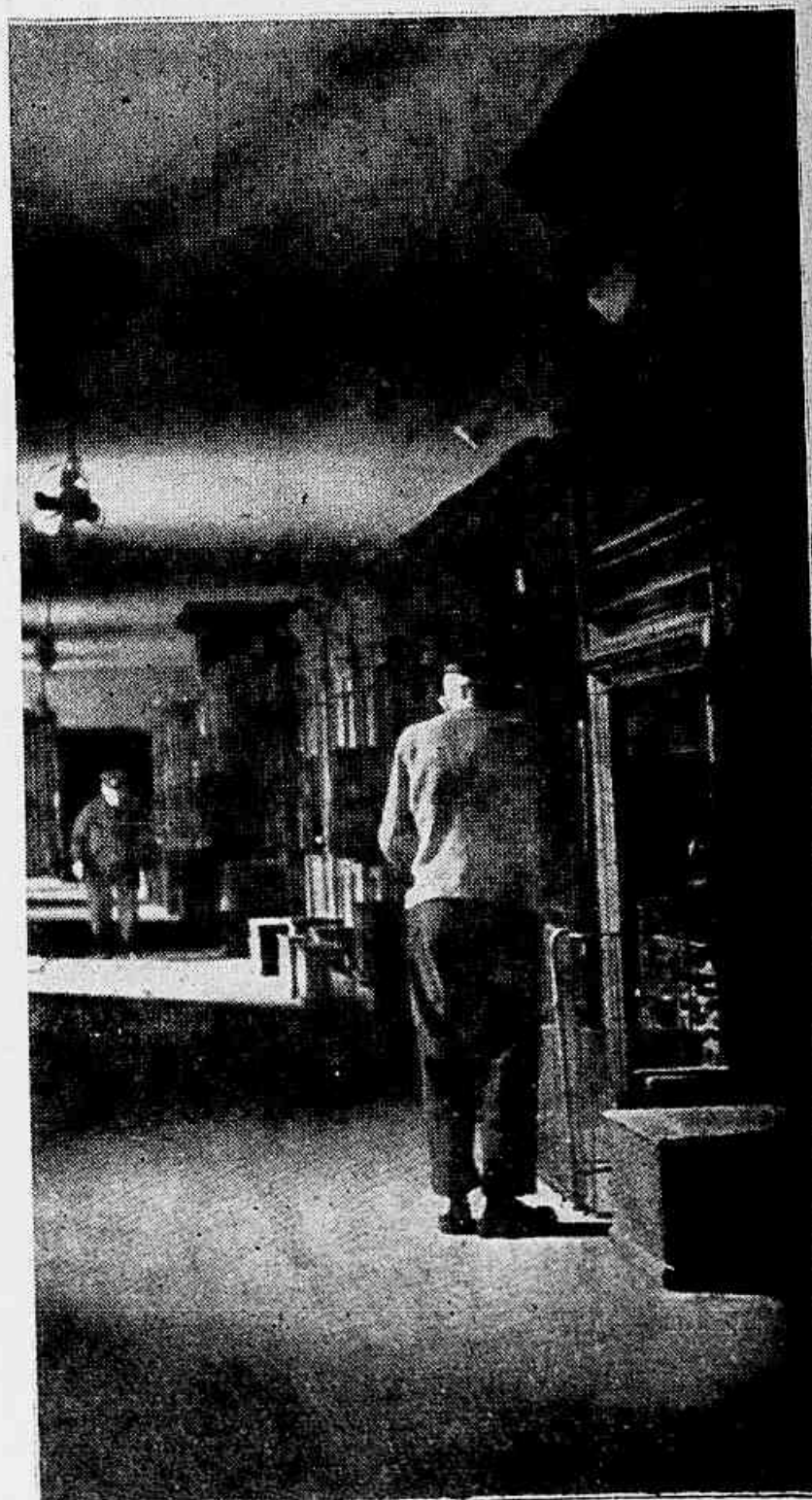
soas idosas recebendo a pensão se elevava a cerca de 3.780.000.

Ao elaborar o seu plano de segurança social Sir William Beveridge não se esqueceu do problema da velhice. Esse plano prevê o estabelecimento progressivo de pensões por meio de contribuições durante um periodo transitorio de vinte anos. A Taxa da pensão fundamental seria dobrada e todos os cidadãos contribuintes teriam direito a ela. Pensões de assistência também foram previstas. Se esse plano fosse adotado teriamos os seguintes melhoramentos: 1) A administração das pensões para a velhice ficaria ao cargo dum só ministerio em lugar de ser dividida entre cinco organismos diferentes, 2) Todos os trabalhadores entrariam na categoria de contribuintes para uma pensão.

Uma outra questão se apresenta aos velhos: a do seu alojamento. Muitos são os que querem conservar a sua independencia e se recusam a ouvir falar em asilos, onde a vida em comum acarreta frequentemente obrigações penosas. O governo inglês não se tem dedicado a esse problema senão recentemente. Somente algumas instituições de caridade ou organizações especializadas se têm dedicado até agora á construção de casas de moradia para as pessoas idosas. Pode-se citar o exemplo dos mineiros de Durham, que fundaram em 1898 uma associação cuja finalidade é fornecer habitações aos mineiros idosos. Graças a ela 1.300 casas foram construídas por todo o condado. Em fevereiro de 1938 o Secretario da Saúde anunciava que as autoridades locais tinham posto 29.600 casas á disposição dos velhos. Se doutro lado se consiçera, que desde a grande guerra, mais de 2.500.000 habitações foram construídas na Grã-Bretanha, constata-se que apenas um por cento dessas novas construções são utilizadas pelos velhos. A situação, já grave em 1938, não tem senão piorado em consequencia da guerra. As autoridades britânicas têm perfeito conhecimento da urgencia desse problema e consideram como seu lema a declaração seguinte de Lloyd George:

"O modo como tratamos os nossos velhos constitui o criterio supremo de nosso valor nacional. Uma nação que deixa de mostrar suficiente reconhecimento para aqueles que honestamente trabalharam por ela enquanto puderam, não tem o direito de sobreviver porque ela perdeu a sua noção de justiça ao mesmo tempo que o seu instinto de misericórdia".

PERSPECTIVA — Num dos corredores extensos do asilo, dois velhos foram fotografados quando se dirigiam aos seus aposentos. Tudo neste retiro é limpo e luzidio.



ATÉ QUE A MORTE OS VISITE — Os hospedes do asilo se dedicam nos momentos de recreio, aos mais diversos passatempos. Até que a morte os visite, eles se entregam ás atividades esportivas que a idade e os musculos cansados permitem. Na pagina ao lado vemos quatro aspectos da vida no retiro dos veteranos. Em sequencia, da esquerda para a direita e do alto para baixo: Um cujo esporte é dormir. Anciãos colhendo flores para matar o tempo, antes que o tempo os mate. Na sala de leitura, uma cachimbada. Bocce, um divertimento salutar.

O mundo é seu...



pelo Clipper

HOJE, bastam algumas horas para vencer largas distâncias, visitar os lugares antes apenas sonhados. Pelos Clippers da Pan American, uma quinzena pode ser o melhor período de férias de toda a sua vida. Com efeito, o mundo se torna cada vez menor, graças aos velozes e luxuosos Clippers, ao incomparável sistema

de rotas da Pan American e aos seus extensos programas de vôo. Ao projetar a sua próxima viagem internacional, não deixe de consultar o representante local da PAA ou agências de viagens. E para ser alvo das melhores atenções, hoje, amanhã e sempre, voe pela pioneira da aviação internacional — Pan American World Airways!

- ★ **PASSAGEIROS**
- ★ **CLIPPER EXPRESS**
- ★ **CORRESPONDÊNCIA**

10.061-BP-14-B



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

O onibus que vai de Wang's Corners à aldeia da família Li está sempre superlotado, apesar da estrada cortar montanhas infestadas por bandidos. Isso acontece, porque em Wang's Corners, passa um outro onibus, que segue até a estação de estrada de ferro mais próxima. Wang's Corners é uma cidade bem modesta, e seria, hoje, a vila que foi durante séculos e ainda merece ser, se não fosse a parada do onibus para a estrada de ferro Lung Tan. Como acontece nessas cidadezinhas, quasi todos os habitantes são, de certo modo, desonestos.

Entre todos os moradores, ninguém havia tão ardentemente detestado e temido como Yang Dente Grande, o cobrador de impostos. Os deuses brincalhões tinham feito com que ele nascesse com um enorme incisivo, e o dente horrível era a primeira coisa que se via em seu rosto. Já tinha espantado seus pais em criança, e horrorizado sua mulher quando ela o viu, pela primeira vez, na noite de núpcias.

O próprio cobrador tinha sido enormemente influenciado por aquele dente. Em criança, ele descobrira que o medo substituíra a estima: e quando compreendeu que, em virtude de sua aparência grotesca, ninguém poderia estimá-lo sem grande esforço, deixou que o medo lhe bastasse. Empurrava meninos no pó da estrada, ao passar, sorrindo para eles ao fazê-lo. Quando cresceu, adotou o hábito de sorrir para quem queria subjugar. Era natural, portanto, que ele se dirigisse ao governo provincial, pedindo um lugar de cobrador de impostos, e também era inevitável que o posto lhe fosse concedido. E' lógico que os meninos que haviam crescido com ele, lembravam-se de como ele os tinha maltratado e detestavam-no.

Mas quem se impõe a um cobrador de impostos? Ele tinha os recursos de toda a região a seu dispor. Se alguém conseguia boa pechincha com um porco, lá vinha o Dente Grande bater à sua porta:

— Que tem a nação a ver com o meu porco? podia, mesmo, exclamar, o homem.

— O governo me ordenou que cobrasse um terço de cada transação, declarava Dente Grande. Estou autorizado a usar a força, se for necessário.

Força significava que o chefe de polícia de Wang's Corners e seus seis policiais ocupariam a residência e permaneceriam ali, exigindo comida e hospedagem, dormindo nas camas e instalando-se nas cadeiras. Era horrível, e, se havia moças solteiras na casa, positivamente vergonhoso.

YANG

DENTE GRANDE

(Conto de PEARL BUCK)



Portanto, resmungando e mal-dizendo os antepassados de Dente Grande, o homem depositava na mão gorda o dinheiro do imposto.

E' duvidoso que os habitantes de Wang's Corners ganhassem coragem suficiente para libertar-se de Dente Grande se não

fossem certos acontecimentos que ocorreram imediatamente após a colheita do arroz.

Toda a vizinhança estava furiosa porque Dente Grande não esquecera de exigir de cada um, um terço da colheita para o governo.

— Que nação é essa que ele

menção sempre? queixavam-se, em altos brados, um para o outro. A nação nada faz por nós. Não nos dá boas estradas, nem ao menos nos protege dos bandidos das colinas.

Isso era um motivo de queixa

(Continua na pag. 36)



ENLACE CACILDA PONCE- DUQUE ESTRADA



Constituiu marcante acontecimento social o enlace matrimonial da senhora Cacilda Ponce, filha do Dr. Generoso Ponce Filho, Presidente do Instituto Nacional do Mate, e de sua Exma. esposa D. Dulce de Oliveira Ponce, com o Tenente Mario Duque Estrada, filho do falecido Dr. Firmino Duque Estrada e de D. Ema Nogueira Duque Estrada, ficando assim unidas duas tradicionais famílias brasileiras, respeitabilíssimas nos meios sociais e políticos do país.

A cerimonia religiosa realizou-se nos últimos dias de Abril, no Templo de São Paulo Apostolo, em Copacabana, servindo de padrinhos por parte da noiva, o Contra-Almirante Dr. Lourenço Maranhão da Rocha Vieira e Senhora, e por parte do noivo, o Dr. Felix Dupuy e Senhora.

Os flagrantes que estampamos nesta página foram colhidos durante o ato religioso, vendo-se num deles, como demoiselles d'honneur, as senhoritas Terezinha e Carmen Sylvia, irmãs da noiva.

ENLACE GILKA SILVEIRA DE BARROS - OLDEMIRO DA GRAÇA

A cronica social carioca registrou, no dia 4 do corrente, o contrato nupcial da senhora Gilka Silveira de Barros, filha do sr. Victorino R. de Barros e de sua Exma. esposa D. Albertina Silveira de Barros, com o sr. Oldemiro da Graça, funcionario da firma Dias Garcia & Cia. Ltda., e filho do sr. Manoel R. da Graça e exma. sra. Francelina Dias da Graça.

Os dois flagrantes que aqui reproduzimos foram colhidos por ocasião da cerimonia religiosa, celebrada na Matriz de São Mateus, em Oswaldo Cruz.





A sociedade carioca assistiu, no dia 23 do corrente mês, a uma das mais belas cerimônias nupciais aqui realizadas: o casamento da senhorita Elza de Araujo Góes, filha do eminente Prefeito Hildebrando de Araujo Góes e de dona Heloisa de Araujo Góes, com o tenente Alfredo Américo de Oliveira Roxo, filho do dr. Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo e de dona Maria Julia Mendonça de Oliveira Roxo.

A cerimônia religiosa foi efetuada na igreja da Candelária, tendo sido celebrante s. eminência revma. d. Jayme de Barros Camara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, e teve como padrinhos, por parte da noiva, o sr. general Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, e sua esposa d. Carmela Dutra, e, por parte do noivo, o comandante Alvaro Alberto e esposa. Ao templo, que estava belamente ornamentado de flores naturais e todo iluminado, compareceu avultado número de pessoas da nossa melhor sociedade. No côro tocou uma orquestra e houve canticos sacros. A noiva foi conduzida ao altar pelo seu exmo. pai.

O ato civil foi realizado na residência oficial do Prefeito da Cidade, na Gávea Pequena, servindo de testemunhas, por parte da noiva, o sr. dr. Levy Miranda e esposa e do noivo, o sr. Luiz de Moraes Rego e esposa.

À noite os pais da noiva ofereceram uma recepção à qual compareceram elementos de maior destaque em nosso mundo oficial e social. Inúmeros e riquíssimos presentes figuravam na "corbeille" dos noivos.



ENLACE ELZA DE ARAUJO GÓES -- TENENTE ALFREDO AMÉRICO DE OLIVEIRA ROXO



UM GLADIADOR DO RISO

BELMONTE, o brilhante e popular caricaturista bandeirante, é o homem mais austero e retraído que conheci na Paulicéia. Fala pouco e sorri menos. Quando a gente imagina que vai encontrar um sujeito expansivo e irreverente, metendo o pau de rijo nos colegas, satirizando jornalistas, escritores e políticos, surpreende-se diante do tipo perfeito do cavalheiro bem educado, inimigo de atitudes espalhafatosas e de roupas bizarras, em conflito com os severos figurinos burgueses.

Fora de suas atividades belicosas, ou melhor, de suas atividades humorísticas, ele é sereno e ponderado como poucos. Em seus hábitos normais não se nota qualquer particularidade que possa chamar a atenção pública, provocando olhares indiscretos e comentários maliciosos.

Não é preciso se ter a sutileza e penetração de um Freud para encontrar, no íntimo do notável criador de Juca Pato — a figura mais popular e humana que já nasceu do lápis de um caricaturista — um temperamento excepcionalmente tímido.

Com efeito, Belmonte não possui o heroísmo dos cabotinos que desafiam a própria consagração das hortaliças, como fazia aquele ruidoso e exuberante Marinetti, o Piolin de "camisa preta"...

Ele, ao contrário, detesta o exibicionismo, quer passar anonimamente pelas movimentadas e modernas ruas da dinâmica Paulicéia, vestido como o mais pacato dos burgueses. Belmonte não usa chapéu de abas largas, como o Raul; não veste fraque, na era do democrático jequetão, como Calixto; não ostenta uma grande cabeleira ao vento, como

o Vila Lobos; não calça sapatos de cores espalhafatosas, como o farfalhante Augusto Rodrigues.

No entanto, bem analisada, talvez haja certa coerência na aparente tristeza do festejado caricaturista paulistano. Observando-se atentamente as expansões de seu inquieto espírito, sente-se que a sua gargalhada, forte e espontânea, só sabe se exteriorizar através de seu irreverente lápis. Aí, então, quando ele o empunha, transfigura-se, perde por completo a timidez, investindo contra a vítima com o ímpeto de um autêntico gladiador do riso. Gargalhadas terríveis e contagiosas explodem em charges magníficas e originais, maliciosas e oportunas, charges que fixam com profundidade e destemor, as fraquezas e misérias dos fantoches que se agitam no palco giratório do mundo.

Sim. Deve ser esse o segredo do grande humorista da terra de Piratininga. Ele não quer rir pelos lábios para poder gargalhar, diabolicamente, pelo seu lápis ágil e contundente.

Num traço, num simples traço, Belmonte sintetiza uma crônica cheia de "verve" de Agripino Grieco ou do ilustre Barão de Itararé, este o mais autêntico dos nobres e o mais sério dos humoristas!

Ninguém melhor do que ele sabia fazer a "caveira" dos ex-arrogantes ditadores contemporâneos. Pelas páginas das "Folhas", diariamente, o povo paulista acompanhava a vitoriosa marcha-ré das "invencíveis armas nazistas"... Melhor do que os telegramas, do que as manchetes gritantes, falavam os bonecos de Belmonte, provocando o riso tão necessário numa época de racionamento do açúcar e do sal.

A sua caricatura era a Gestapo pelo avesso, pois ridicularizava e demolia todos os atos do criador do nazismo, o monstro que incendiou o mundo com a displicência de um fumante que acende o cigarro.

★

A caricatura é um gato que confia na agilidade de suas unhas, que sabe que os homens mais arrogantes e poderosos acabam virando camondongo entre as suas patas.

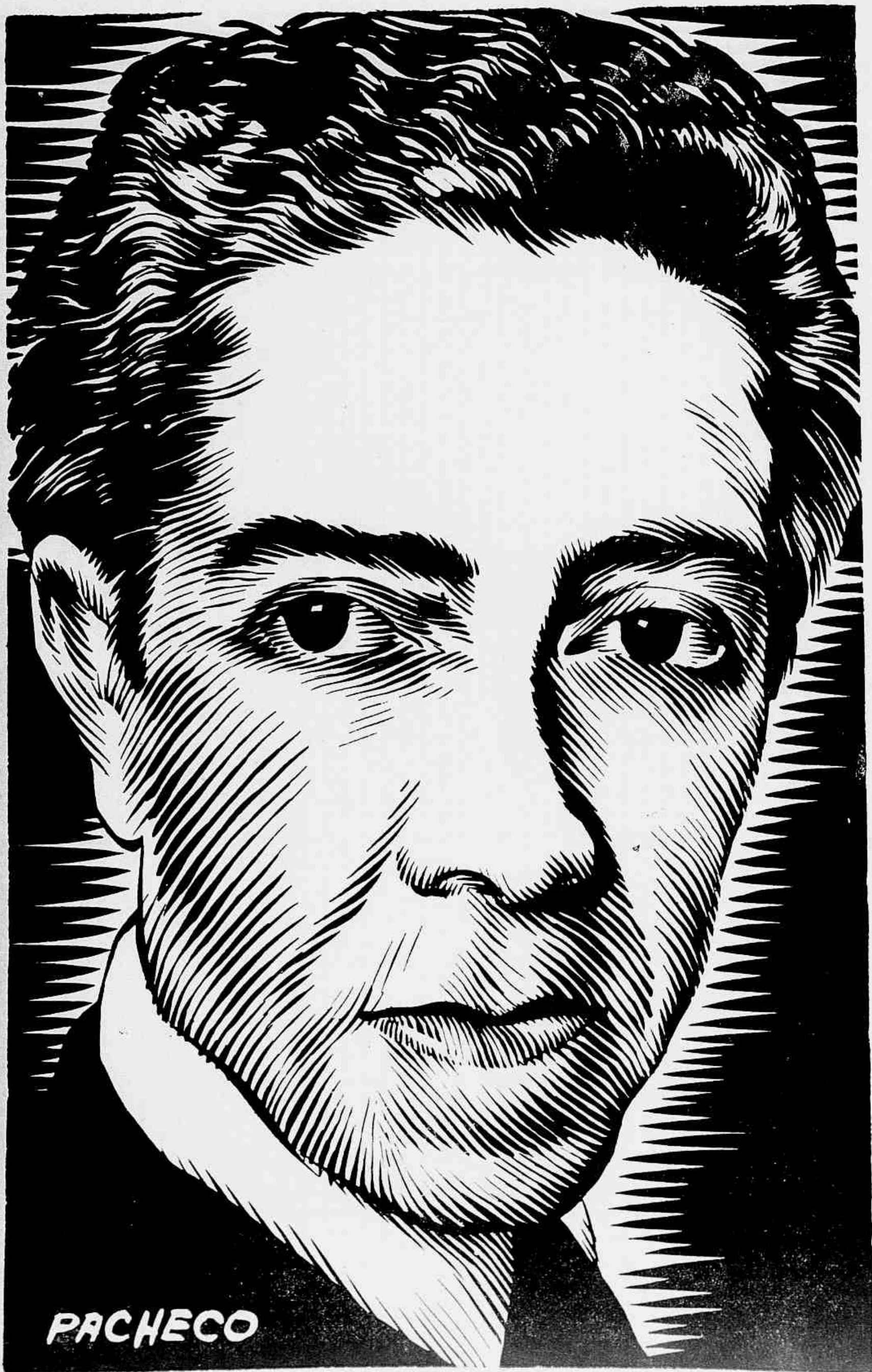
Durante muito tempo, o "Fuehrer" andou no cenário incendiado da Europa, fora do alcance das baterias iconoclastas de nossos humoristas. Eramos neutros. Tínhamos que respeitar as leis internacionais — "farrapos de papel" — no conceito "filosófico" dos germânicos.

Belmonte, entretanto, já tinha o seu bote preparado para o momento oportuno. Realmente. Assim que o Brasil, ferido em sua soberania, assaltado covardemente pelos corsários do eixo, se colocou ao lado das Nações Unidas, ele mobilizou imediatamente os seus endiabrados e alegres soldados, assumindo o comando do "corpo expedicionário dos humoristas brasileiros", combatendo desassombradamente os inimigos da Democracia, fantasmas assustados que, até hoje, ainda não encontraram o seu "espaço vital", isto é, os sete palmos que são facultados ao mais humilde dos cidadãos.

★

A figura esguia e angulosa de Belmonte, na qual se acha concentrada grade energia, me faz lembrar Dom Quixote. Ele, porém, é um Quixote que se modernizou, adaptando-se, de modo inteligente, à sua época, usando a arma que lhe pareceu mais eficiente para combater os novos moinhos da opressão. Dessa maneira, substituir a lança antiquada e pesada, pelo lápis, ágil e vibrante, que fere com mais êxito e firmeza. E, ao contrário do personagem imortal de Cervantes, Belmonte tem ao seu serviço vários Rocinantes que ele monta com desembaraço e galhardia, cravando-lhes no dorso as esporas de ouro de sua ironia profunda e veemente.

MARIO CORDEIRO





Modas de inverno... A grande preocupação do momento, está nos modelos para a nova estação. E realmente há muita novidade, muitas criações interessantes que farão a delícia das nossas elegantes.

Os casacos para serem usados pela manhã conservam a sua linha reta e continuam tão simples e agradáveis como nos anos anteriores. Em compensação, em trajes para a tarde e para a noite, a imaginação dos grandes costureiros atingiu a um "climax" jamais atingido, asombrando-se na apresentação de coisas

inéditas, originais e extravagantes. Os estilos e enfeites são variadíssimos: bolsos de diversos tamanhos e formatos aplicados de maneiras diferentes; efeitos de boleros; guarnições de cores contrastantes; bolões originais bordados em pedras, e um sem-número de pequeninas coisas contribuem para dar maior "charme" às "joietes" de inverno.

Os "tailleurs" e casacos longos mantêm o seu estilo clássico e distinto; um interesse especial foi dedicado aos ombros e mangas, voltando a imperar as mangas "bouffante", "presunto", etc., as quais,

sem dúvida, dão mais feminilidade à mulher.

Aliás, a moda nesta nova estação é bem mais feminina do que nas anteriores, sem que no entanto sejam de todo abandonadas as linhas simples que tanto apreciamos.

Os trajes de noite são de suprema beleza. Com seus cortes impecáveis e variados, sua riqueza de cores e tecidos, eles estão destinados a ocupar lugar de destaque na "saison" que vamos iniciar!

KITTY

GINGER ROGERS
(RKO RADIO)

NOS BASTIDORES
FEMININOS

MARCELO VICINHO "estrelado" da Warner apresenta 2ª temporada da que na de antes mudaram em matéria de bolsas para a nova versão: 1 = 0, 2 = 1, 3 = 2, 4 = 3, 5 = 4, 6 = 5, 7 = 6, 8 = 7, 9 = 8, 10 = 9, 11 = 10, 12 = 11, 13 = 12, 14 = 13, 15 = 14, 16 = 15, 17 = 16, 18 = 17, 19 = 18, 20 = 19, 21 = 20, 22 = 21, 23 = 22, 24 = 23, 25 = 24, 26 = 25, 27 = 26, 28 = 27, 29 = 28, 30 = 29, 31 = 30, 32 = 31, 33 = 32, 34 = 33, 35 = 34, 36 = 35, 37 = 36, 38 = 37, 39 = 38, 40 = 39, 41 = 40, 42 = 41, 43 = 42, 44 = 43, 45 = 44, 46 = 45, 47 = 46, 48 = 47, 49 = 48, 50 = 49, 51 = 50, 52 = 51, 53 = 52, 54 = 53, 55 = 54, 56 = 55, 57 = 56, 58 = 57, 59 = 58, 60 = 59, 61 = 60, 62 = 61, 63 = 62, 64 = 63, 65 = 64, 66 = 65, 67 = 66, 68 = 67, 69 = 68, 70 = 69, 71 = 70, 72 = 71, 73 = 72, 74 = 73, 75 = 74, 76 = 75, 77 = 76, 78 = 77, 79 = 78, 80 = 79, 81 = 80, 82 = 81, 83 = 82, 84 = 83, 85 = 84, 86 = 85, 87 = 86, 88 = 87, 89 = 88, 90 = 89, 91 = 90, 92 = 91, 93 = 92, 94 = 93, 95 = 94, 96 = 95, 97 = 96, 98 = 97, 99 = 98, 100 = 99, 101 = 100, 102 = 101, 103 = 102, 104 = 103, 105 = 104, 106 = 105, 107 = 106, 108 = 107, 109 = 108, 110 = 109, 111 = 110, 112 = 111, 113 = 112, 114 = 113, 115 = 114, 116 = 115, 117 = 116, 118 = 117, 119 = 118, 120 = 119, 121 = 120, 122 = 121, 123 = 122, 124 = 123, 125 = 124, 126 = 125, 127 = 126, 128 = 127, 129 = 128, 130 = 129, 131 = 130, 132 = 131, 133 = 132, 134 = 133, 135 = 134, 136 = 135, 137 = 136, 138 = 137, 139 = 138, 140 = 139, 141 = 140, 142 = 141, 143 = 142, 144 = 143, 145 = 144, 146 = 145, 147 = 146, 148 = 147, 149 = 148, 150 = 149, 151 = 150, 152 = 151, 153 = 152, 154 = 153, 155 = 154, 156 = 155, 157 = 156, 158 = 157, 159 = 158, 160 = 159, 161 = 160, 162 = 161, 163 = 162, 164 = 163, 165 = 164, 166 = 165, 167 = 166, 168 = 167, 169 = 168, 170 = 169, 171 = 170, 172 = 171, 173 = 172, 174 = 173, 175 = 174, 176 = 175, 177 = 176, 178 = 177, 179 = 178, 180 = 179, 181 = 180, 182 = 181, 183 = 182, 184 = 183, 185 = 184, 186 = 185, 187 = 186, 188 = 187, 189 = 188, 190 = 189, 191 = 190, 192 = 191, 193 = 192, 194 = 193, 195 = 194, 196 = 195, 197 = 196, 198 = 197, 199 = 198, 200 = 199, 201 = 200, 202 = 201, 203 = 202, 204 = 203, 205 = 204, 206 = 205, 207 = 206, 208 = 207, 209 = 208, 210 = 209, 211 = 210, 212 = 211, 213 = 212, 214 = 213, 215 = 214, 216 = 215, 217 = 216, 218 = 217, 219 = 218, 220 = 219, 221 = 220, 222 = 221, 223 = 222, 224 = 223, 225 = 224, 226 = 225, 227 = 226, 228 = 227, 229 = 228, 230 = 229, 231 = 230, 232 = 231, 233 = 232, 234 = 233, 235 = 234, 236 = 235, 237 = 236, 238 = 237, 239 = 238, 240 = 239, 241 = 240, 242 = 241, 243 = 242, 244 = 243, 245 = 244, 246 = 245, 247 = 246, 248 = 247, 249 = 248, 250 = 249, 251 = 250, 252 = 251, 253 = 252, 254 = 253, 255 = 254, 256 = 255, 257 = 256, 258 = 257, 259 = 258, 260 = 259, 261 = 260, 262 = 261, 263 = 262, 264 = 263, 265 = 264, 266 = 265, 267 = 266, 268 = 267, 269 = 268, 270 = 269, 271 = 270, 272 = 271, 273 = 272, 274 = 273, 275 = 274, 276 = 275, 277 = 276, 278 = 277, 279 = 278, 280 = 279, 281 = 280, 282 = 281, 283 = 282, 284 = 283, 285 = 284, 286 = 285, 287 = 286, 288 = 287, 289 = 288, 290 = 289, 291 = 290, 292 = 291, 293 = 292, 294 = 293, 295 = 294, 296 = 295, 297 = 296, 298 = 297, 299 = 298, 300 = 299, 301 = 300, 302 = 301, 303 = 302, 304 = 303, 305 = 304, 306 = 305, 307 = 306, 308 = 307, 309 = 308, 310 = 309, 311 = 310, 312 = 311, 313 = 312, 314 = 313, 315 = 314, 316 = 315, 317 = 316, 318 = 317, 319 = 318, 320 = 319, 321 = 320, 322 = 321, 323 = 322, 324 = 323, 325 = 324, 326 = 325, 327 = 326, 328 = 327, 329 = 328, 330 = 329, 331 = 330, 332 = 331, 333 = 332, 334 = 333, 335 = 334, 336 = 335, 337 = 336, 338 = 337, 339 = 338, 340 = 339, 341 = 340, 342 = 341, 343 = 342, 344 = 343, 345 = 344, 346 = 345, 347 = 346, 348 = 347, 349 = 348, 350 = 349, 351 = 350, 352 = 351, 353 = 352, 354 = 353, 355 = 354, 356 = 355, 357 = 356, 358 = 357, 359 = 358, 360 = 359, 361 = 360, 362 = 361, 363 = 362, 364 = 363, 365 = 364, 366 = 365, 367 = 366, 368 = 367, 369 = 368, 370 = 369, 371 = 370, 372 = 371, 373 = 372, 374 = 373, 375 = 374, 376 = 375, 377 = 376, 378 = 377, 379 = 378, 380 = 379, 381 = 380, 382 = 381, 383 = 382, 384 = 383, 385 = 384, 386 = 385, 387 = 386, 388 = 387, 389 = 388, 390 = 389, 391 = 390, 392 = 391, 393 = 392, 394 = 393, 395 = 394, 396 = 395, 397 = 396, 398 = 397, 399 = 398, 400 = 399, 401 = 400, 402 = 401, 403 = 402, 404 = 403, 405 = 404, 406 = 405, 407 = 406, 408 = 407, 409 = 408, 410 = 409, 411 = 410, 412 = 411, 413 = 412, 414 = 413, 415 = 414, 416 = 415, 417 = 416, 418 = 417, 419 = 418, 420 = 419, 421 = 420, 422 = 421, 423 = 422, 424 = 423, 425 = 424, 426 = 425, 427 = 426, 428 = 42



PARA TODAS AS HORAS



1 — Em "chiffon" branco é essa
salind Russel da Columbia. De
bastante am e mangas muito
cabelos. 2 — Juliette Colbert
elegancia. 3 — A vemos num
cordões da fazenda. O c
com a fazenda em sentido hori
ples, arremada com "clips" de
"robe" apressado às nossas le
lheres do mundo. 4 —
com ramagens e tons claros e
mando cauda. 5 — Dusty Ande
traje esportivo proprio para a
"sweater" preto terminando

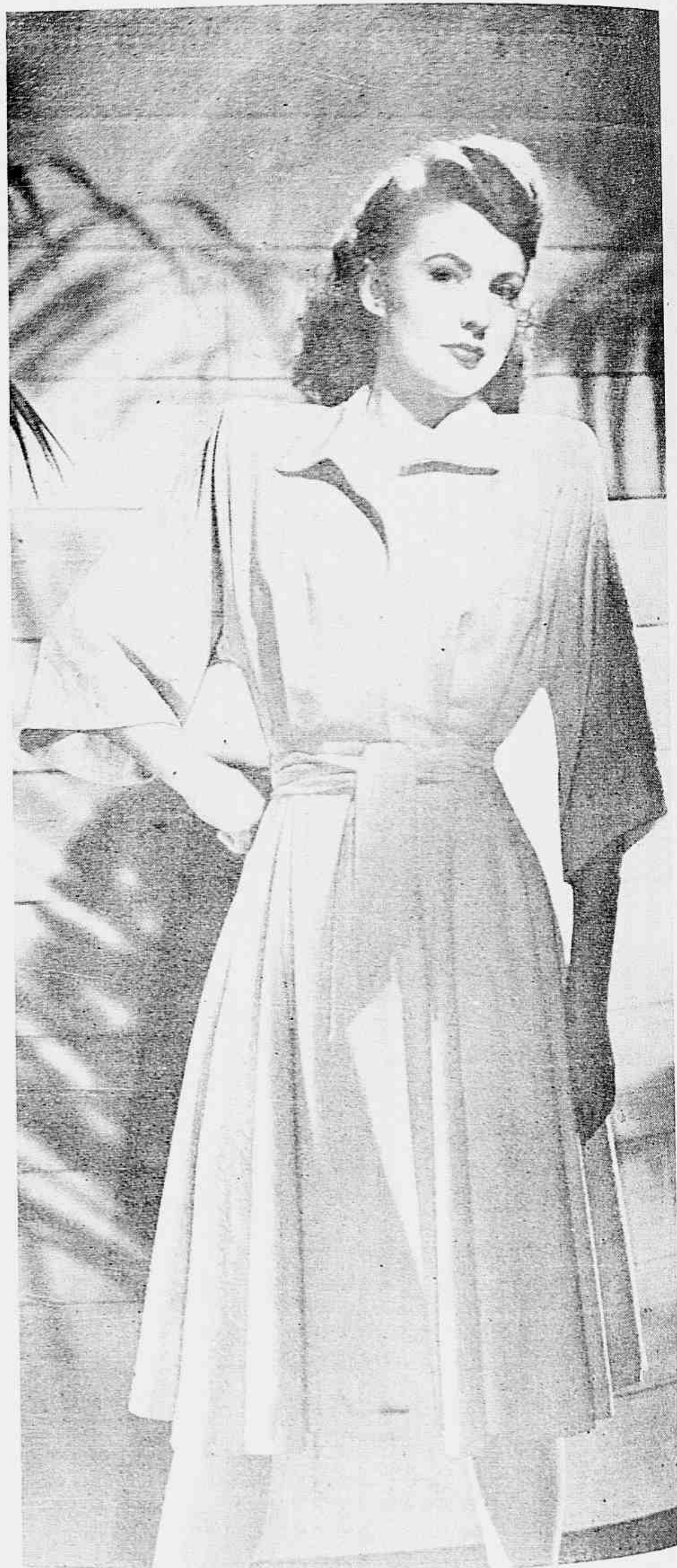


1 — Em “cinza” branco é essa vaporosa “toilette” apresentada pela elegantíssima Rosalind Russell na Columbia. Decote em V bastante pronunciado, cinturão largo, saia bastante ampla e mangas muito largas. Do mesmo tecido é a manta que ela usa sobre os cabelos. 2 — Claudette Colbert, da RKO, tem mais uma oportunidade de exibir a sua elegância. Aqui vemos num “tailleur” bastante “chic” de tecido preto lustroso, com cordões da mesma fazenda. O casaco é ajustado ao corpo, tem um peitilho formando com a fazenda um sentido horizontal, abotoado com botões do mesmo tecido, gola simples, arrematado com “clips” de ouro e pedras. Saia justa. 3 — De grande “chic” é este “robe” apresentado às nossas leitoras por Claudette Colbert, uma das mais elegantes mulheres do cinema e do mundo. O “robe”, estilo “princesa”, é confeccionado em cetim preto com ramagens de tons claros e vivos. Abotoado na frente, “godet” farto para trás, formando cauda. 4 — Dusty Anderson, da Columbia, sugere às nossas leitoras um elegante traje esportivo próprio para as manhãs frias. Calças e casaco em casemira cinza e “sweater” preto terminando em “écharpe” enrolada no pescoço e na cabeça.

MANHÃS FRIAS

1 — JANE PAXER, da Warner Bros., apresenta aos seus fãs uma versão do clássico vestido de lã. Recorte com "pequenas" pesponturas no busto e na saia. Cinto de ouro de crocodilo, com "chapeleiro" de metal. Bolso também de crocodilo, com alça de metal. Grande "clips" na blusa. Bolso de lã.

2 — JOAN LESLIE, a graciosa "mulher" da Warner Bros., apresenta às nossas leitoras um modelo feito em tecido espalado, com gola bastante larga formando "gode", e mangas ultra-modelo "toplan", três quartos e largas.



Restaurante para MOÇAS



Duas horas para almoço!
Era ali, naquele restaurante para moças pobres, que Helena ia fazer suas refeições do meio-dia. A princípio constrangia-se mas a necessidade de economizar fê-la insistir e aos poucos fôra sentindo-se menos oprimida, pois o falatório atordoante das moças desviava sua atenção para fôra de si mesma.

Afastada da casa paterna por incompatibilidade com a madrasta, sentia na aflição de seus dias longos, toda a angústia dos sem-mãe.

Arranjara, então, um emprego — era-lhe tão necessário quanto útil. E tinha, agora, também, um namorado. Ia esperá-lo todos os dias ao terminar o trabalho. Viam-se pouco — ele era tão ocupado... Mas como lhe queria! Transportara para ele todo o amor que dedicara aos seus e que fôra repellido. Ha-

duas semanas, beijando-a, Roberto lhe falara em casamento e Helena secretamente começara a fazer o enxoval.

Agora, as conversas do Restaurante prendiam-lhe mais a atenção. As frequentadoras eram as mais diversas e Helena divertia-se em ouvir-lhes as impressões.

Já ha dias que ela vinha observando uma italiana. Chegava, obtinha sua ficha, e, enquanto esperava a vez, enterrava a cara no jornal. Era atarracada, tinha a voz grossa, usava chapéu e interessava-se apenas pelas notícias da guerra na Itália. Não tomava café e acreditava em Mussolini. Tinha raiva de d. Cotinha, a cozeira que lhe preparava a bandeja, e pensava em vingar-se do marido, "um brasileiro besta que eu ainda um dia jogo em baixo do camarão".

Jacy, a que trabalhava num consultório médico, era bem diferente: alta, magra, cintura fina, uma voz grave de contralto. Entendia de medicina e era casada, ou melhor: era separada (mas não parecia). Tinha cabelos infames, queimados pelas tinturas (insistia em ser loira) e pelas permanentes. Frequentava os serões religiosos "só para desmascarar essa gente". A chefe do Refeitório, religiosa de quatro costados, tinha-lhe um

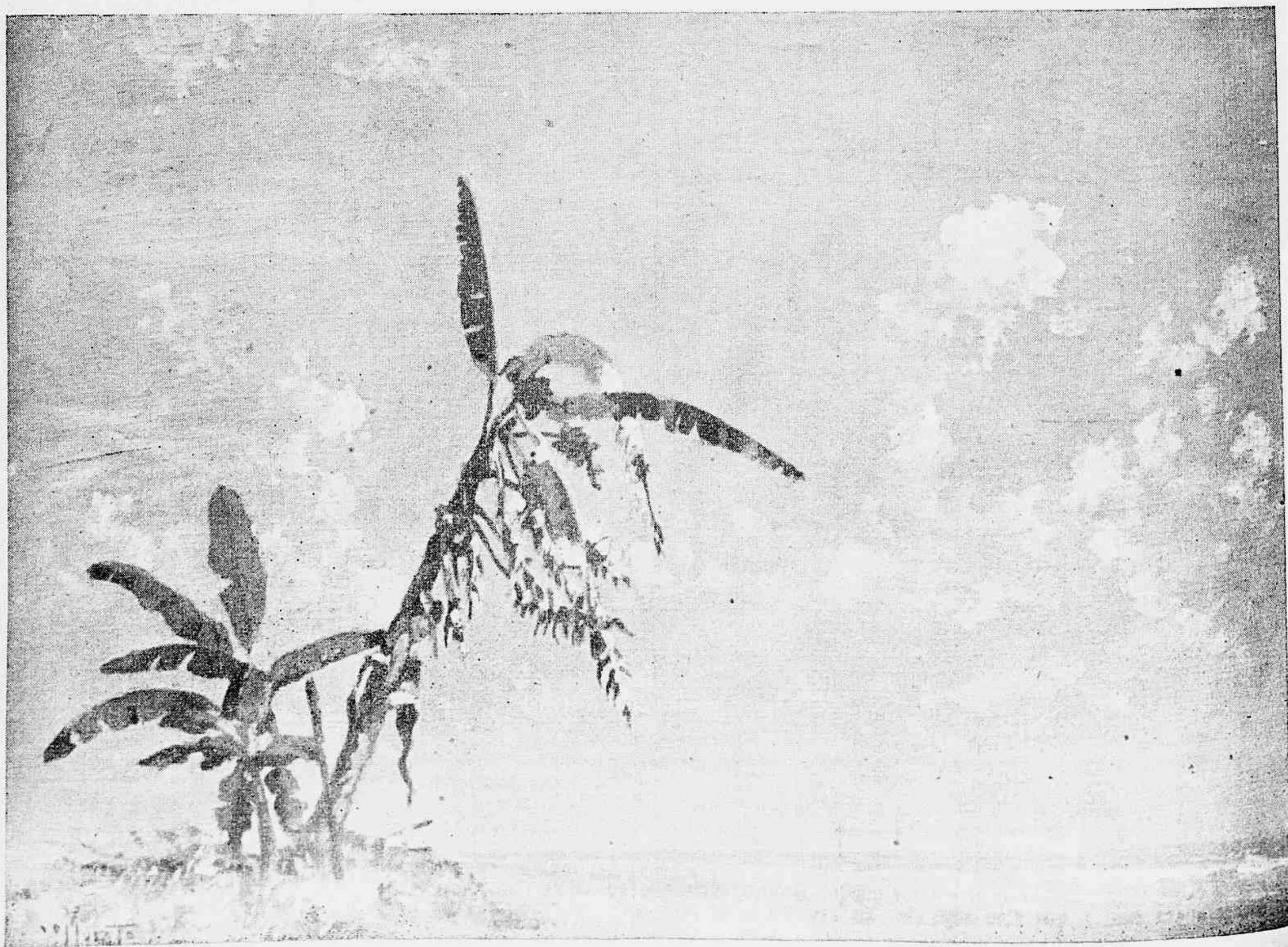
(Continua na pág 56)

Conto de
HILDA MACEDO
Ilustração de
ARMANDO MOURA



Barros o Mulato vai expôr em Buenos Aires. Depois de seleccionar algumas de suas melhores telas, embarcou para a capital portenha, onde, no transcurso da segunda quinzena do corrente mês, fará inaugurar a sua mostra de trabalhos, na famosa Galeria Muller da calle Florida. São quadros apreciáveis, que os amantes das belas artes, no Prata, saberão distinguir, e dos quais reproduzimos três nesta página: Ao alto, á esquerda, "Paisagem", e á direita, "Jangadeiro". Na gravura inferior, "Onde começa o céu".

ARTES PLASTICAS



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

PADRE CÍCERO, O SANTO DO JUAZEIRO, reportagem de Edmar Morel — Edição da Empreza Gráfica "O Cruzeiro" — Rio de Janeiro, 1946.



Que espécie de homem, de político ou de sacerdote foi Cícero Romão Batista? Entre o bispo Luiz Antônio dos Santos, que o elevou à categoria de "anjo" e o padre Alencar Peixoto, que o rebaixou à condição de "homem funesto", numerosos comentadores o julgaram e das maneiras mais variadas. Formou-se a seu respeito uma gradação de juízos, uma espécie de escala cromática de opiniões. E como se, para nos desorientar, não bastassem as incoerências manifestas, os impulsos evidentemente irregulares de tal individualidade, ainda a lenda a envolve; a exalta ou a compromete; e, de tal modo a complica, que, em alguns casos ou episódios, ficamos sem saber onde acaba a realidade e principia a imaginação. Em que lugar o deve colocar um biógrafo esclarecido e sincero? No altar em que os seus fiéis o adoraram, porventura ainda hoje lhe rezarão, ou na cadeia que os seus adversários designaram como o desfecho mais justo daquela vida paradoxal?

Eis o problema de historiografia que o Sr. Edmar Morel, reporter de larga envergadura e cometimentos arrojados, se propoz esclarecer definitivamente. Para isso, belo dia tomou o avião — e nem, depois de haver entrevistado o almirante Gago Coutinho, o seu ardor profissional lhe admitiria outro meio de transporte. Sobrevoou a terra famosa, teatro de tantos prodígios e tantos horrores mais ou menos provados; fotografou-lhe, lá de cima, o cenário meio barbaresco e depois, cá em baixo, interrogou os habitantes, esquadrinhou os arquivos, procedeu a toda sorte de indagações. A documentação que recolheu e que, naturalmente, teve de escoimar antes da partida de volta, ainda assim o obrigou a pagar, no areoplano, dezoito quilos de excesso de bagagem. Mas a obra lhe saiu completa. Tudo o que se deseja saber sobre Cícero Romão Batista, seus adeptos, seus fanáticos, seus inimigos, suas últimas, aqui se encontra, engenhosamente organizado, exposto de maneira a não deixar dúvidas. É a biografia minuciosa do sacerdote que se fez político, ora reprovado pelas autoridades eclesásticas e atacado no Parlamento, ora absolvido pelo Papa e prestigiado pelos Governos, inspirador dum culto e, por assim dizer, dono dum povo, em cujo folclore, embora a História o esqueça, não deixará de perdurar.

O Sr. Edmar Morel fez, parece-nos, quanto a um repórter era dado fazer. E aqueles que, acerca do Padre Cícero, escreveram obras "apressadas ou venais", no presente livro encontrarão, inofensível, a verdade que não puderam ou não quiseram dizer.

IDEIAS E PENSAMENTOS DE TAVARES BASTOS, organização, prefácio e notas de Luiz Pinto — Editora Minerva Ltda. — Rio de Janeiro, 1946.



O presente volume é o primeiro duma série que compreenderá as individualidades de Aureliano Cândido Tavares Bastos, Rui Barbosa, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Farias Brito, Pandiá Calógeras — e possivelmente se estenderá a outras vulturas notáveis do panorama intelectual do Brasil. Por este trabalho inicial se poderá fazer idéia do interesse e do mérito do empreendimento. Trata-se de escolher, nas obras dos grandes comentadores pelo livro, pela imprensa, pela tribuna, pela cátedra, os melhores exemplos da sua intervenção nas correntes doutrinárias, nos ideais combatentes, nos movimentos inovadores ou reformadores, nas questões que mais poderosamente agitaram cada época. Deste modo se efectua uma selecção dos esforços e aplicações da inteligência que realmente influíram na vida do país e nela perduraram. E da maneira como se proceder a tal escolha naturalmente resultará o maior ou menor, a mais ou menos nítida significação da obra geral.

O Sr. Luiz Pinto, jornalista, historiador, político militante, encarregou-se da figura, por tantos títulos expressiva, de Aureliano Cândido Tavares Bastos; e bem se sente como essa tarefa lhe foi grata ao espírito e ao sentimento. Nas páginas preliminares, intituladas *Razão deste ensaio*, explica o biógrafo a sua maneira de compreender tal incumbência. Foi para ele uma questão de dever cívico, de patriotismo:

"Constitui um dever do mais puro nacionalismo na hora em que vivemos — principia o antelóquio — a divulgação das idéias, dos pensamentos e das medidas postas em prática pelos homens que atuaram na vida pública brasileira e que se esforçaram por uma directiva à administração, à política e à paisagem social do Brasil. Não podemos olvidar certas figuras que, na primeira e na segunda fazes do império, como durante a República, estudaram e esboçaram grandes programas para o nosso país, muitos deles em caráter permanente, em pinceladas firmes, e que resistiram aos impulsos de reformistas, às transições sociais e aos cataclismos políticos, dada a fisionomia que tiveram e o prisma por que houveram de ser encarados."

Segue-se uma resenha das atividades de Aureliano Cândido — o mais ilustre dos três Tavares Bastos que figuram nas enciclopédias — como publicista, parlamentar e administrador. E vem depois a obra propriamente dita que a capa do livro anuncia. Divide-se ela em tres partes. Formam a primeira as *Cartas do Solitário* que tanta sensação causaram, com o seu comentário vivo, directo, independente e sempre sereno aos sucessos políticos e aos atos governativos de cada momento — e que mais faladas se tornaram ainda pela persistência do autor em se ocultar sob aquêle pseudônimo impressionante. A assinatura "O Solitário" representava mais que uma simples máscara para intrigar os leitores de jornal, era um enigma, através de cujo mistério parecia acusar-se, de vez em quando, este ou aquele personagem, mas sempre dos maiores do jornalismo ou da vida pública, tais as faculdades e recursos de inteligência, cultura, autoridade, superior dignidade que ali se manifestavam. O caso desses comunicados anônimos realmente se tornou e até hoje se apresenta como um dos mais notórios da imprensa brasileira.

Os outros dois capítulos do livro trazem, igualmente anotados e com breves observações, excertos das obras de Tavares Bastos *O Vale do Amazonas* e *A Província, Estudos sobre a descentralização do Brasil*.

TERRA MATER, romance de Elvira Rodrigues Gomes — Editores Irmãos Di Giorgio & Cia. — Rio de Janeiro, 1946.



A Sra. Elvira Rodrigues Gomes escreveu um romance de feição regional e do tipo mais realista, como recentemente se tem compreendido esta qualificação. O herói da acção é um administrador de fazenda, de origem estrangeira e sobrenome Murray, entendido como poucos no amanho da terra e no trato do gado, cumpridor dos seus deveres e exacto nas suas contas — mas que se não entende com os proprietários da terra ou os directores das companhias que as exploram. Em verdade, a culpa não é dele. Os patrões ou chefes não o consideram bastante pelo que vale ou merece; não hesitam em o humilhar e tentam abusar da sua situação de chefe de família, sem facilidade de arranjar emprego equivalente, receoso de complicações, de possíveis adversidades. Murray acaba abandonando aqueles que não sabem, não querem corresponder ao seu esforço inteligente e honesto. E a cada uma dessas resoluções se segue um capítulo de odisséia.

A época da acção não está explicitamente datada a princípio, mas certos acontecimentos reais, que depois nela intervêm, lhe indicam a perfeita actualidade. E a autora parte do princípio de que ainda hoje os trabalhadores sofrem vexames espoliações e lutam por obter ocupação razoavelmente remunerada. Talvez em algumas regiões ainda assim suceda, quer dizer: sejam ainda os empregadores que falam de cima e pagam quando querem a quem os serve. E, afinal, pouco importa isso para se julgar das faculdades e recursos da romancista. A Sra. Rodrigues Gomes conhece bem a vida agreste de certas zonas de Minas e São Paulo. Os seus personagens têm certo carácter, certa vida natural, assim por exemplo: um "major" fazendeiro, mandão da velha guarda e seródio conquistador; suas filhas, sempre alertas e cheias de rancor perante aquelas aventuras senis que lhes podem levar a fortuna do velho; um literato da roça, recitador de voz langorosa e olhares intencionais para as ouvintes; um "camarada" de incansável solicitude, fiel como um cão e, além disso, exímio contador à viola, para emprestar a sua música aos idílios de "seu major"; outras figuras espontaneamente desenhadas e que passam aos nossos olhos com uma expressão geral de verdade.

De vez em quando, o romance envereda pela política e não apenas historicamente mas com decidida intenção partidária. De repente surge a luta das candidaturas José Americo e Armando de Salles Oliveira e a vitória revolucionária de Getúlio Vargas. Depois, o entrecabo volta aos seus personagens de ficção e à vida rural que a autora observa com tanta segurança e facilidade. Mas o epítolo da obra condena ardentemente os quinze anos da ditadura e cita frases de discursos do Dr. José Americo e do brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da democracia.

Não deixaremos de notar que em certas passagens, se nos deparam palavrões horríveis que a romancista em pessoa certamente não proferiria na mais restrita intimidade nem mesmo quando sozinha. E não se compreende muito bem como as pessoas que observam o pudor na linguagem falada deixem de o manter na linguagem escrita — e com a esperança de ser lida por toda gente.

A DANÇA DAS SOMBRAS, fantasias de Cid Correia Lopes — Porto Alegre, 1946.



O Sr. Cid Correia Lopes, de quem, há mezes, aqui tratámos, como autor dum volume de poemas ou poemets em prosa alinhada e recortada a fingir que eram versos, agora nos volta com um livro de prosa, prosa autêntica e sem precisar de caprichos gráficos para ter poesia.

Intitulava-se a primeira obra *Enigmas do Céu e da Terra*. Era, como se vê, um batismo que pretendia abranger o infinito. Mas a obra, no seu objectivo geral e na sua verdadeira expressão não ia muito além da pessoa do poeta. O Sr. Correia Lopes pouco mais fazia do que retratar-se a si próprio, com os seus pensamentos, as suas emoções e sem rigorosamente lhe importar a relação que a sua maneira de considerar e sentir a vida pudesse ter com o Universo. Se, porém, aquelas composições nos não desvendavam os mistérios deste mundo ou de qualquer outro, nem a eles faziam mais impressionadora referência, em compensação nos despertavam o interesse e a simpatia por certos requisitos de linguagem: maneiras singulares em que nem tudo era excentricidade, havia beleza também; imagens não apenas audaciosas mas de real eloquência; definições que davam a impressão de novas e destinadas a perdurar. Livro curioso, enfim, e de veras estimável.

Boa parte dos capítulos deste novo livro se inspiram em passagens do Evangelho e tendem a conciliar a feição filosófica com a tendência religiosa. E, porém, esta que domina. Não faltam, de certo, as concepções doutrinárias, as reflexões de índole exemplar; prevalecem, porém, as vibrações da sensibilidade. O escritor se mostra em contínua e plena comoção. Trabalha por efeito do goso ou da máguia de cada momento. E o seu poder evocativo vale de formas em cuja pompa diríamos haver qualquer coisa de presenciado ou adivinhado.

"Jerusalém, exausta, cerra lentamente as pálpebras de pedra. O silêncio, fatigado, adormeceu também, na boca de bronze dos velhos sinos. A sombra do Gólgota domina as sombras menores. Estamos em plena era cristã. Jesus continua a viver. Anda pela casa dos trinta anos. O Nazareno baixou à cidade do pecado para revê-la e aos homens que se transviavam em nome de Moisés. Jerusalém, com as suas vielas breves como o bem no coração do povo eleito e becos tão imundos que lembram a consciência de um farizeu, pertence a Cesar."

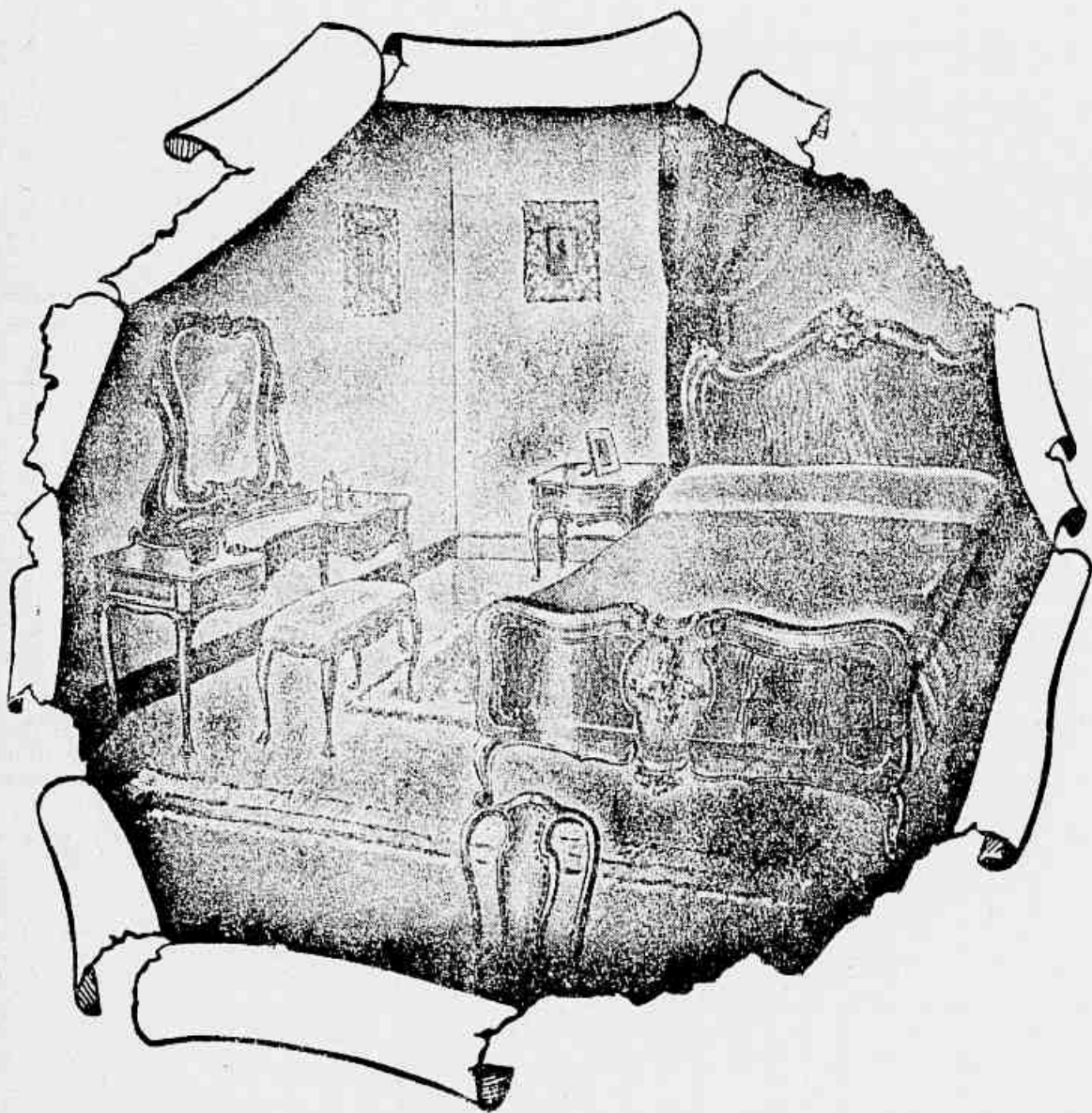
Nem sempre a obra se desenvolve sobre estes assuntos augustos e neste tom de solenidade. O Sr. Correia Lopes abandona, de vez em quando, o Livro Sagrado para se entregar às suas reminiscências familiares. Fala-nos de seu pai, do velho lar, das coisas passadas ou mortas que continuam a acompanhá-lo na vida. E ainda em outras páginas nos confia as suas admirações e as suas afeições literárias, fazendo crítica a seu modo, isto é: com o sentimento.

RECEBEMOS:

As ciências sociais e os problemas de após-guerra, conferência de Artur Ramos, lida no Salão da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores. Publicação da Casa do Estudante do Brasil.

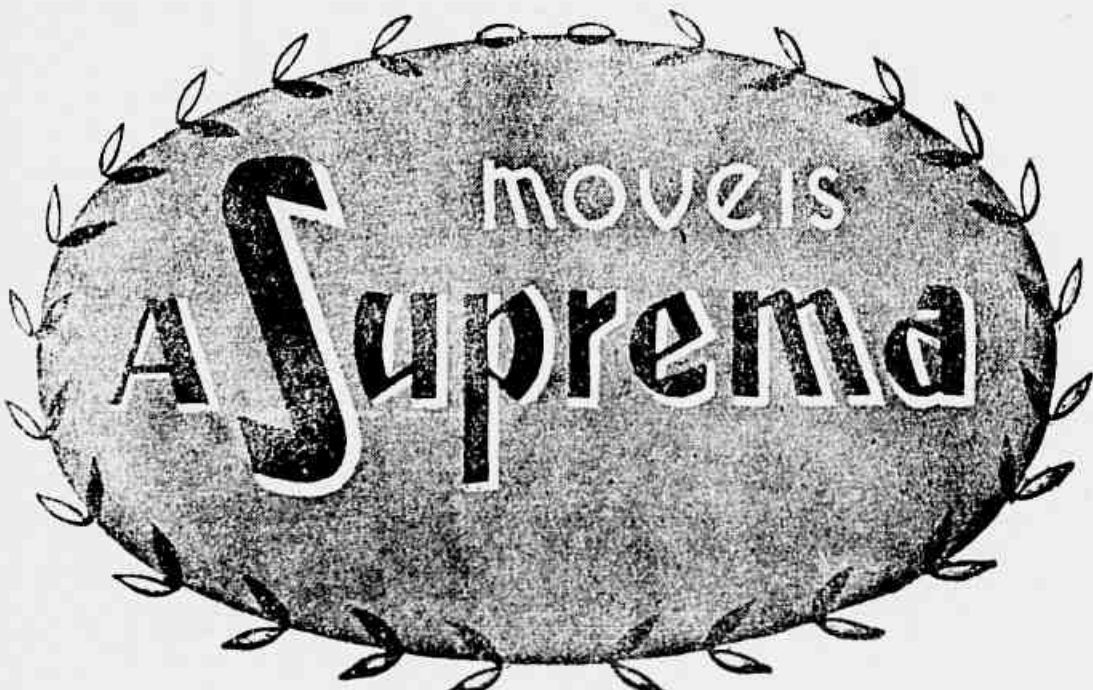
YANG DENTE GRANDE

(Continuação da pag. 23)



Na realização do seu maior sonho...

Neste dia feliz de maio, não esqueça um detalhe que muito ha de contribuir para sua felicidade: u'a mobilia em estilo representa mais um elo de aproximação na vida de um casal.



RUA DO CATETE, 105

OSSEVAD 28. 12. 8.

bem sério — quando Dente Grande acabava de cobrar a parte do governo, desciam das colinas os bandidos para levar a sua.

— Seria bem difícil, declarou o velho Li, chefe da família Li, saber qual o maior bandido: se é Dente Grande e sua Nação ou o cão amarelo e seus cãozinhos das colinas.

Mas quando Dente Grande partia, e depois de sentados lamentarem-se algum tempo, eles enxugavam as lágrimas nas túnicas de algodão azul, olhavam em torno, para suas mulheres e filhos, e, sem querer, punham-se a rir. A vida ainda era boa.

— Vamos permitir que bandidos nos façam infelizes? Perguntavam a si mesmos. E assim continuava a vida em Wang's Corners e na Vila da Família Li e o povo que ali morava seguia o exemplo da mulher de Dente Grande e virava o rosto quando ele se aproximava.

Tudo poderia ter continuado dessa forma até a morte de Li se ele não houvesse decidido tomar uma outra esposa. A grande tristeza de sua vida era que não tinha um filho. Estava enriquecendo cada vez mais, e aumentara sua casa que já contava com um tanque e um jardim. A comida que melhor lhe sabia era o que ele comia em cada refeição. Tinha criados e até um automóvel. Era uma máquina velha, é verdade, mas tinha quatro rodas e motor. O motor estava bem visível porque a carroceria desaparecera. Mas nada substituía o filho que ele não tinha.

Dente Grande lembrou-se, recordando todas as moças que vira recentemente, que certo rostinho belo estava sempre presente em seu espírito, e que este rosto era o da filha única do velho Li, fazendeiro cujas terras ficavam perto da Vila da Família Li. Os dois, pai e filha, viviam em casa semi-arruinada e como não houvesse um filho a moça ajudava o pai no campo. Assim a vira Dente Grande.

Sentado em seu jardim pensou em como ela parecia cheia de saúde, e como eram rosadas suas faces. Era alta, mas ele também.

“Ela vai ser difícil de controlar, mas isso não é nada, porque eu controlo qualquer um”, pensou ele, orgulhosamente.

Foi com tais ideias na cabeça que ele foi procurar, dias mais tarde, o velho Li. A moça estava sentada num banco perto da porta, comendo uma melancia. Dente Grande viu logo que era de qualidade especial, mais doce do que outra qualquer. Quando ela o viu, levantou-se depressa e foi para dentro de casa. Imediatamente surgiu o ve-

lho Li abotoando sua túnica azul desbotado.

— Desculpe-me por não estar na porta. Estava me lavando, de volta do campo.

Dente Grande sentou-se no banco, ainda quente do corpo da moça.

— Era uma linda melancia.

O velho Li gritou para a filha:

— Traga uma melancia para o nosso hospede.

A moça respondeu lá de dentro:

— Não posso. Já comi tudo.

Ela apareceu na porta e acrescentou, desafiando:

— A melancia é uma coisa sobre a qual não pode cobrar imposto está dentro de mim: comi.

Depois ela riu alto e desapareceu dentro de casa.

O velho Li ficou apavorado mas Dente Grande riu também.

Eu podia cobrar da mesma forma, observou. Mas quero a moça para mim.

Velho Li sorriu, mas o medo lhe imobilizou o sorriso:

— O senhor está brincando. Ela... ela é noiva. O noivo está no exército.

A respeito desse moço que não existia, o velho Li acrescentou: Ele deve chegar a qualquer momento, e ele me mata e sua família me deixa desenterrado se eu não cumprir a palavra dada. A moça é dele.

Dente Grande imediatamente zangou-se e com raiva disse:

— Diga a sua filha que venha cá.

O velho Li chamou, fracamente:

— Liesha, venha falar com nosso hóspede.

Liesha respondeu em tom de voz bem claro:

— Não posso. Estou ocupada.

— Ela sabe quem eu sou? perguntou Dente Grande.

— Você sabe quem ele é? repetiu o velho.

— O cobrador de impostos, respondeu Liesha, mas ele não pode cobrar imposto sobre a minha pessoa.

— Veja como ela é voluntariosa, disse o velho Li.

— Precisa uma surra, declarou Dente Grande.

— Dê-me alguns dias para acostumá-la com a idéia, pediu o velho.

Dente Grande levantou-se. Espero-a dentro de sete dias, anunciou, e foi-se. Mas à porta, ele parou e disse ainda: Se você arranjar esse negocio satisfatoriamente, eu o livrarei de impostos para o resto da vida.

Quando o vulto enorme de Dente Grande desapareceu, o velho Li tornou a sentar-se e começou a lamentar-se. Liesha imediatamente apareceu e censurou-o.

— Ouvi tudo o que ele disse e o senhor também. Pai, não sei qual é sua opinião, mas posso lhe dar a minha: não vou para a casa dele.

— Espere, disse o velho.

(Continua na pag. 49)



Enlace matrimonial do dr. João Baptista de Mello, alto funcionario do Ministério da Justiça, com a sta. Romilda de Andrade, funcionaria da Alfandega desta Capital. A cerimonia foi realizada na Igreja dos Capuchinhos, no dia 3 do corrente.

FIGURAS E FATOS

Realizou-se recentemente o enlace matrimonial da senhorita Mirthes Zulica de Vasconcellos, filha do sr. Pedro de Góes e Vasconcellos, comerciante na praça do Salvador, Estado da Bahia, com o sr. Reinaldo Lordêlo, filho do sr. José Lordêlo, fazendeiro no interior do mesmo Estado. Na fotografia que acima estampamos vêem-se os nubentes, após a cerimonia religiosa.



OS PERFUMES DE
ROGER & GALLET
PARIS - RIO

fleurs d'amour EXTRATO - LOÇÃO - PÓ DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO - EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta LOÇÃO

anthea PÓ DE ARRÔS CRAVO - HELIOTROPE - VIOLETA.

santal PÓ DE ARRÔS

jean marie farina AGUA DA COLONIA A GRANDE MARCA FRANCEZA

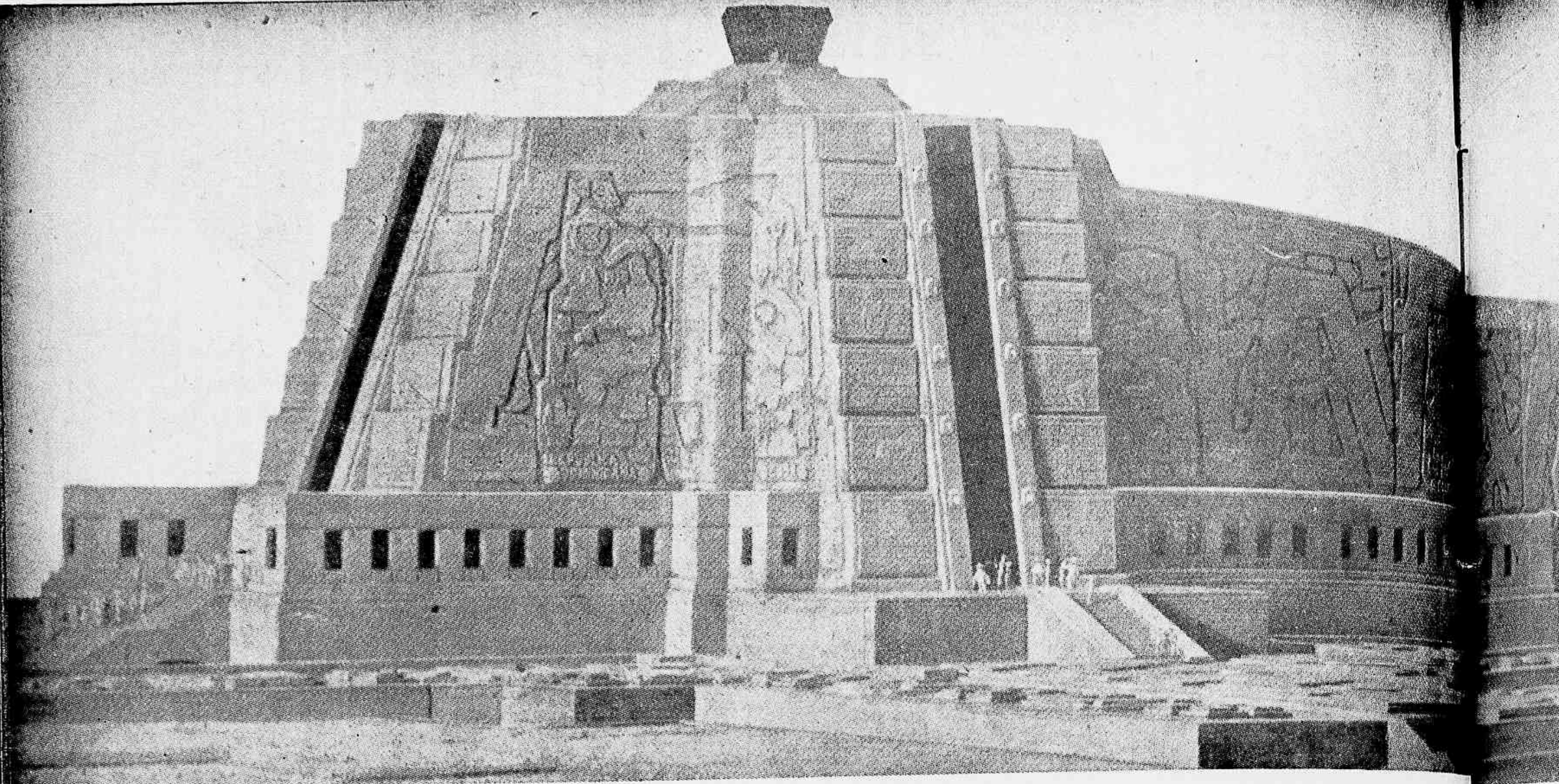


"BRILHA" SEMPRE ! ***

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentejar. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, alcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



Assim será o farol-monumento a Cristovão Colombo, erguido na República Dominicana. Este o modelo aprovado e sob o qual se edificará essa peça histórica e de grande utilidade. Poderá ser visitado e terá como símbolo, a forma de uma cruz gigantesca, numa extensão aproximada de mil e duzentos metros.

No interior do farol-monumento serão definitivamente depositados os restos mortais de Colombo. Ali será o ponto de cruzamento mundial

para as tra-
cruz que a

UM FAROL - MONUMENT

Já foi iniciada na República Dominicana a construção do majestoso farol-monumento em memória de Cristovão Colombo e, ao mesmo tempo, como símbolo de unidade e cooperação internacional. Monumento de espírito nitidamente americano, a ele a Grã-Bretanha sente-se honrada de haver ligado o seu nome, por intermédio do projeto vitorioso, de autoria do arquiteto inglês J. L. Gleave.

O grandioso memorial constitui homenagem condigna ao famoso navegador genovês, a cujas descobertas deve realmente o mundo o ter ingressado em uma nova e definitiva etapa de progresso e civilização.

A sua localização, na República Dominicana, é à margem do rio Ozama, no litoral do mar das Caraíbas. Através do rio, estende-se Ciudad Trujillo, que foi outrora o primeiro estabelecimento europeu no Novo Mundo e do qual, ao tempo em que serviu de sede ao Vice-Reinado, partiram Cortez, Pizarro, Balboa e outros Conquistadores para as viagens que tornaram famosos os seus nomes nas páginas da história.

O Farol-Monumento, ora em construção, tem a forma de uma cruz gigantesca, numa extensão aproximada de 1.200 metros. No seu interior serão definitivamente depositados os restos mortais de Colombo. Como o lugar se destina a tornar-se ponto de cruzamento mundial para as travessias aéreas e oceânicas, a grande cruz poderá muito bem ser a primeira visão americana para muitos viajantes.

A noite, as suas faixas luminosas serão ao mesmo tempo símbolo e guia, desenhando no espaço a cruz de ligação entre os dois Continentes Americanos.

O custo do monumento está sendo parcialmente preenchido por contribuições oficiais das vinte e uma repúblicas americanas, em parte por doações particulares de pessoas de boa vontade pertencentes a outros países do mundo.

A história do projeto ora em vias de realização remonta há quase cem anos, quando em 1852 Antonio del Monte Taborda, autor de uma "Historia de S. Domingos" sugeriu a construção de um farol mais ou menos no próprio local em que o mesmo está sendo agora erguido.

Várias medidas de ordem prática foram iniciadas, no decorrer dos anos, e em 1923 a Quinta Conferência dos Estados Americanos, efetuada em Santiago do Chile, adotou uma resolução recomendando a construção de um farol-monumento no litoral da República Dominicana, com



o defini-
is de Co-
o mundial

MONUMENTO A COLOMBO

ini-
rol-
Co-
olo
nal.
me-
non-
por
ulo-

me-
ador
eal-
uma
o e

omi-
o li-
do
foi
uro-
tem-
Rei-
a e
gens
nas

stru-
sca,
me-
tiva-
de
tor-
para
gran-
neira
ntes.
s se-
dação
s.

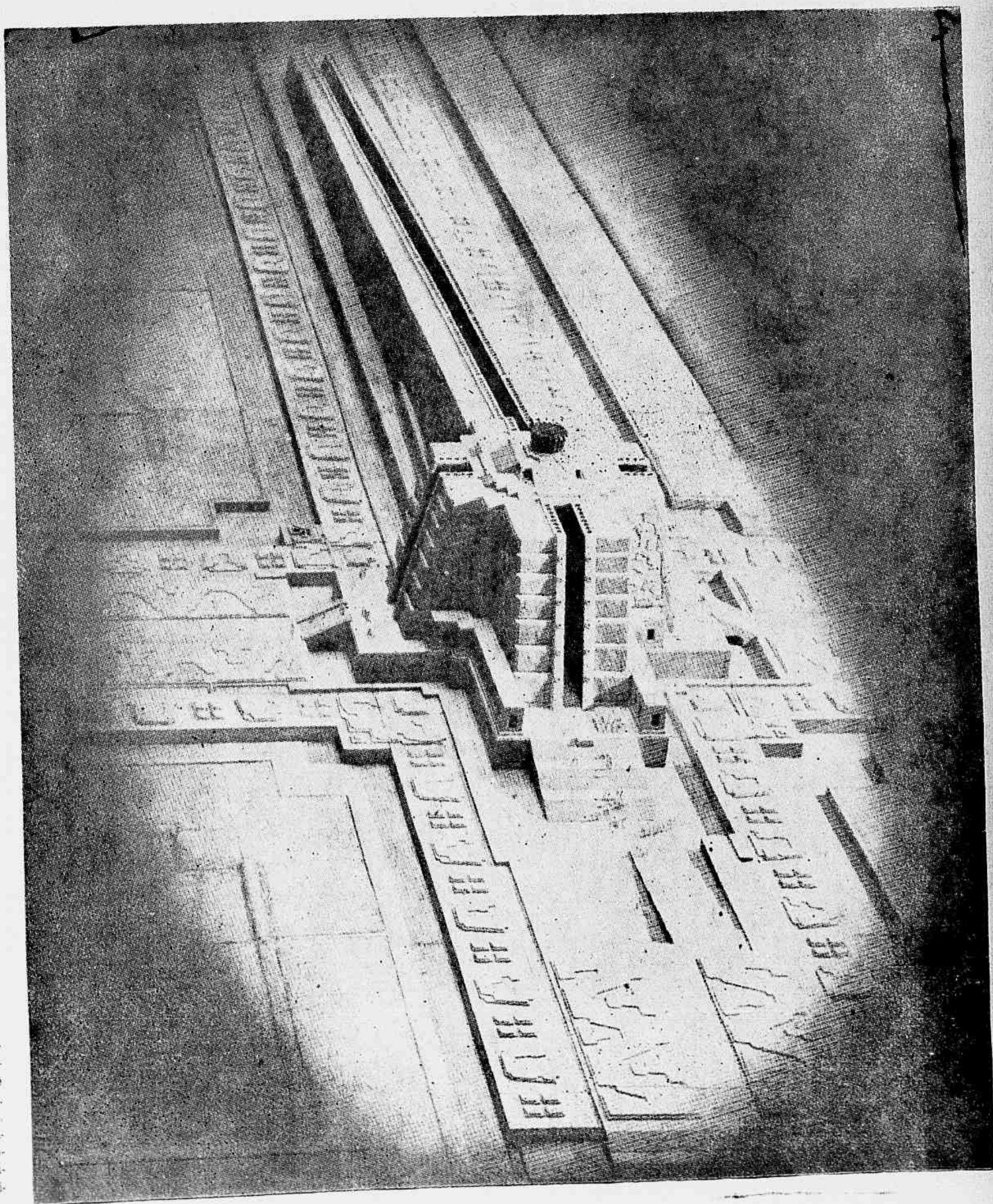
par-
s offi-
meri-
cula-
erten-

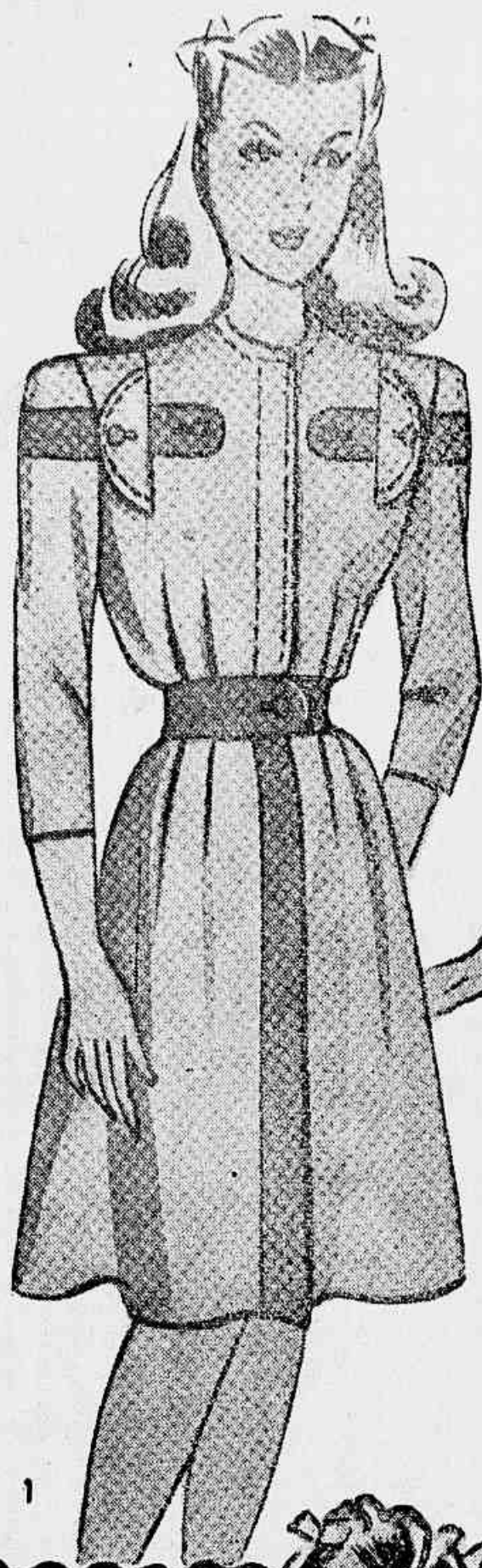
s de
anos.
e Ta-
Do-
farol
que

toram
e em
tados
Chile,
do a
o no
com

para as travessias aéreas e oceanicas, a grande cruz que a todos ha de proteger no transcurso das viagens pelo espaço.

Um detalhe do portentoso monumento, cujo modelo final foi premiado aqui no Rio de Janeiro, em outubro de 1931. No interior, todos os dias, ao anoitecer e através das idades, um Requiem por Colombo soará na Capela enquanto as luzes da cruz erguer-se-ão para os céus, lembrando a vida do grande navegador e descobridor do novo continente.





1



2



3



5



6

PARA MOCINHAS

1 — Modelo de lã bege com aplicações em lã azul turquesa. Pespontos também azul turquesa. 2 — Gracioso modelo de lã quadriculada vermelho e azul, com parte azul marinho. 3 — Jaquetinha quadriculada sobre saia lisa. Mangas e aplicações da jaqueta também em tecido liso. 4 — Modelinho bastante interessante, saia, mangas e gola em tom "brique", colete com quadros "brique" e bege. 5 — Vestidinho de lã azul turquesa, enfeitado com corações bordados em cores vivas. 6 — Blusa "chemisier" de lã lisa, com um vestido de lã, sem mangas, de listras verticais.



7 — Modelinho de lã quadriculada, pala terminando em bicos na blusa e na saia. Laço vermelho, botões também vermelhos. 8 — Vestido de lã quadriculada azul e vermelha. Blusa azul lisa, com pala do tecido quadriculado. 9 — Interessante modelo de lã bege, com pala e mangas em lã marron. Saia "godet", com franzidos dos lados. 10 — Modelo bastante juvenil de lã quadriculada de diversas cores, com aplicações em tom liso. 11 — Gracioso modelinho de lã bege com mangas e aplicações em tom marron. Pespontos também em marron. 12 — Modelo em lã verde, com mangas "raglan". Bolsos originais e bordado em ponto de cruz.





QUADROS FAMOSOS PARA UM FILME — Os pesquisadores da Warner enfrentaram um trabalho penoso para reunir uma coleção de telas condizentes com o "clima" do filme "The Beast With Five Fingers", e aqui está um retrato de Santo André, dos que foram selecionados para esse fim. Robert Alda aponta um detalhe — talvez um defeito... — emitindo seus conhecimentos de artes plásticas, para sua "partenaire" Andrea King. São, ambos, os protagonistas do filme.

UM "BASSANO" AVALIADO EM 5.000 DOLARES — Agora é a própria Andrea King quem nos mostra outra das telas destinadas ao mesmo filme da Warner. Trata-se de um "Bassano", cedido por uma pinacoteca de São Francisco e avaliado em 5.000 dólares, ou seja, em nossa moeda, com mil cruzeiros. Devemos levar em conta que foram arrematados inúmeros quadros, formando assim uma soma respeitável, o valor intrínseco das telas agora filmadas.

A REVISTA EM HOLLYWOOD

A NOVA FIGURINISTA DE JOAN LESLIE — As "estrelas" famosas de verdade, assiste o direito de proceder a escolha das modistas e figurinistas mais de sua simpatia. E' preciso conservar a elegância, atributo numero um (ou dois) para justificar o sucesso nos filmes. Joan Leslie, seduzida pelos modelos de Leah Rhodes, vem de obter que a Warner contratasse essa artista do lapis e da tesoura, que fica assim incumbida de traçar, anatomicamente, todas as "toilettes" com as quais, a partir de agora, vai impressionar seus "fans". E dizem que miss Rhodes tem muito bom gosto...





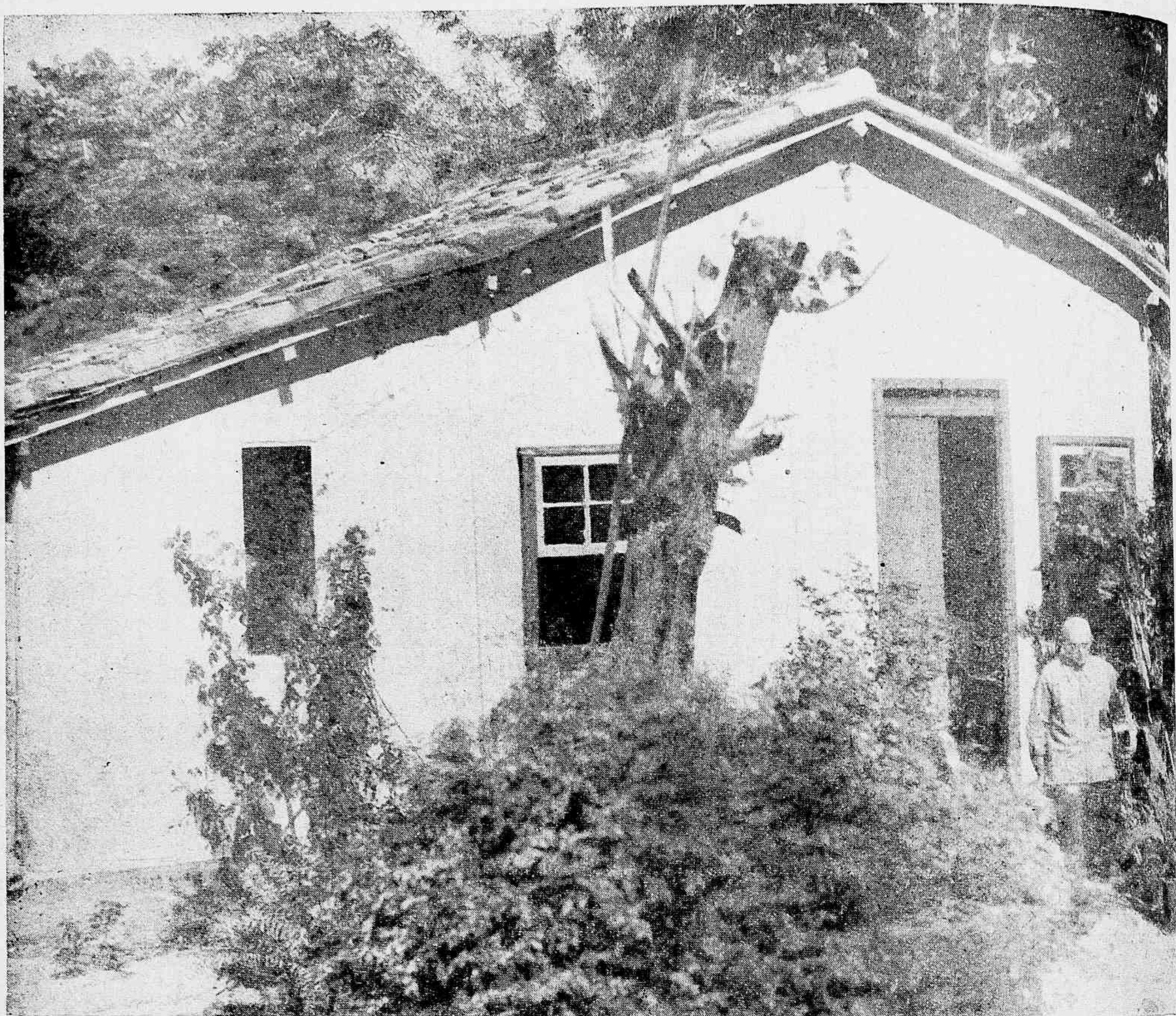
ANTES DO DIVORCIO... — Neste momento, Rita Hayworth deixou de ser legalmente a senhora Orson Welles, mas nem por isso o Cidadão Kane perderá seus direitos de pai da garotinha Rebecca, filha do casal recém-divorciado. Na gravura, miss Hayworth — que vem de concluir a filmagem de "Gilda" — mostra a Glenn Ford, em seu camarim, um retrato do ex-marido e da filhinha querida. Maridos há muitos — mas filhas assim bonitas, não. (Já repararam que está em moda as "estrelas" de Hollywood receberem a visita da cegonha?)

Hollywood, maio. (Por Louis Serrano) — A mais recente notícia de Hollywood não pode ser muito desagradável para os fans brasileiros: Ray Milland cancelou sua anunciada viagem ao Rio, por motivos particulares. Essa viagem, ele próprio a havia comunicado, de viva voz, ao nosso companheiro Celestino Silveira, quando aqui esteve em março, adiantando, porém, que só poderia realizar-se se tudo lhe corresse bem. Parece que surgiu algum transtorno. E assim como aí do Rio, o nosso "colored" Grande Otelo não pôde viajar para Hollywood, o mesmo, em sentido contrário, sucedeu ao protagonista de "Farrapo Humano". Fica para outra vez. Quando Ray Milland regressar de Nova-York, há de explicar-nos, direitinho, o que foi que houve... De qualquer forma foi pena. Mr. Milland seria um "abafa", salvo se o acompanhasse sua simpática esposa. E mesmo assim...

UM AMOR EM CADA PORTO — No filme da Columbia "Tars and Spars", seus protagonistas Janet Blair e Alfred Drake são novamente os românticos e cantores de lindas melodias. Aqui os vemos ensaiando "I Haven a Love in Every Port", que já está popularíssima nas gravações norte-americanas.

LYNN BARI DESCANSA... — E certamente a "estrela" da 20th. Century-Fox está fazendo jús a esse descanso, tantos têm sido seus filmes nestes últimos meses! Depois de "My Sister Eileen" e "Shock", ela concluiu agora "Margie", quando anunciou seus propositos de tirar umas férias de três meses. Ainda bem que não anunciou propositos de visitar o Rio... Do contrario seria outra viagem cancelada ou transferida na certa...





CATULO E O VIOLÃO — Esta é uma fotografia histórica, feita pela REVISTA, em outros tempos, quando o cantor do "Mar roeiro" era ainda um homem forte, vivendo a sua vida placida na residência modesta dos subúrbios. Sobreçando o violão, todas as manhãs, sob uma frondosa mangueira, sem maiores preocupações, entoando os seus versos rústicos, que todo o Brasil aprendeu e decorou, versos que se fizeram famosos através da sua geração, e que o tempo não conseguirá esquecer.

Um boêmio no céu

(Continuação da pág. 5)

primeiro quartel deste século, o seu violão emoldurando a flauta de Calado e ambos a esbanjar talento em noites de generosa criação para o lirismo brasileiro.

Catulo morreu no dia 10. Mas o seu epitáfio ele já o escrevera há muito tempo, na capa de um livro: "Um boêmio no céu".



A morte de Catulo da Paixão Cearense deu-se inesperadamente na manhã de sexta-feira 10. O mais sentimental dos nossos poetas populares, dotado de insinuante força de imaginação, adepto da escolha dos motivos regionais a que emprestava inspiração inteiramente sua, desapareceu aos oitenta e três anos de idade, pois nasceu aos 8 de outubro de 1863, na cidade de La Lavardiére, no Maranhão, no prédio n.º 63 da antiga rua Grande, hoje Osvaldo Cruz. Era filho de Amancio José da Paixão Cearense, natural da terra de José de Alencar, e Maria Celestina Braga da Paixão, maranhense. Já velho, foi nomeado datilógrafo do Ministério da Viação, cargo em que se aposentou há alguns anos. Visivelmente enfermo, só costumava vir ao centro da cidade de longe em longe, permanecendo recluso na sua modesta casa suburbana, "O seu tugúrio", como costumava dizer.

O VIOLÃO SEM CATULO — Chapa batida quando se deu o desenlace e a caravana da REVISTA levou a efeito, no interior da mesma vivenda, a reportagem que hoje publicamos. O violão que os dedos nervosos de Catulo não mais percorrerão, jaz sobre o leito de morte do poeta. Ao fundo, um retrato de Catulo, aliás o seu preferido.



A OBRA DO POETA

A poesia de Catulo Cearense começou a ser divulgada através de certos livros da Livraria Quaresma, outrora Livraria do Povo: "Os Trovadores", "O Cantor de Modinhas Brasileiras", "de Liras", "A Lira dos Salões", "A Lira dos Marinheiros", etc. Depois, começaram a aparecer seus livros: "Meu Sertão", "Sertão em Flor", "Poemas Bravos", "Mata Iluminada", "Quadrilha das Aves", "Um Boêmio no Céu", "O Trovador de Deus", em toda a América.

A REPERCUSSÃO DA MORTE DE CATULO

A notícia do falecimento de Catulo da Paixão Cearense repercutiu na Assembléia Constituinte, onde cinco congressistas assumiram a tribuna para exaltar o poeta insigne: Pereira da Silva, Lino Machado, Benjamin Farah, Otávio Mangabeira e Odilon Soares.

As exequias do poeta correram por conta do interventor do Maranhão, Saturnino Belo, mas o corpo de Catulo não será embarcado para o seu Estado natal, para atender ao apelo feito pela sua velha companheira, e porque de fato o poeta viveu muito mais tempo aqui no Rio, terra á qual se tomara de grandes amores, embora quase toda a sua obra versasse sobre motivos do Norte.

O corpo de Catulo, após o desenlace, foi transportado para o "hall" do edifício da Associação Brasileira de Imprensa, onde recebeu a visita de populares, intelectuais e seus velhos amigos.

O HERDEIRO DA OBRA LITERÁRIA DE CATULO

Catulo da Paixão Cearense deixou todas suas obras literárias legadas ao jornalista maranhense Guimarães Martins, que, no seu último período de vida, se convertera em um inseparável companheiro e mesmo um secretário do velho poeta.

EPISÓDIOS PITORESCOS

Por ocasião das representações de "O Marroeiro", peça sertaneja escrita por Catulo, que ficou muitos meses em cartaz no antigo Teatro São José da praça Tiradentes, o autor resolveu interpretar um dos papéis centrais, o que dava título á peça. E de fato, por muitas noites, o público pôde ouvi-lo declamar os versos famosos do seu poema: "Sá Dona, eu sou marroeiro... Nascido como tinguá..."

Sabe-se que Catulo foi nomeado datilógrafo de um Ministério sem conhecer a arte de martelar as teclas de uma máquina. Quando lhe perguntavam qual a marca da máquina preferida, o poeta respondia espirituosamente: "Singer"...

A princípio Catulo apareceu com uma coletânea de trovas e canções do nosso "folklore", e logo, em seguida, seu próprio estro vibrou em numerosas composições. Não desprezava o ingenuo linguajar do povo modesto e possuía o segredo de imprimir ás frases a simplicidade que mais comovia, pelo lance espontâneo e imaginoso, dando sabor local expressivo, que todos apreciavam e apreciavam em sua obra vultosa. Acolhida de modo comovedor, essa obra atravessou fronteiras, como um segundo Mistral do regionalismo. Além dos versos e das composições musicais, cultivou o gênero teatral. Para atestar o valor de sua musa tropical, a Imprensa recordou agora este episódio: Numa noite de São João, artistas e admiradores do pintor portu-

CATULO MORTO — Quando a nossa reportagem entrou na residência do poeta, seu corpo estava sendo embalsamado. Este momento foi batido logo após concluídos estes trabalhos, quando ia ser colocado no caixão. Populares e curiosos portavam-se em volta da casa do trovador sertanejo. Horas depois, o corpo foi transferido para o "hall" do edifício da A. B. I., onde ficou exposto.





O QUE CATULO DEIXOU — Dona Maria, a velha companheira do autor do "Luar do Sertão", sofreu bastante a perda de Catulo. Solícita, humilde, ela atendia aos visitantes, "gente de projeção" que nem sempre costumava penetrar numa casa tão simples. Dona Maria ali ficou, com as mais gratas recordações do poeta e principalmente o papagaio e os passaros, de cuja alimentação ele em pessoa se incumbia. Atendendo aos rogos de dona Maria, o corpo de Catulo não será embarcado para o Maranhão, mas sepultado no Rio, onde ele mais viveu.

guês Carlos Reis, então em visita ao Rio, organizaram uma festa joanina em sua homenagem, na Gavea. Entre os descantes, todos os presentes apresentaram, em cântico, as belezas do "Luar do Sertão". Carlos Reis, comovido por essa estranha revelação, pediu que repetissem a canção e isso foi feito mais de uma vez na grande noite, que mais encanto emprestava como um aplauso á tocante serenata. Espírito boêmio, dessa boemia insoante e cor de rosa, Catulo teve o condão de seduzir pela originalidade das imagens. Como bom poeta lírico amava o luar; não cessou de cantar os primores das regiões prateadas pela eterna e inigualável luz inspiradora "sob a paz imensa do perdão do céu. Ele próprio,

com o inseparável violão, expandia-se em serenatas, com a ajuda de afeiçoados companheiros.

Fazendo, na Constituinte, o necrológio de Catulo, o sr. Lino Machado disse: "Era ainda dentre os vivos um daqueles representantes que deram a São Luiz do Maranhão e ao meu Estado, toda aquela tradição tão acentuada nas letras brasileiras e da qual tanto nos orgulhamos, a tal ponto que fomos, durante longo período de tempo, e ainda hoje, cognominados os filhos da Atenas brasileira. Sr. Presidente, o poeta tombou otogenário, mas ainda em plena mocidade de espírito. O poeta, que passou toda a vida de boêmio, de notívago, desaparecendo hoje, levou para o tu-

mulo, o último representante da poesia do século passado, poeta boêmio que foi. E morreu com as suas musas, com a sua poesia e com as suas mais brilhantes evocações. Ainda há pouco, vi referida no "O Globo", notícia a respeito de uma entrevista de Catulo, feita dois ou três anos atrás, na qual o poeta assinalava: "Vivo entre estas quatro paredes, no meu tugurio, a recordar, hoje, quatro amantes prediletas, únicas que tenho a esta altura da vida: a manhã, a tarde, a noite e a saudade". Foi assim que morreu, recordando sua vida de boêmio e de poeta a cantar as saudades, saudades evocadas tantas vezes por outros representantes daquele berço privilegiado que é o Maranhão".

FE

Ao faz
ca a par
atinge a

Assim
deve tar
agua bo

O exo
os olhos
ficial e

Com
de blus
estará
enorme

Se v
vinte e
o seu
te" jov
ganza
tomar
do um
ao cor
mais j
sua "to

O "r
samen
ral po
roxeac
demai
rimel.

Sr. Se
destac
ve

FEMININAS

Ao fazer suas sobrancelhas não depile nunca a parte superior das mesmas e sim a que atinge as palpebras.

Assim como você lava o rosto diariamente, deve também lavar os olhos, usando para isso água boricada e um calice especial.

O excesso de "rimel", longe de embelezar os olhos, dá à fisionomia um traço duro, artificial e além do mais envelhece.

Com um "tailleur" bem talhado e um grupo de blusas leves e de cores diferentes, você estará mais bem vestida do que com uma enorme coleção de "trapos".

Se você ainda não chegou aos vinte e cinco anos, escolha para o seu "grande dia" uma "toilette" jovial, de preferência em organza ou "tulle". Não procure tomar ares "s sofisticados", usando um traje de cetim ajustado ao corpo. Procure parecer o mais jovem possível fazendo a sua "toilette" bastante vaporosa.

O "maquillage" do dia do casamento deve ser o mais natural possível. Nada de lábios arroxeados, nem faces vermelhas demais e... por favor, não use rimel...

No seu enxoval, dê preferência às cousas boas. É melhor um enxoval pequeno mas composto de peças boas do que levar uma infinidade de panos sem valor algum.

Tem a certeza de que cuidou bem da sua lingerie? Isso é muito importante; uma camisola sugestiva pode resolver sérios problemas...

Não esqueça de que deve dar sempre ao esposo a impressão boa que causou quando noiva. Não pense que "agarrá-lo" foi a sua maior tarefa... Conservá-lo é que é de fato o problema...

Faça a si mesma a promessa de cuidar de si, do seu lar e do seu maridinho, colocando os dois últimos acima de qualquer outra coisa. Não há nada que valha a sua felicidade.



Viva mais!

A Senhora pode viver mais, eliminando mensalmente os 3 DIAS de sofrimentos, usando normalmente ELIXIR DAS DAMAS, que é o remédio que prolonga a vida da mulher!

ELIXIR das DAMAS

PRODUTO DO LABORATÓRIO SIAN



Bolos

...e será ainda mais adorada por seu marido!

Podem ser contados os homens que não apreciam bolos... E quando eles são feitos pelas hábeis mãos da própria esposa, aí então se tornam realmente irresistíveis... Não há dúvida! Vale a pena fazer bolos! E não seria hoje mesmo a hora propícia de começar? A todo o momento — e não só nas grandes datas — seu marido saberá apreciar tão evidentes provas de carinho!... Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança e de qualidade, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!



Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para a Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

FERMENTO ROYAL
— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

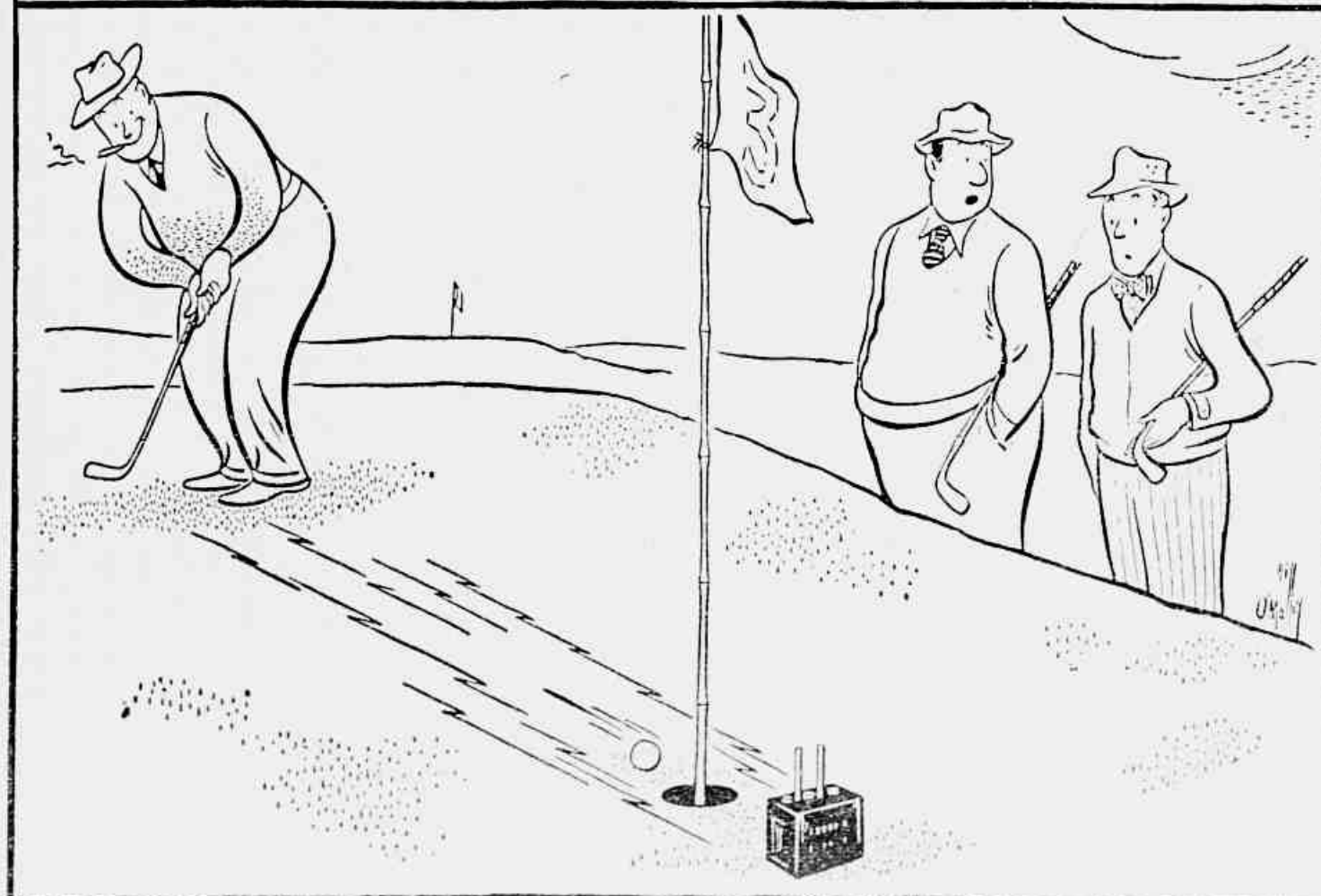


Sr. Severino Pereira da Silva, ilustre e destacado industrial brasileiro, cujo aniversário transcorreu recentemente.

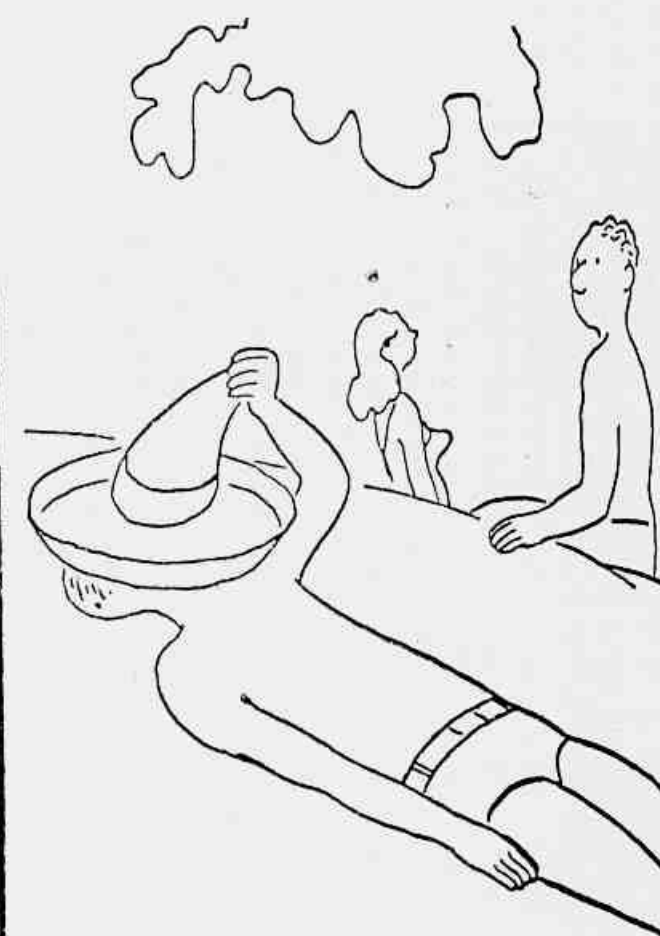
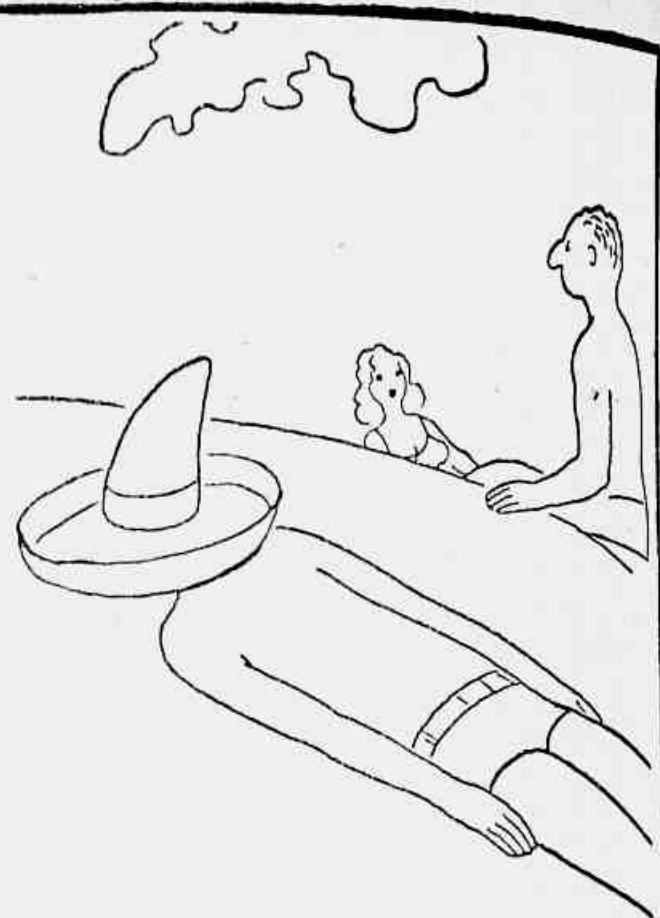
O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço maior.



— Minha filha, pode ser um presente fora de moda, mas tem trabalhado muito com seu pai...



DE
BOM
FIM



Evite pro
DENTA

A sua der
come, fal
jeite mais
esta vergo
alcalipo (d
dentadura
firmemen
usa uma
modidade
nhuma s
Compre
em qual
dentário.
Distrib
ODIIVI
Av. Rio B

Y A
Dente

(Con

— Esp
não irei.
— Voo
que som
çou o ve
— Nã
— E
imposto
— Nã
— E
tos par
— Nã
— Pa
como p
velho,
Liesh

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLÓGICA - MÉDICA - DENTÁRIA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

YANG

Dente Grande

(Continuação da pág. 36)

— Esperarei a vida toda, mas não irei.
— Você precisa lembrar-se de que somos indefesos... começou o velho.
— Não vou!
— E que ele é o cobrador de impostos, homem poderoso...
— Não vou.
— E ele nos livrará de impostos para o resto da vida.
— Não vou.
— Pare de repetir isso e diga como posso impedi-lo, disse o velho, agora também zangado.
Liesha arregalou os olhos: O

senhor não tem nada com isso. Eu me recuso agir.

— Ele disse que você precisa de uma surra e precisa, mesmo, retrucou o velho.

— Ninguém pode me bater. Ele, menos do que qualquer outro.

Com isso terminou mal seu dia, e eles foram para seus aposentos respectivos. O velho virou-se na cama mais de cem vezes e Liesha ficou acordada, pensando.

Quando raiou a manhã eles não tinham chegado a conclusão alguma, exceto de que deveriam pedir auxílio a todas as pessoas conhecidas em Wang's Corners.

Na porta de casa, tiveram uma discussão. Liesha vestira sua melhor túnica azul, meias de algodão branco e sapatos novos de pano. Também pusera os brincos de prata que usava somente em apo bom. Você acha bem vestir-se, assim, da melhor maneira possível? Não acha melhor parecer tão pobre como é?

— Pensei nisso, mas lembrei-me de que os homens terão mais pena de mim se eu parecer bonita.

Infelizmente, Liesha não tinha mãe e o velho Li era viúvo, porque, se a boa esposa e mãe estivesse viva, dir-lhe-ia que não são os homens que decidem

LIMPE A REDE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

as coisas em Wang's Corners, mas as mulheres. Quando os dois chegaram à porta da casa das famílias que conheciam, quando foram convidados para entrar, os homens, vendo o rosto bonito de Liesha, enraivecaram-se contra Dente Grande.

— Isso é demais, declararam.

Isso confortou bastante Liesha e o velho Li, mas, infelizmente, falaram, a seguir, as mulheres e cada uma disse, a seu modo, alguma coisa mais ou menos assim:

— Não é nada mal para Liesha. Ele é rico e tem a maior casa na cidade. Ela poderia conseguir coisa pior.

Os homens ouviram as esposas falar assim e deram sua resposta. Os impacientes disseram logo, e os bondosos, fizeram rodeios: mas tudo se resumia nisso — os homens prudentes, furtavam-se à luta contra Dente Grande e suas próprias esposas, sustentando que Liesha não lhes interessava e não a achavam bonita.

No fim do dia, metade das casas de Wang's Corners estava agitada porque marido e mulher discutiam. Ciúmes...

Quanto a Liesha e o velho Li, voltaram para casa e sentaram-se, tristes, Liesha falou em fugir.

— Para onde?
— Posso alistar-me no exército das mulheres.
— Se você fizer isso, eu tomo veneno, disse o velho.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

No dia seguinte realizava-se a feira na Vila da Família Li. Era um acontecimento anual e toda a cidade se preparava para ele durante dias. Fazendeiros vinham de grandes distancias com seus produtos — porcos e galinhas, os maiores melões e as couve mais verdes. Habitualmente, os habitantes de Wang's Corners não iam à feira, mas na

(Continua na pág. 53)



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não entope as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrada como patente de invenção sob n.º 29.820

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pílulas de Herva de Bicho
compostas Inoscard
LIC. 2.518
12-0-925-0.1.2.1

DEBILIDADE, INFLAMAÇÃO E DOR NO OVIDO - PULIS-SEDINA

Harmonioso como a Música no seu Lar

**LUSTRES
CANDELABROS
CASTIÇAS
APLIQUES**

Os lustres de cristal, oração altamente artística, constituem o complemento das mais modernas e luxuosas residências. Escolha os lustres de cristal fabricados pela Cristaleria Lusitana que lhe oferece uma variedade de lindos modelos dignos de um ambiente de bom gosto.

**CRISTALERIA
LUSITANA
LTD A**

AV. CELSO GARCIA, 1501 - TELEFONE 9-3710 - SÃO PAULO
RUA BUENOS AIRES, 192, 2.º ANDAR - TELEFONE 48-1081 - RIO DE JANEIRO

S E U CROCHET

Material necessário: — Linha Mercer-Crochet n.º 60 marca "Corrente".

2 novelos de 20 gramas de uma cor escolhida.

As pessoas que têm o ponto frouxo devem usar 1 agulha para crochet marca Milward n.º 5½ e as pessoas que têm o ponto apertado devem usar uma agulha n.º 4½ da mesma marca.

Tensão — 7 sp e 7 carreiras — 2,5 cm.

Medida — 33 cm x 43 cm.

Abreviações — ch — trança; ss — meio ponto de crochet; dc — ponto de crochet com 2 laçadas; tr — ponto triplice comum; sp — espaço; 2ch, omitir 2 ch ou tr, 1 tr no proximo ch ou tr; bl — bloco; 4 tr, mais 3 tr para cada bloco adicional nos grupos.

Começar com 264 ch.

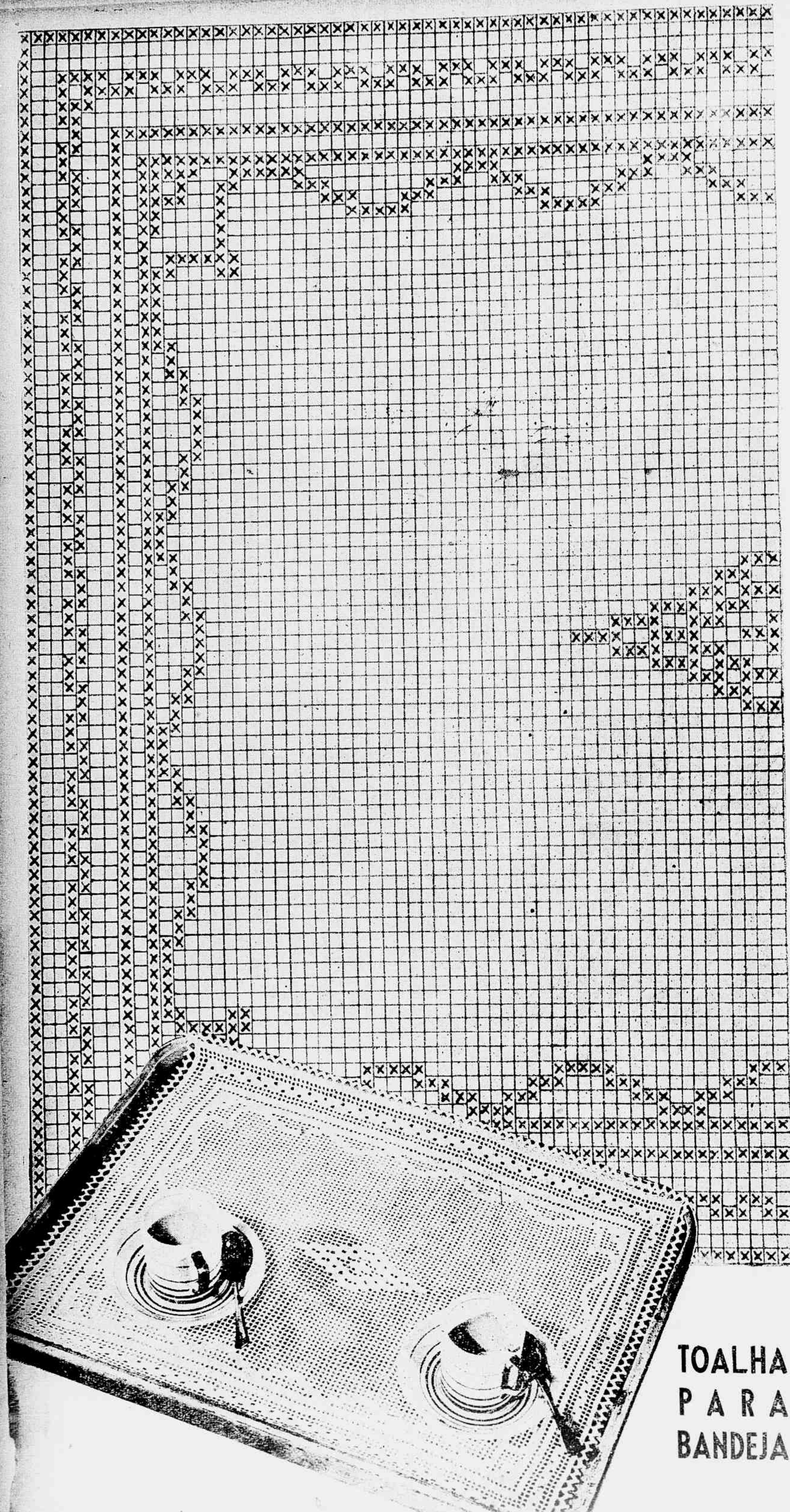
1.ª carreira — 1 tr na 4.ª ch da agulha, 1 tr em cada um dos ch restantes, 3 ch, voltar.

2.ª carreira — Omitir o primeiro tr, 1 tr em cada um dos proximos 3 tr, x 2 ch, omitir 2 tr, 1 tr no proximo tr (espaço feito no bloco) repetir do x mais 84 vezes, 1 tr em cada um dos 2 tr seguintes, 1 tr no terceiro dos 3 ch (bloco feito sobre o bloco) 3 ch, voltar.

3.ª carreira — Omitir o primeiro tr, 1 tr em cada um dos 3 tr seguintes, x 2 ch, omitir 2 ch, 1 tr no proximo tr (sp feito sobre sp) repetir do x mais 84 vezes, 1 tr em cada um dos 2 tr seguintes, 1 tr no terceiro dos 3 ch.

4.ª carreira — 1 bl, 2 sp, x 2 tr no proximo sp, 1 tr no proximo tr, repetir do x mais 3 vezes (1 bl sobre 4 sp), x1 sp, 3 bl, repetir do ultimo x mais 17 vezes, 1 sp, 4 bl, 2 sp, 1 bl, 3 ch, voltar.

Seguir o diagrama da 4.ª carreira até a carreira central. (O diagrama mostra metade da toalha) virar e fazer para trás da 57.ª carreira até a primeira inclusive, omitindo o ch da volta na ultima carreira)



**TOALHA
PARA
BANDEJA**



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos o seu natural voltará
aos seus cabelos. Escolha entre as 18
tonalidades diferentes da Tintura Fleury
aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FÁCIL:

Pega no nome mesmo lido nos seus cabelos.
Põe o nome e o endereço no formulário "A Arte de
Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 1 de Setembro, 48, São Paulo

Nome

Rua

Cidade

Estado

Bicos — 1.^a carreira — 1 dc
sobre tr da ultima carreira, x
7 ch, omitir 1 carreira final, 1
dc na proxima carreira final, re-
petir do x mais 56 vezes, 7 ch,
omitir 2 ch da base, 1 dc no pro-
ximo ch da base, x 7 ch, omitir
5 ch, da base, 1 dc no ch se-
guinte, repetir do ultimo x mais
42 vezes (omitindo somente 4
ch na ultima repetição) 7 ch,
1 dc sobre tr da carreira final
x 7 ch, omitir 1 carreira final, 1
dc na proxima carreira final, re-

petir do ultimo x mais 56 vezes,
7 ch, omitir 2 tr, 1 dc no proximo
tr, x 7 ch, omitir 5 tr, 1 dc no
tr seguinte, repetir do ultimo x
mais 42 vezes, (omitindo somen-
te 4 tr na ultima repetição) 7 ch,
1 ss no primeiro dc.

2.^a carreira — em cada alça,
fazer 5 dc, 4 ch, 1 ss no ultimo
dc, 4 dc, 1 ss no primeiro dc.
Arrematar.

Humedecer e prender com al-
finetes para conseguir a medida
exata.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO
DE GOSTO BOM!

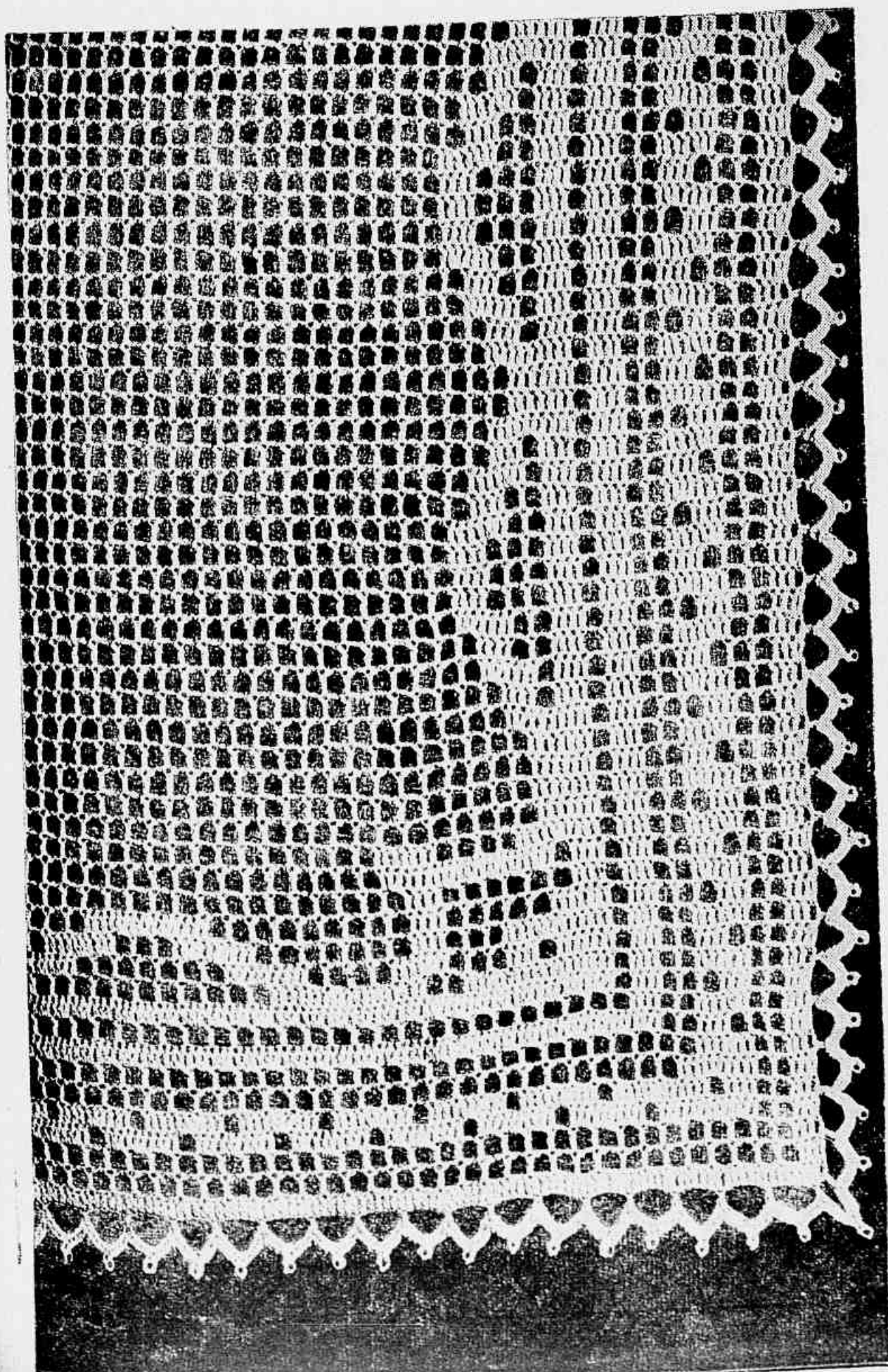
MAS... PARA PESSOAS
DE BOM GOSTO!



Produto
COSTA PENNA
BAHIA - BRASIL

Numeros atrasados desta Revista em Ilhéus-Bahia

Procurar na "Papellaria do Sul" --- Rua
Marquês de Paranaguá 14



Cetrolina



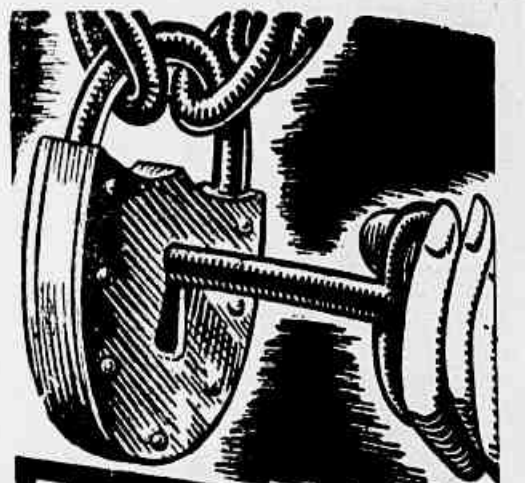
antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.





"MORTUS EST PINTUS IN CASCA"



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO

GRANADO & CA
RIO DE JANEIRO

T. TARDUINO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.




★
Peça-nos pelo correio o novo
**CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS**
tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ, FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

A ÚLTIMA CARTADA



**NÃO
CUSTA
NADA**

VIVER ALEGRE!
Basta conservar normalizado o fun-
cionamento do fígado e prevenir
a preguiça intestinal. As "Pílulas
de Reuter", combatendo a insufi-
ciência hepática, protegem a saúde
e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



YANG Dente Grande

(Continuação da pág. 49)

Véspera tantos maridos se tinham aborrecido com as respectivas esposas que o ônibus ao deixar Wang's Corners estava cheio de maridos que disseram que iam chegar tarde naquele dia.

O ônibus, que partira pouco antes da madrugada, parou de

repente, ao som de uma buzina que todos reconheceram como sendo de Dente Grande. Olharam para fora e viram-no, conduzido por um parente pobre.

Dente Grande achava que não condizia com sua dignidade guiar seu próprio carro.

O ônibus parou e Dente Grande entrou furioso.

— Eu disse que queria ir de ônibus para a Vila da Família Li. Estou com pouca gasolina.

— Não recebi o recado, disse o chauffeur que tinha medo de

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Desperte a Bilis do seu Fígado!

• saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carter para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carter para o fígado não aceite outro produto. Preço C-2 804



• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★

R. Ferraz

Dente Grande mas não de mentir.

— Cale-se e continue, gritou Dente Grande. Todos se levantaram quando ele entrou e ele escolheu o lugar que mais lhe agradou. Ele sentou-se no fundo, para sentir o ar fresco. Todos odiavam Dente Grande.

Quando os corações estão carregados de odio que não pode ser expresso, é melhor ficar em silêncio. Todos ficaram em silêncio, olhando para fora das janelas, e onde desaparecera há muito o vidro. Isso, contudo, era uma vantagem, porque, se houvesse vidro, ele estaria sujo demais para que se pudesse enxergar através dele os campos

recentemente arados e os bandos de gansos brancos e os patos voando por cima, apanhando a semente caída.

Dente Grande observava cada ganso e cada pato e contava a semente. Ia para a feira vigiar os negocios e reclamar sua parte. Antes de voltar tentava também procurar o velho Li.

Já dissera a sua mulher que ia casar-se novamente. Ela ouvira a novidade em silêncio. Assim que ele saiu ela sentou-se e pensou em Liesha que nunca vira. Sentiu pena dela. Posso, somente, resar, disse de si para si.

Portanto vestiu-se convenientemente



CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais. Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CAIXA POSTAL. 5058 — SÃO PAULO

607

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

No

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinos da última moda — Carteira de Identidade — 100 cartões de visita — Serviço especial de consultas sobre o curso.

Todos estamos convencidos!

este creme dental antisséptico ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.



agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

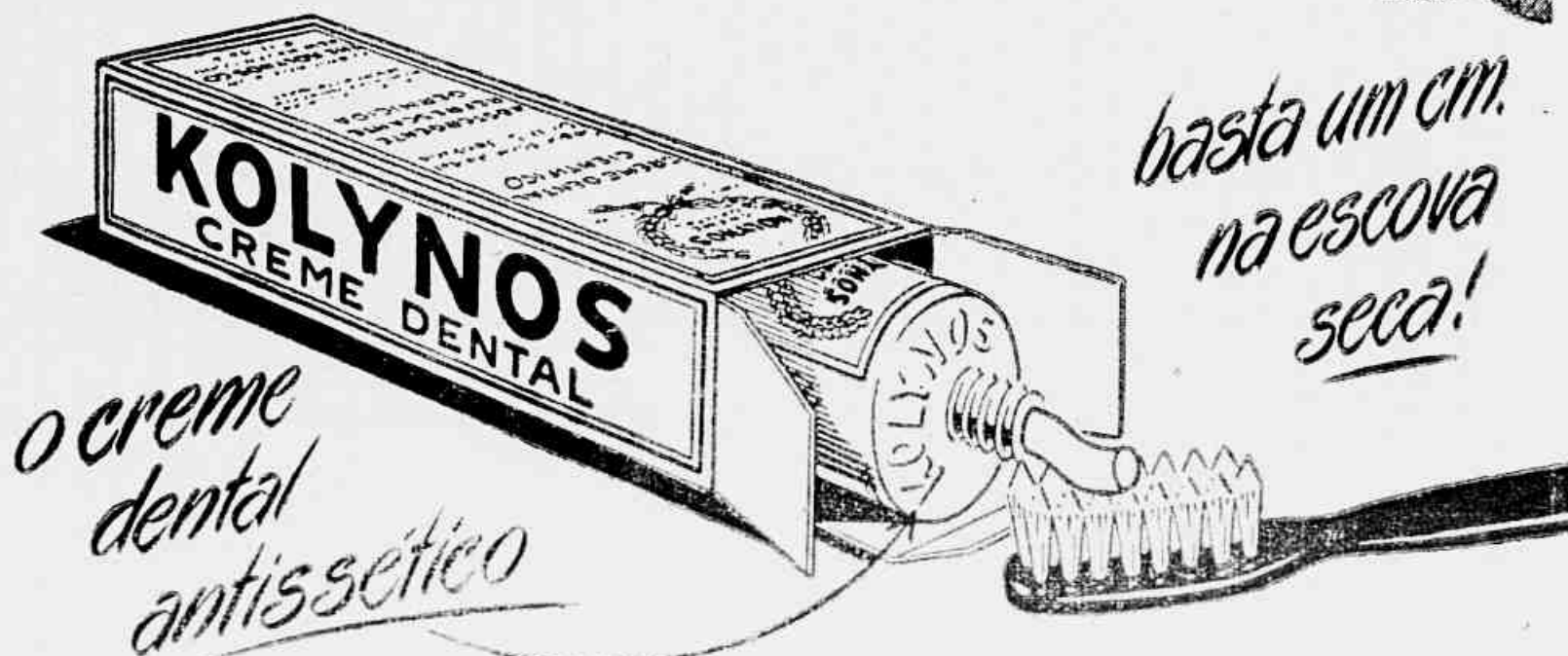


rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.



...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



basta um cm.
na escova
seca!

o creme
dental
antisséptico

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

temente e foi ao templo. Lá subiu lentamente os trezentos degraus de pedra, pagou ao sacerdote que a saudou, e procurou a deusa que se escondia numa gruta na rocha, na montanha.

Ela admirava a deusa, porque ela lhe parecia tímida sentada na semi-obscuridade, parecendo compreender mulheres tímidas e tristes.

Lá, a sós com a divindade, ela acendeu duas velas e explicou a situação, em palavras murmuradas a medo. A deusa contemplou-a à luz das velas e pareceu ouvi-la.

Se a deusa tomou providências, não se pode saber. Quando rezam os justos, estranhos benefícios podem resultar das

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

EXIGI SEMPRE O PREÇO MAIS BAIXO PARA O MESMO TIPO DE REFRIGERADOR

REFRIGERADOR NEVE

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

SÃO PAULO

A VENDA NAS MELHORES LOJAS EM TODO O BRASIL.

suas preces. Se bem que não seja certa que os que a seguir se passaram fosse resultado da prece à deusa, pode-se afirmar que Madame Dente Grande era uma mulher boa.

Era um dia maravilhoso. Nas montanhas o ar estava carregado de energia e os bandidos não podiam acomodar-se.

— Por que não vamos à feira? perguntou o jovem chefe.

— Deixe em paz a vila, replicou o chefe mais velho. Os bandidos tinham sempre dois chefes: o moço, que planeja os ataques audaciosos, e o velho, que contrabalança a impetuosidade do outro com sua prudência.

— Somente bons fazendeiros estarão na festa. Era uma vergonha roubar fazendeiros bons, além da quota na colheita. Nenhum bandido decente faria isso.

— Então vamos roubar o ônibus. Gente direita não anda de ônibus, usado por jogadores, ladrões e batedores de carteira que sempre viajam confortavelmente.

O velho preferia guardar as forças para empreendimentos maiores. Os bandidos velhos ficaram com ele, e então somente os bandidos moços descenderam a montanha, gritando e cantando. Tinham binóculos roubados a um alemão velho, e com ele procuraram o ônibus na base da montanha. "Parece uma barata", gritaram.

— Anda devagar porque está muito carregado.

— Andará mais depressa quando nós terminarmos nosso trabalho.

Riram, marchando firmemente pela montanha.

Eperaram até que o ônibus passasse pela colina que fora cortada para passar a estrada. Nesse ponto avançaram gritando, com espingardas apontadas.

Ninguém pensou em resistir. Os moços subiram no ônibus, revistando os bolsos, menos os das mulheres das quais eles tiraram somente os anéis.

— Olhe um homem gordo. Levante-se, homem gordo.

Mas o Dente Grande mostrou seus papéis. E o governo relacionava-se com soldados que eles temiam, o chefe moço disse a ele que os desculpas. Mas Dente Grande, não contente com sair livre, exigiu um terço do lucro.

— Imposto?

O moço dividiu o que tinha sido roubado em três pilhas, ao retirar-se, disse o bandido: Nós roubamos o povo ou esse homem roubou a nós?

Mas o limite da paciência dos presentes se esgotara. Ao passar por perto do precipício, mãos tremulas agarraram Dente Grande. Ele era forte, mas o povo era muito. Um corpo cortou os ares e desapareceu lá em baixo. O chauffeur nem voltou a cabeça. Por isso, ele recebeu uma parte do que fora encontrado no bolso de Dente Grande.

Chegaram à vila antes do meio dia.

Ninguém tornou a ouvir falar de Dente Grande. Depois de algum tempo, ouviu-se dizer que ele tinha sido atirado no princípio pelos bandidos.

Madame Dente Grande esperou, fielmente, por ele um mês. Então vendeu a casa e tornou-

se devota da deusa da gruta; conservava-se limpa e brilhante como e cada dia fosse dia de festa. Liesha casou um ano mais tarde, com o jovem chauffeur do ônibus que lhe contou o a verdade sobre Dente Grande, quando lhe nasceu o primeiro filho, dez meses após o casamento.

Liesha estava banhando o menino.

— Que fim levou o diabo do velho?

— Caiu, respondeu o marido.

— E... Foi a resposta lacônica.

A criança, sentindo-se bem dentro d'água, riu, e eles riram com o filho.



- Água de Colônia
- Brilhintina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Isso é a verdade. Os homens procuram a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para em-
brunecer, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua pele ganha um ar de novidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e tem um aspecto horrivelmente escuro. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperos e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alvim & Falcão.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Restaurante para moças

(Continuação da pág. 33)

ódio de morte, no que era absolutamente correspondida.

— “Então não é idiota essa mulher? Quer me fazer crer que não existe Destino, que a nossa vida somos nós que a conduzimos... Será que algum dia eu quis me casar para me separar logo depois? Ora, não existe o quê; existe como é verdade Deus ser Deus...”

A Aurora, caixa de uma loja de fazendas, não gostava das moças bonitas: era partidária dos contrastes. Naquele dia houvera cochichos na fila, porque à sua frente u'a morena que era tida como a mais bela frequentadora do restaurante, comprara uma cerveja e demorava-se a conferir o troco.

— “Não sei por que vem comer aqui se é tão rica. Vocês pensam que aquelas roupas são compradas com o dinheiro dela? Vocês não sabem nada. Eu só queria que vocês passassem um dia comigo lá na loja para verem o que faz a gente honesta...”

A confusão fizera muita gente passar à sua frente e Helena, cujo lugar habitual fora tomado, sentara-se ao lado de u'a moça que ainda não vira antes. Enquanto as outras rodeavam a Aurora, ela resmungava:

— “Porcaria de comida. Isto é uma tapeação. Lá fora paga-se um pouco mais, mas come-se. Tenho sempre que mandar fazer extraordinário, senão desmaio de fome.”

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.ª loja

50 anos
de proteção à Família Brasileira



Uma população superior
à da metade de S. Paulo
tem o seu futuro assegurado na Sul America!

Sul America
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895



D. Cotinha gritou lá do balcão:

— “Extra número 10!”

Levantou-se de um salto e num minuto voltou mostrando uma travessinha com um ovo e batatas fritas.

— “Eu não disse? Então isto vale 2 cruzeiros?”

Comia entretanto e pôs-se a conversar, despercebida do zum-zum reinante. Chamava-se Luiza. Sairam juntas e seguiram o mesmo caminho.

— “Vamos tomar um café?”

— “Irei só para fazer companhia, porque já tomei no Restaurante”, agradeceu Helena.

— “Tomou? Aquilo mata. Uma ocasião fiquei de cama porque bebi aquele café. Também, nunca mais...”

No percurso diversos rapazes cumprimentaram Luiza e com um deles ela parou para trocar umas palavras. Ao voltar desculpou-se:

— “Sou corretora, não repare. Esse rapaz com quem falei tem me arranjado diversos negócios; é um bom amigo. Já não é de hoje que nos queremos bem. Mas não pode ser.”

Helena ia perguntar-se porque, quando ela, dizendo adeus, entrou apressadamente num prédio de escritórios.

Quem seria Luiza? Não seria arriscar-se andar com ela?



No dia seguinte Helena procurou-a com os olhos e foi sentar-se à mesma mesa. No salão discutia-se ainda a respeito da enquete sobre o Destino e Luiza deu opinião:

— “Qual Destino, qual nada. Eu não acredito nele nem no meu próprio esforço. As contradições são tantas e tão variadas que resolvi viver sem livre-arbítrio e... sem destino.”

Alguem a chamava ao telefone.

— “Foi o rapaz que encontramos ontem. Tem mais um negócio para mim. Se o realizar, estarão salvas as despesas deste mês.” Terminara o almoço. Sairam.

— “E' simpático o rapaz, você não acha?”

— “Sem dúvida...”

— “Eis aí algo em que se poderia culpar o Destino. Nós dois daríamos uma bela dupla.” Passou outro rapaz e cumprimentaram-se.

— “Esse me deve uns cobres. Ha dois meses que não paga a prestação da apólice.”

Helena reatou a conversa anterior:

— “Se vocês acreditam que dariam uma bela dupla, porque não resolvem?”

Viravam agora uma esquina.

— “Olhe ali naquela casa. Repare naquele homem alto, atrás do balcão. Viu? Que tal, qual é a sua opinião?”

Helena estremeceu: era Roberto. Retraiu-se para não ser vista. Luiza não esperou resposta e fez outra pergunta:

— “Que pensa você que ele seja meu?” E Helena dominando a voz:

— “Seu noivo, seu namorado...”

Ela sorriu amargo:

— “Peor que isso: é meu marido.”

O amor é um caso de polícia

(Continuação da pág. 19)

tara a situação. Um dia — assim sem mais nem menos — acabava-se o dinheiro. Ela, vamos, portanto, tratar de outra vida!

— Tenho uma proposta a fazer. Eu estou precisando de um auxiliar de escritório... Se você quiser vir trabalhar comigo...

Estava posta à prova a sua capacidade de enfrentar a vida. Ela pensou um pouco, depois estendeu-lhe a mão, sorridente:

— Que bola! Eu vou ser sua empregada! Feito! Mas você precisa me ensinar a viver como pobre, porque eu não tenho prática.

— Não se preocupe.

Cinco meses operaram uma mudança em regra em Fay. Ninguém mais a reconhecia. Ela ganhara outra vitalidade. Face a face com vida, aprendera a lutar. Nos primeiros tempos, queixara-se amargamente: o subterrâneo cheio, gente que empurrava, as roupas baratas, o apartamento modesto, onde foi morar com mais duas moças...

Certa tarde, Jack disse-lhe, sem mudar o tom de voz:

— Você sabe que eu desconfio que estou apaixonado por você?

Ela deu uma risada alegre e disse:

— Quem mandou me botar aqui no escritório? Mas que proposta você está me fazendo? Sabe que eu sou uma moça pobre?

Ele exigiu um casamento com separação de bens. Ela achou graça. Se ele nada tinha e ela também, para que a separação. No dia do casamento, porém, ele chamou-a a um canto e disse:

— Vou lhe dar uma oportunidade para libertar-se. Fay, quer ver sua conta no banco?

Ela olhou: dois milhões e novecentos mil dólares e mais mil e trezentas apólices.

— Não compreendo...

— Era preciso que você mudasse de vida...

— Mas...

— Agora você pode abandonar tudo isso e voltar, se quiser.

Mas ela o olhou com um ar misterioso e disse:

— Meu bem, você está sonhando. Eu sei que estou arruinada. Esse dinheiro é seu.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

NADIR — Sim, querida. Mas a senhora para abandonar Roberto?

SONIA — (GARGALHA)

NADIR — De que se ri?

SONIA — Minha filha, eu nem chego a me entender com o que você disse. Se você soubesse... se pudesse saber... (OT) Nada. Tolice... Desculpe-me esta gargalhada. Mas há situações tão engraçadas na vida da gente... Você me oferecendo dinheiro...

NADIR — Aceite ou não, a senhora terá que partir. A polícia vai exigir que a senhora abandone o país.

SONIA — Eu sei, Nadir. Estou apenas avisando-a de que Roberto irá comigo. Você não quer acreditar. Mas deve saber desde já afim de evitar o amargor da surpresa.

NADIR — Obrigada pelo aviso. Eu saberei tomar as minhas providências. E agora...

SONIA — Não é preciso dizer. Eu já me retirava. Dentro de meia hora tenho que receber uma visita. Uma creatura que nem pode imaginar a que ponto está ligada a esta história...

NADIR — Roberto?

SONIA — Não... Um músico... Um músico que quando nervoso faz o mesmo que você está fazendo: gira o anel no dedo...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA — E então, Julia?

JULIA — Ele está bem nervoso, Sonia. Ficou na sala de espera, andando de um lado para outro e girando o anel no dedo.

SONIA — Ele a reconheceu?

JULIA — Não. Você se esquece que vim trabalhar aqui só depois que ele a abandonou?

SONIA — Realmente. Bem, creio que tudo está em ordem. Apague as luzes, como costumamos fazer para as consultas...

JULIA — Perfeitamente... (RUIDO DE CHAVES)

SONIA — Assim... Esta doce penumbra em que eu posso vê-lo á vontade sem que ele me veja com nitidez... Agora mande-o entrar...

JULIA — Está bem... (PASSOS — PORTA — EM SEGUNDO PLANO) Maestro, madame Sonia está pronta a recebê-lo...

OTAVIO (SEGUNDO PLANO) — Com licença... Madame Sonia?

SONIA — Sim... Tenha a bondade de entrar. (PASSOS) Esperava-o... Por obsequio, sentie-se...

OTAVIO — Recebi o seu recado ontem após o concerto. Um bilhete um tanto estranho...

SONIA — Realmente. Eu lhe escrevi poucas palavras: — "Madame Sonia gostaria de lhe fazer revelações..."

OTAVIO — Sobre o meu passado... Guardei bem as palavras. Aqui está o cartão. Antes de mais nada devo confessar que não acredito na sua ciência.

SONIA — Eu também não, maestro. Aliás, eu hoje quasi que não acredito em coisa alguma...

OTAVIO — Interessante, a sua voz não me é estranha...

SONIA — Um musico deve ter boa memória auditiva.

OTAVIO — E realmente tenho. Mas não pode ser...

SONIA — Na vida tudo pode ser.

OTAVIO — A senhora quem é?

SONIA — Madame Sonia, a vidente.

OTAVIO — E sob esse pseudônimo o que faz?

SONIA — Sou mulher. Nada mais que mulher. Que sofri e que chegou a odiar. Hoje perderei a linha do meu ódio. E' curioso! Eu sempre esperei este momento. E no entanto, não me deu a emoção que eu esperava. Antes, ao contrario. Estou me divertindo muito... Divirta-me com a sua atropalhação, com o seu nervosismo.

OTAVIO — Minha senhora, as minhas horas são preciosas. Não percamos tempo, por obsequio. O que deseja?

SONIA — Desejava conhecer o famoso artista. Queria ver a diferença entre o "virtuoso" de hoje e o violinista mediocre que andava dando concertos a qualquer preço para não morrer de fome.

OTAVIO — Esse é um detalhe que encontrará na carreira de todo artista.

SONIA — Há muitos anos, em Poços de Caldas, eu comprei uma cadeira para assistir a um concerto seu...

OTAVIO — Eu principiava.

SONIA — E tinha como ninguém o dom de orumar um programa que agradasse a assistência. Naquele tempo eu não entendia nada de musica e cheguei a considerá-lo genial. O senhor, que recebera pouco dinheiro, ganhou muitas palmas. E eu era quem o aplaudia com mais vigor.

OTAVIO — Obrigado. Embora muito tarde, obrigado.

SONIA — Seu "smoking" estava um tanto apertado, dificultando-lhe os movimentos...

OTAVIO — Sim... uma roupa do ano atrasado. E eu havia engordado um pouco. E madame, vou lhe confessar uma coisa... Eu, ás vezes, chego a sentir saudades daquele tempo.

SONIA — Saudades daquele tempo, não. Saudades dos seus vinte e cinco anos brilhantes, de sua cabeleira magnífica, de sua irresponsabilidade...

OTAVIO — A vida me parecia mais digna de ser vivida.

SONIA — A sua. As que o cercavam não lhe interessavam...

OTAVIO — Por que diz isso?...

SONIA — Otavio... Vou acender as luzes... (RUIDO) E agora?

OTAVIO — Vejo que estou diante duma mulher bonita.

SONIA — Só?

OTAVIO — E inteligente, misteriosa... Que mais posso dizer?

SONIA — Olhe bem para mim, Otavio. Será possível que eu tenha mudado tanto? Volte seu pensamento para vinte anos atrás... Recorde uma viagem na Mogiana... Uma noite num hotelzinho barato de Campinas... Dez dias numa pensão do Paissandu em São Paulo... Depois três meses no Catete, aqui no Rio...

OTAVIO — Não é possível!

SONIA — E depois? Uma viagem com a promessa de mandar buscar-me o mais breve possível. E as cartas que foram se distanciando... E por fim, só o silencio...

OTAVIO — Nadir!

ROBERTO — Você não conhece Sonia. Ela não recua nunca. Enfrenta todos os perigos com o mesmo espírito de desprisa. É por isso que eu a temo.

NADIR — Talvez. Agora ela ficará presa e sem as suas livres deca.

ROBERTO — Infelizmente, Nadir, você se engana. O que poderá acontecer é que se mude do Brasil. Amanhã ou depois estará livre e está tomando um avião para qualquer parte.

NADIR — Dá no mesmo. Com tanto que ela saia do Brasil, que deixe você em paz...

ROBERTO — Sim. Isso é o que importa.

NADIR — Quem será? Com licença. (PASSOS — FONE) Alô! Sim, Nadir... Com quem quer falar? Roberto? Sim... Está... Quem quer falar com ele?... Sim... sim... Um momento. Telefone para você, Roberto. Disse que é urgente.

ROBERTO — Quem é?

NADIR — Tag, o secretário de madame Sonia. Vai atendê-lo?

ROBERTO — Sim... Preciso. Com licença. (PASSOS) Alô! Roberto... Como soube que eu me encontrava aqui? Sonia é vidente? Ora, deixe de tolices! Sei... sei... E que deseja ela? Está bem... Está bem... Não faltarei. Sei... (DESLIGA)

NADIR — O que foi?

ROBERTO — Sonia quer que eu vá vê-la.

NADIR — Como? Não está presa?

ROBERTO — Prestou fiança. Não pode ficar presa antes que façam o processo. E tenho certeza de que não encontrarão nenhuma prova contra ela. Até mesmo a mulher do professor Juvenal depôs a favor de Sonia. Sonia é inteligente.

NADIR — É satânica!... Mas para que deseja ela que você vá procurá-la? Você não me disse que havia rompido definitivamente com ela?

ROBERTO — Sim... Isto é, combinamos tudo... E agora...

NADIR — E agora ela manda um recado pelo telefone e você vai correndo atendê-la.

ROBERTO — Mas não encontro motivos para não ir... Finalmente, apesar de tudo, somos ainda bons amigos.

NADIR — Eu a odeio. E não concordo que você continue mantendo relações de amizade com essa criatura.

ROBERTO — Está bem, Nadir. Prometo a você que hoje liquidarei tudo de uma vez.

NADIR — Como se eu pudesse ainda acreditar nessas promessas.

ROBERTO — Francamente, Nadir...

NADIR (CHOROSA) — A todo instante sou humilhada por você, por essa mulher. Ela a estas horas estará rindo-se de mim...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA (MUITO)

TAG — Francamente, Sonia. Não vejo motivos para estar alegre. Finalmente ainda não estamos livres de todo.

SONIA — Estou rindo por me lembrar da cara que fez o comissário quando eu predisse a sua morte para o dia 28 de maio...

TAG — Fez mal. Ele pode ser um criatura impressionável.

SONIA — Não... Mas logo depois eu disse que não seria nessas próximas 30 anos. Ai eu na satelite...

TAG — E como foi que você conseguiu dizer tudo aquilo do temperamento dele?

SONIA — Os rudimentos da grafologia que você me ensinou. Enquanto eu falava ele estava escrevendo e eu notando os cortes dos H, a direção da escrita, o fechamento das ovals... etc... Aquele V, por exemplo, cheio de voltas complicadas, tipicamente feminino, está em perfeito acordo com aquela gravata horrorosa...

TAG — Deixemos lá que o homem ficou impressionado com você. Estava vendo a hora em que ele estendia a mão e fazia perguntas sobre o futuro.

SONIA — Toda a humanidade sente a necessidade de ser iludida, Tag. Até mesmo Santo Agostinho, em sua mocidade, chegou a acreditar na astrologia. Só descreu quando encontrou dois indivíduos, nascidos no mesmo dia, às mesmas horas, sendo um nobre e outro um pobre cativo. (CAMPAINHA)

TAG — Temos visitas, Sonia.

SONIA — Deixe. A Julia abrirá a porta.

TAG — Será novamente a polícia?

SONIA — Não creio... (PAUSA) Olhe quem é...

ROBERTO — Boa noite, Tag. Aqui estou, Sonia. Cumpro prontamente as suas ordens.

SONIA — Pois eu mandei chamá-lo, Roberto, para lhe dizer claramente que você é um...

ROBERTO — Não diga, Sonia. Eu já entendi e considero-me insultado. E agora?

CONTROLE — INTERLUDIO

ROBERTO — Sim, e agora o que tem a me dizer?

SONIA — Pode nos deixar, Tag.

TAG — Perfeitamente. Com licença. (PASSOS CONTINUA)

ROBERTO — É segredo? Então trata-se de um assunto sério?

SONIA — Seríssimo. Fui presa, Roberto. Estive algumas horas detidas até que meu advogado conseguisse me livrar. E no entanto, você não se interessou em saber o que me acontecia.

ROBERTO — Só soube à noite, agora mesmo, pelos jornais.

SONIA — E deve ter ficado contente, quando que se livrara de mim. Mas ainda não, Roberto. Estou livre...

ROBERTO — E o processo?

SONIA — Será cancelado desde que eu aceite deixar o Brasil.

ROBERTO — E você?

SONIA — Tenho a minha viagem dependendo de você.

ROBERTO — Não compreendo.

SONIA — Não se faça de tolo. Você sabe muito bem o que desejo dizer. Eu estou pronta a sair do Brasil, caso você embarque comigo.

ROBERTO — Eu não poderia sair do Brasil neste momento.

SONIA — Não pretende me dizer que tem negócios que o prendem aqui!

ROBERTO — Não... Mas existem circunstâncias que me obrigam a ficar.

SONIA — Nadir!

ROBERTO — Eu não disse.

SONIA — Não disse mais é sobre o motivo. Falemos claramente Roberto.

ROBERTO — Falei da minha ordem, Sonia.

SONIA — Até quando pretende tentar me iludir? Não me iludir. Você disse que Nadir era um namorado bem importante, um deuses seus estúpidos acessos sentimentais. E no entanto, isso está durando há três meses.

ROBERTO — Nada mais existe entre nós, Sonia. Aliança a você...

SONIA — E por que estava em casa dela, hoje, agora há pouco?

ROBERTO — Amizade, Sonia. Nada mais que amizade.

SONIA — Mentiroso! Ninguém poderia aceitá-lo como amigo.

ROBERTO — Compreenda, Sonia. Eu pretendo deixar Nadir. Mas não posso fazê-lo assim, bruscamente. É preciso que ela não sofra...

SONIA — Sim... É preciso que ela não sofra...

ROBERTO — Logo, a única maneira que encontrei, para atender ao seu pedido de evitar sofrimentos à pobre pequena, foi esperar que ela mesma procure se livrar de mim.

SONIA — Roberto, você jura que isso é verdade?

ROBERTO — Pela minha honra.

SONIA — Eu desejaria acreditar. Mas não é possível. Você jura por um sentimento que jamais conheceu.

ROBERTO — É verdade, Sonia. Eu teria deixado Nadir, como tantas outras si você não me recomendasse: não a faça sofrer...

SONIA — Sim... Eu não quero que ela sofra.

ROBERTO — E, com toda sinceridade, não compreendo esse seu interesse por essa menina.

SONIA — É difícil de explicar, Roberto. Mas eu me simpatizei muito com Nadir. E a pobrezinha é doente. Ela não sabe que tem um coração fraco... Um choque, poderia ser fatal. Eu iria sentir arrependimento para o resto da vida.

ROBERTO — Pois eu prometo que ela não sofrerá. Ela ficará cansada de mim. Saturada de minha presença e me mandará embora. Acredite.

SONIA — Você promete, Roberto?

ROBERTO — Prometo. E depois iremos viajar, para longe...

SONIA — Sim... para longe, para bem longe...

ROBERTO — E agora um beijo, querida. (BEIJO)

SONIA — Ordinário. E apesar de tudo, como eu gosto de você!

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

SONIA — Bom dia, Tag. O que houve? Que cara é essa?

TAG — Uma notícia nos jornais de hoje que deve interessá-la...

SONIA — Sim?... É sobre a minha prisão?

TAG — Não. A notícia vem na seção musical.

SONIA — Ele?!

TAG — Sim... Está no Brasil.

SONIA — Ele no Brasil... Na mesma cidade... Talvez no mesmo bairro. Que vontade eu sinto de lhe falar!

TAG — Quer que eu descubra o telefone do hotel onde ele está?

SONIA — Não, não...

TAG — Mas não queria lhe falar?

SONIA — Quería, para insultá-lo. E isso não posso, não posso...

TAG — Já pensou em insultá-lo a um músico de nível internacional?

SONIA — Não... Não quero pensar. Talvez ele se mostrasse num indiferentismo enorme. E seria horrível!

TAG — Sonia, acaso você ainda?...

SONIA — Não, Teo. Não... Eu não posso amar a um homem que me fez sofrer tanto. Eu o detesto...

TAG — Mas ainda conserva os discos dele...

SONIA — Sim, conservo. Você sabe que continuo admirando o artista.

TAG — Sei. Tanto sei que já reservei uma friza para assistirmos o concerto que ele vai nos dar...

SONIA — Você fez isso, Tag?

TAG — Não queria que o fizesse?

SONIA — Não sei... Queria... Não, não queria... Isto é... Quando é o concerto?

TAG — Na próxima sexta-feira.

SONIA — Ótimo! Lá estaremos.

TAG — Eu sabia. Sexta-feira estaremos ouvindo um mestre do violino...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL — FUNDE COM SOLO DE VIOLINO QUE FICA EM PRIMEIRO PLANO — COMEÇA NO MEIO DO DISCO

SONIA (BAIXO) — Ainda é o mesmo artista!

TAG (IDEM) — Talvez melhor ainda! Com mais técnica e mais alma também.

SONIA — Envelheceu!

TAG — Nós também envelhecemos...

SONIA — Sim... Nós também envelhecemos... (OT) Veja, Teo quem acaba de entrar. Lá, nas últimas filas...

TAG — Roberto...

SONIA — Sim, Roberto e ela.

TAG — Estranha coincidência! Ela assistindo o concerto do próprio pai e julgando-o um estranho...

SONIA — Cale-se, Teo. Deixe-me ouvir. Talvez a música me acalme. Olhe, leve este bilhete para ser entregue a ele...

TAG — A Roberto?

SONIA — Não... Ao violinista.

TAG — Como? Então pretende lhe falar?

SONIA — Pretendo. Faça com que este bilhete chegue-lhe às mãos. Vá, Tag. Ande...

TAG — Está bem. Eu vou. E amanhã, quero ver a surpresa dele...

CONTROLE — SCBE A MUSICA E FUNDE COM PASSAGEM MUSICAL

NADIR — Confesso a minha surpresa. Não esperava que viesse me ver...

SONIA — Estou apenas retribuindo as duas visitas que me fez... (PAUSA) Não me convida a entrar?

NADIR — Naturalmente que sim. Faça o favor...

SONIA — Creio que está só em casa.

NADIR — Realmente. A senhora, como vidente, deve ter sabido que minha tia saiu para ver uns negócios de suas propriedades...

SONIA — Sim. Eu sabia que encontraria você sosinha.

NADIR — E por isso veio?

SONIA — Não... Por amor. Não, para você... Para

NADIR — Tanto a impugnação do meu amor como a

SONIA — Essa notícia... (Pausa) Não... Não

NADIR — E se eu não quiser ouvir?

SONIA — Você me ouvirá. Depois poderá exigir que

NADIR — Está bem. No entanto previno-a que é inútil

SONIA — Eu vim lhe dizer que dentro de poucos dias

NADIR — Essa notícia me faz feliz.

SONIA — E que Roberto irá comigo.

NADIR — Não acredito.

SONIA — Eu também não acreditava que uma porção

NADIR — Ele não terá coragem para fazer isso. E se

SONIA — Se o fizer?

NADIR — Eu... eu o matarei.

SONIA — Não diga tolices, menina. Onde vai?

NADIR — Abrir esta gaveta... (RUIDO) E mostrar-lhe

SONIA — Para que quer esse revolver?

NADIR — Roberto é o homem que amo. Se ele me

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Que pretenderá fazer Nadir? Será simples

TAG — Senhores ouvintes, eu sou mais que um secre-

SEXTO CAPÍTULO

CONTROLE — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Sonia a vidente, sabendo que Nadir, que

CONTROLE — SOBE A MUSICA E CAI

NADIR — Previno-a que é inútil pedir-me que aban-

SONIA — Eu vim lhe dizer que dentro de poucos dias

NADIR — Essa notícia me faz feliz!

SONIA — E que Roberto irá comigo.

NADIR — Não acredito!

SONIA — Eu também não acreditava que uma porção

NADIR — Ele não terá coragem para fazer isso.

SONIA — Se o fizer?...

NADIR — Eu... o matarei!

SONIA — Não diga tolices, menina! Onde vai? (P-

NADIR — Abrir esta gaveta... (RUIDO) E mostrar

SONIA — Para que esse revolver?

NADIR — Roberto é o homem que amo. Se ele

SONIA (ENERGICA) — Guarde essa arma, louquinha.

NADIR — A senhora é de uma crueldade sem no-

SONIA — Faz mal, faz muito mal.

NADIR — E' que eu já não sei o que penso, o que

SONIA — Você deve, antes de mais nada, domar

NADIR — A senhora tem tudo, fortuna, liberdade

SONIA — E' em seu proprio beneficio, acredite. N

NADIR — Não acredito.

SONIA — Um dia acreditará... Nadir, você é jov

NADIR — Irei sofrer tanto!

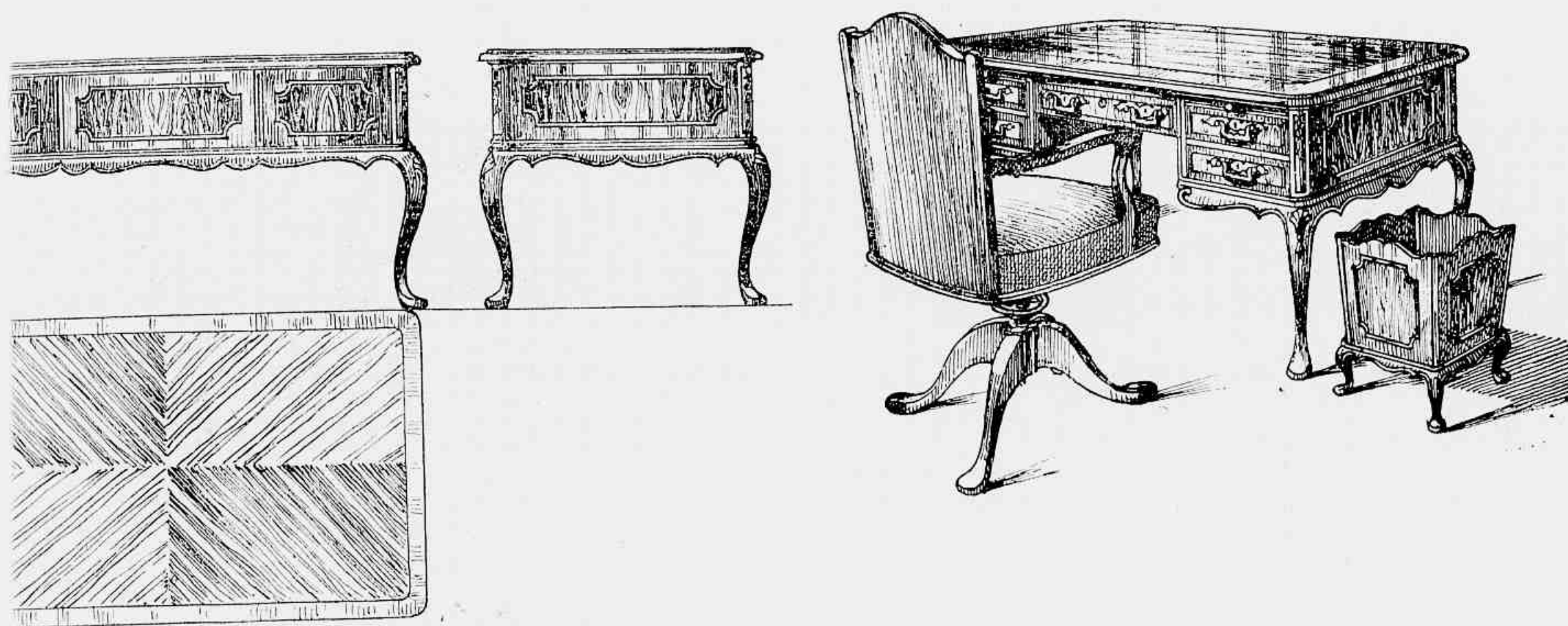
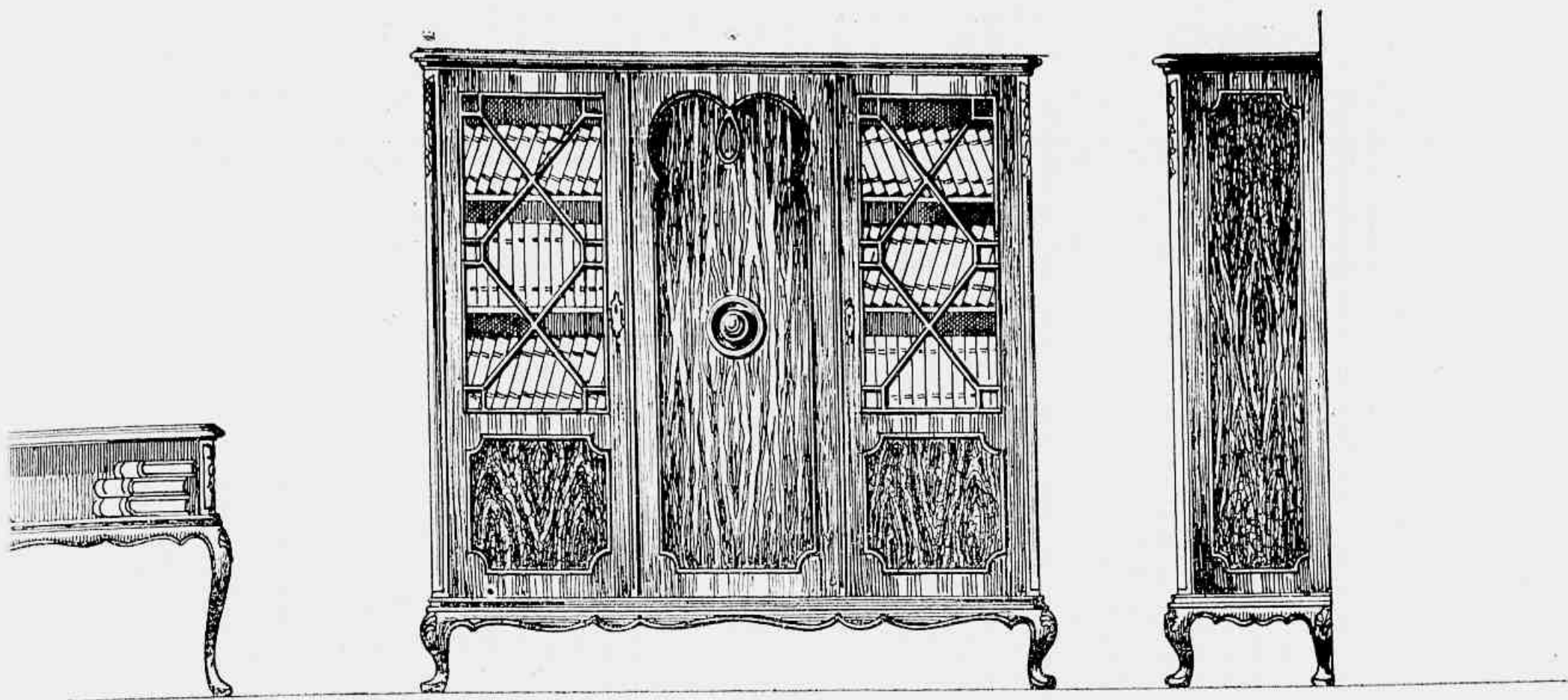
SONIA — Só com sofrimento pode-se conquistar

NADIR — Rica... De que me vale a fortuna que

SONIA — Infelizmente em nossa sociedade o din

NADIR — Pois muito bem. Para a senhora o din

SONIA — Como? Não compreendo!



LO DE ESCRITORIO

Fugindo á rigidez das formas retilineas predominantes nos moveis de estilo moderno, apresentamos aqui aos nossos leitores um modelo de escritorio chipendale, trabalhado em madeira clara, apresentando características originais e perfeitas. A secretaria alta de cinco gavetas, apesar de conservar as linhas do estilo genuino, é dotada de todos os requisitos da tecnica moderna, permitindo que se possa escrever sobre ela com conforto e rapidez. Uma cadeira giratoria, uma estante larga e duas pequenas mesas completam este lindo escritorio.

BILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS ASTORIA



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz